



Vida

Um Romance de
Leandro Soriano Marcolino

Vida

Leandro Soriano Marcolino

2ª Edição

Este livro está disponível para leitura gratuita. Por favor, divulgue para seus amigos. Se você gostar da leitura, faça uma doação, de qualquer valor, através do site do autor em www.leandromarcolino.com.br.

Copyright © 2010-2012

Leandro Soriano Marcolino

Todos os direitos reservados

Foto da Capa: Tachaya Athiterathada

Para meus pais

Índice

Capítulo 1.....	12
Capítulo 2.....	42
Capítulo 3.....	74
Capítulo 4.....	104
Capítulo 5.....	132
Capítulo 6.....	160
Capítulo 7.....	190

Capítulo 1

Eles caminhavam pelo estacionamento, cansados. A mulher olhava preocupada para o céu escuro e cheio de nuvens, enquanto o homem procurava o Gol vinho. Avistou-o na terceira fileira, próximo de onde se lembrava que havia estacionado. Apertou um pequeno botão no chaveiro, desbloqueando o alarme. As luzes do carro piscaram, como um animal que recepciona o seu dono. Ele se aproximou da porta da direita, mas hesitou. Ainda segurando a chave do carro, perguntou:

— Você dirige, querida? — Olhou-a com os olhos levemente vermelhos, devido ao cansaço e ao álcool.

— Não sei... Estou tão cansada, meus pés estão me matando. Não deveria ter vindo com esse salto — mentiu. É claro que ele sabia que ela tinha medo de dirigir na estrada.

— Eu te avisei, você também não me escuta.

— Você tinha razão — ela esperou o efeito de sua frase acalmá-lo. — Nós dançamos muito hoje, foi ótimo... — Esboçou um sorriso, tentando animar seu marido. Mas uma estranha sensação dominava seu peito. Não sentia-se tranquila. Nem um pouco.

— Pena ter sido tão longe, não gosto de estrada à noite. — Enquanto falava, soprou um vento frio. A mulher se arrepiou.

A música tocava alta no salão de festas, mas apenas um casal deslizava pela pista de dança. Os olhos castanhos do homem estavam admirando a mulher em seu longo vestido vermelho e cabelos loiros presos em um

elegante penteado. Ela pousava a mão esquerda no terno azul escuro, enquanto olhava para seus cabelos castanhos recentemente cortados. A mulher movia-se com leveza, apesar do salto alto e fino. Um leve brilho embelezava seu olhar. O homem segurava sua mão direita, sentindo a pele de seda a emanar o calor da vida.

Ele entrou no carro. Colocou a chave na ignição. Solto-a, sem girar.

— Tem certeza de que não quer dirigir?

— Não aguento, querido... Estou cansada — seus olhos suplicavam.

Ele não respondeu. Simplesmente desviou o olhar para frente e girou a chave. O pequeno cachorro branco de pelúcia, preso no para-brisas do carro, tremeu. Engatou a primeira marcha enquanto uma nuvem escura começava a tampar a tênue luz de uma lua minguante. Acendeu os faróis, iluminando o estacionamento já quase vazio. O vigia, um homem de meia-idade gordo e quase careca, abriu vagarosamente o portão. A madeira velha arrastava no chão enquanto se movia, fazendo um barulho terrível.

Os pés se moviam para a direita e para a esquerda, enquanto o corpo girava levemente. A saia roçava as pernas da mulher, ora juntando-se à pele, ora saltando ao ar. O homem deu um passo à frente, levando a obediente perna direita da mulher atrás, o que impulsionou o tecido vermelho a soltar-se de sua coxa. O perfume, talvez inspirado por esse movimento, deixou também a pele suave para ser absorvido pelo calmo respirar do homem, que acabou por suspirar.

Os faróis jogavam sua luz no frio asfalto, mostrando

as faixas amarelas que se aproximavam e se afastavam, se aproximavam e se afastavam. A estrada era estreita, com apenas duas pistas e sem acostamento, o que deixava o homem apreensivo. Algumas vezes, um carro passava velozmente do seu lado, no sentido contrário. Ao redor havia uma mata exuberante, mas que mal podia ser vista devido à capa negra da escuridão. Galhos passavam por cima da estrada, enfeitando-a com um teto de madeira e folhas. Eram esparsos, permitindo enxergar o céu sem estrelas e as nuvens densas que o dominavam. Em algum lugar caiu um relâmpago, assustando a mulher. Ela mantinha as mãos, tensas, pressionadas sobre a coxa.

Moviam-se para frente e para trás, com o balançar suave do ritmo que preenchia o ambiente. Ele cruzou a perna direita na frente da esquerda, levando a mulher, graças à misteriosa linguagem dos gestos e intenções, a espelhar os seus passos. Conduziu a mulher à sua direita, em seguida à sua esquerda, para finalmente retorná-la à sua direita, sempre guiando os seus movimentos, que inclinavam levemente o corpo, com a mão que segurava firmemente sua cintura. Ele levantou a mão direita e soltou a esquerda, fazendo com que a mulher girasse. O tecido vermelho da saia pôde saltar-se ao ar em todas as direções, mas tomando o cuidado de não mostrar mais da coxa da mulher do que o apropriado. Ela pousou novamente a mão nas costas do homem, logo abaixo do pescoço.

Subitamente, como se os céus fossem tomados por uma intensa fúria, começou a cair uma forte chuva. O limpador de para-brisas trabalhava incansavelmente, lutando contra os pingos que ansiavam por cegar o carro. O barulho de água caindo na lataria dominava o

interior do veículo, pois o casal estava em completo silêncio. Um grande buraco, com água marrom até a borda, aproximou-se rapidamente; o homem girou o volante para desviar-se, mas... foi tarde demais. O automóvel deu um tranco para a direita, devido ao desnível temporário entre as rodas, enquanto espirrava a água da poça em direção à mata. O homem sentiu-se lento. Estava cansado.

— Será que não deveríamos parar? — Ela quebrou o silêncio.

— Não há lugar para encostar o carro. É perigoso.

— É mesmo... — Ela ficou calada por alguns instantes. — Deveríamos ter ido embora mais cedo — disse, com a voz baixa e lenta.

Ele não respondeu. Com um comando de voz, ela ligou o rádio. Requisitou ao aparelho um volume baixo e uma música suave. Como um cachorro obediente, que senta quando falamos “senta”, o rádio começou a tocar *Inverno*, das *Quatro Estações* de Vivaldi. A mulher torcia para que a música não incomodasse seu marido, mas precisava quebrar aquele silêncio opressor. Começou a rezar, baixinho.

Voltaram ao passo básico, para frente e para trás, durante alguns instantes. O homem, ao dar um passo para frente, inclinou um pouco o pé, fazendo com que girassem sem soltar as mãos que docemente se encontravam. Deu um passo para trás, mas fez com que girassem novamente, dessa vez no sentido contrário. Levou a perna esquerda à frente e não moveu mais os pés, apenas conduzia a cintura da mulher para um lado e para o outro, para um lado e para o outro, enquanto ela movia-se cruzando alternadamente a perna direita em frente da esquerda e a esquerda em frente

da direita. Saíram um pouco do ritmo nesse passo, trazendo um leve sorriso aos lábios da mulher.

O vento ficou mais forte, os galhos tremiam. Folhas caíam na estrada, dificultando um pouco mais a visão devido àquelas que cismavam em cair no para-brisas. O homem desejou um cigarro naquele momento. Sentiu-se mal, talvez devesse acompanhar sua esposa nas orações e reencontrar uma fé há tanto tempo esquecida. À direita, uma placa de advertência aproximou-se rapidamente, mas não conseguiu enxergá-la com clareza. Um relâmpago caiu próximo, iluminando o ambiente tarde demais. Ficou se perguntando o que estaria indicado naquela placa perdida. O estrondo do trovão fez a mulher parar suas orações por alguns instantes, assustada. Enquanto isso, os violinos do *Inverno* tocavam dentro do carro, irritando o homem.

Ele a virou, de forma que o casal olhasse para a mesma direção, e colocou-a a seu lado. Sentia, na lateral do tronco, o contato suave da mulher. Ela pousou a mão novamente próxima do pescoço do homem e a desceu levemente alguns centímetros pelas suas costas, fazendo-o arrepiar. Sua mão direita segurava o lado direito dela, um pouco acima da cintura. Ele levou a perna direita para o lado, em frente à perna da mulher, enquanto ela também dava um passo para o lado com a perna direita. Juntaram novamente os pés, para em seguida ela colocar a perna esquerda em frente à perna do homem, enquanto ele dava um passo para a esquerda. Virou-a, colocando-a em frente novamente, soltou a sua cintura e levantou a mão esquerda, fazendo-a girar.

Um relâmpago caiu na estrada. O coração do ho-

mem batia forte, enquanto avançava o carro contra todas as forças da natureza. Outro relâmpago caiu próximo, seguido de dois trovões que pareciam tambores de uma guerra. O limpador de para-brisas lutava, mas não conseguia tornar a estrada mais que parcamente visível, tamanha era a água que atacava as suas frentes. A mulher pensou em pedir ao marido novamente para estacionar o carro, mas teve receio de questioná-lo. Uma curva abrupta surgiu de repente, como se tivesse vindo do nada, colocada naquele momento por um demônio que queria impedir-lhe o caminho. Girou o volante para vencê-la, o carro inclinou-se para a esquerda... mas parou de girar, seguindo apenas em linha reta. Aterrorizado, percebeu a mata ficando mais próxima. Outro relâmpago caiu, iluminando as árvores. O estrondo do trovão ecoou nos ouvidos da mulher como uma promessa de morte.

A mulher realiza um novo giro, mas dessa vez se afasta do homem, esticando a mão esquerda, seu único ponto de contato. Dobra um pouco o joelho e estica a perna direita, inclinando levemente o corpo. Ele a puxa, a mulher volta girando, encontrando-se com o homem de costas para ele. Dão um passo para a direita nessa posição, ela gira novamente para pousar a mão esquerda sobre suas costas. Ao ver o rosto dela tão próximo, o homem sorri, como se naqueles breves instantes tivesse sido acometido pela maior das saudades.

A árvore se aproximava, com uma frieza cruel. Ele girava o volante, mas o carro não mais lhe pertencia, estava derrotado, entregue às forças da natureza e do destino, era um reles pedaço de madeira a boiar no riacho dos deuses. A mulher tentou gritar, mas não con-

seguiu; talvez o tempo não tenha sido suficiente. Árvore e carro se encontraram, duas forças antagônicas a disputar o mesmo espaço, em uma batalha que só poderia ter como resultado sangue e sofrimento. Árvore e carro se encontraram, destruindo a lataria, quebrando o para-brisas, furando o cachorro de pelúcia branco que tão pacificamente vivia. Árvore e carro se encontraram, mas o impacto na cabeça de Rodrigo foi tão forte que imediatamente perdeu a consciência, enquanto o sangue escorria por sua testa. Luíza, sentindo a perna direita presa nas ferragens, ainda teve tempo de chorar.

Ela também sorri, ao ver o brilho em seus olhos. Puxa-o um pouco mais para perto de si, e continuam a dança apenas indo para frente e para trás, dois para lá e dois para cá, um passo básico e simples mas que os permitia aproveitar a presença um do outro, encontrar os olhares e não mais perdê-los em giros ou coreografias. Ele estava absorvido na imensidão dos olhos da mulher, a íris com a borda escura, o círculo preto perfeito no centro, uma mancha castanha espalhando-se em todas as direções, mas limitada por um castanho claro intenso manchado de verde que dominava a maior parte daquele olhar. Nele o homem parecia encontrar toda a eternidade e finalmente compreender o sentido de sua vida. Ela admirava a íris castanha escura, quase homogênea, mas infinitamente complexa em seus finíssimos traços rugosos que convergiam para o centro, onde dominava um círculo preto profundo. Naquele olhar sentia-se segura e amada.

* * *

Ele estava sentado em frente ao balcão. Em sua fren-

te havia um copo de uísque, a doce bebida amarga que aos poucos deixava descer quente pela sua garganta. Ah!, saboroso fruto do malte, não é à toa que era considerado como a água da vida, cultivado nos monastérios como o elixir da vida eterna. Sim, a cada gole parecia mais perto da eternidade, o espírito livre e leve soltava-se ao longo daquela noite de sexta-feira.

Luíza o observava, segura pela distância e pela presença de mais duas amigas. Talvez o fato de ser o único homem de terno no bar tenha chamado a sua atenção. Talvez tenha sido sua aparência, o corte de cabelo elegante, o porte atlético, o sorriso suave que vira quando ele cumprimentou o garçom. Talvez tenha sido apenas mais um desses pequenos fatos aleatórios, que parecem não significar nada quando acontecem, mas anos depois vemos que mudaram a nossa vida para sempre.

— Você está de olho nele, hein? — Cláudia perguntou maliciosamente.

— É muito bonito... — respondeu com um sorriso, como se realmente soubesse o motivo de sentir-se atraída.

— Vai lá!

Cláudia deixou escapar uma pequena gargalhada.

— A Luíza, Ana? Ela não vai nunca!

— Duvida? — Perguntou Luíza.

— Claro! Já foi um custo te arrastar para o bar, minha amiga querida, e você ainda pediu um copo de suco de laranja! Agora vai sair por aí, dando em cima dos homens? — Cláudia riu novamente. — Quero só ver.

- Você aposta quanto? — perguntou, sorrindo.
- Cinquenta reais. Mas apenas se ele te beijar.
- Feito.

Levantou-se, deixando as duas amigas rindo na mesa. Sentiu o rubor subindo-lhe ao rosto, uma vontade imensa de recuar e desistir. “Respire fundo”, disse a si mesma, “respire fundo, você consegue”. Sentou-se ao lado dele no balcão. Em sua frente havia um copo vazio de cerveja. Alguém que, felizmente, havia acabado de sair. Ele não pareceu notar a sua presença, continuava bebericando o copo de uísque, com o olhar vago e distraído de quem está sozinho e bebe para descansar após uma dura jornada de trabalho ou para esquecer algum difícil peso que carrega nas costas. Cruzou as pernas, jogou o longo cabelo loiro para trás e chamou o garçom, na esperança de atrair a atenção do homem ao seu lado. Observou de relance os dedos dele, mas não viu nenhuma aliança que pudesse denunciar um relacionamento.

Ele olhou-a disfarçadamente, enquanto pousava o copo sobre a mesa. Notando o movimento, ela sorriu, com todo o seu potencial natural de sedução. O batom vermelho destacava o movimento e a carne de seus lábios. O homem pareceu surpreso com a reação, ou simplesmente admirava a mulher ao seu lado, pois ficou um longo instante olhando-a, movendo lentamente o dedo no copo frio em sua frente.

- Boa-noite — ele arriscou, finalmente.
- Boa-noite! — respondeu, mantendo o sorriso.
- Está sozinha?
- Sim — mentiu.
- Aceita uma dose de uísque? Esse é muito bom,

puro malte, destilado por mais de três anos no carvalho.

— Obrigada pelo convite — sorriu novamente, jogando os cabelos para trás. Alguns fios soltaram-se de sua franja, caindo em frente aos seus olhos. — Mas não bebo.

Ele, notando o movimento, também sorriu.

— Não bebe? Mas que surpresa... Refrigerante, então?

— Adoraria.

— Como você se chama? — ela perguntou, após um breve instante de silêncio.

— Rodrigo. É um prazer te conhecer.

O garçom aproximou-se e ele fez o pedido. Durante mais de uma hora tomaram uísque e refrigerante, conversando sobre assuntos triviais, e aprofundando o conhecimento que tinham um do outro, até onde realmente pode existir conhecimento de um em relação a outro, mal sabemos quem mora dentro de nós mesmos. Mesmo assim, precisamos dessa ilusão de conhecer, para que, por exemplo, Rodrigo pudesse pedir o telefone de Luíza. Ela sorriu, retirou uma caneta de dentro da bolsa e anotou o telefone em um guardanapo. Escreveu o seu nome acima do número, em grandes letras de forma. Dobrou o papel e entregou-o a Rodrigo. Ele sorriu enquanto pegava o guardanapo e guardava a preciosa informação no bolso.

— Eu te ligo — disse. Em seguida, olhou para o relógio prateado em seu pulso. Deve existir uma magia negra nesses relógios, pois bastou ver a posição dos ponteiros, aquele pequenininho ali, aquele grandão aqui, para alterar completamente o seu comportamen-

to. Agora há pouco, entregara-se completamente à conversa, distraído do resto do mundo. Agora, só porque o ponteiro pequenininho passava do número um, sentira uma urgência súbita em ir embora, como se fosse algo errado sentar-se em frente ao balcão do bar e conversar com uma linda mulher.

Despediu-se. Ela viu-o se afastar, satisfeita pela leve marca de batom que deixara em seu rosto. Desceu do banco, sentindo um forte sentimento de euforia, e andou vagarosamente em direção à mesa das amigas. Jamais havia se arriscado daquele jeito, sempre fora uma garota passiva, a linda menina que derrete o coração de todos os rapazes, e não precisa fazer nenhum outro esforço além de escolher: esse não, aquele não, quem sabe este sim. Agora parecia ter descoberto um outro mundo, onde poderia ativamente buscar quem realmente a interessava, sentia-se como uma jogadora que pela primeira vez descobre a essência do jogo de que participara durante toda a vida.

* * *

A chuva ainda caía forte na estrada, mas o carro de bombeiros a enfrentava corajosamente. Sua sirene gritava, como se fosse capaz de sentir o sofrimento daqueles que deveria salvar. Logo atrás, duas ambulâncias o seguiam, nas quais médicos e enfermeiros aguardavam apreensivos o momento em que deveriam exercer os milagres de sua profissão. Um dos médicos olhava distraído as árvores sendo pintadas alternadamente de azul e vermelho, imaginando o que iria encontrar quando a ambulância chegasse a seu destino.

O motorista do carro de bombeiros, um homem baixo e com o cabelo até os ombros, mantinha toda a

atenção na estrada, tenso. Via as sombras das árvores emergindo e sumindo, via as poças de água em que eventualmente algum pneu mergulhava. Subitamente, os faróis iluminaram uma curva abrupta. Realizou-a sem muitas dificuldades, pois já mantinha a velocidade mais baixa, sabendo que estava próximo do local do acidente. Os faróis iluminaram a traseira de um Gol vinho, em frente a uma árvore velha e grossa. O bombeiro pisou no freio, parando o veículo, e acendeu as luzes laterais. A ambulância mais próxima parou logo atrás, com as luzes traseiras acesas, viradas em direção ao Gol. A forte iluminação provocada no ambiente mostrava a frente toda estragada do carro. O capô levantado e amassado revelava indecentemente parte da maquinaria do automóvel. O para-brisas estava quebrado, pedaços de vidro brilhavam no chão. O motorista não pôde evitar um leve estremecimento.

Seis homens de capacete vermelho e casaco laranja desceram. Um correu segurando cones de advertência para marcar o local, enquanto os outros se dirigiam para o Gol. O reflexo da lua brilhava nas listras prateadas de seus casacos. O bombeiro mais novo foi até o capô e começou a procurar a bateria. Não era uma tarefa fácil, devido ao posicionamento e ao grau de destruição do veículo. Uma gota de suor escorreu pelo lado direito de seu rosto. Não tinha muito tempo. Os enfermeiros e o médico de uma das ambulâncias desceram, enquanto a outra acabava de estacionar no local do acidente. Não fecharam a porta, deixando o veículo pronto para receber os feridos. O jovem médico, em seu primeiro atendimento na estrada, sentia-se nervoso. Rezava para que sua mão parasse de tremer quando atendesse os feridos, quando todos estariam olhando para elas.

O bombeiro finalmente encontrou a bateria. Desconectou-a em poucos instantes, com um sentimento de euforia percorrendo o seu corpo. Um deles entrou pela porta traseira da direita, que não havia amassado com o impacto, enquanto outro segurava a cabeça de Rodrigo passando as mãos através da janela aberta. Colocaram um colar cervical no acidentado. Enquanto isso, outros dois homens executavam ações semelhantes para imobilizar a cabeça de Luíza. O bombeiro não pôde evitar uma grande angústia no peito ao ver o sangue cobrindo o belo rosto feminino. Utilizando um instrumento hidráulico, retiraram as portas frontais do carro. Elas caíram no chão, amassadas e distorcidas, fazendo um barulho seco que se misturou com o suave ruído da chuva. Deitaram os feridos em uma prancha de plástico e os colocaram no chão, enquanto os médicos se aproximavam.

O médico jovem foi até Luíza, desviando-se com dificuldade das raízes expostas no chão. Tocou o ombro da mulher, surpreendido por suas mãos mostrarem-se diretas e firmes, como se existisse alguém ao seu lado, segurando-as e direcionando-as no caminho correto. Fazendo uma pequena oração silenciosa de agradecimento, chamou-a. Enquanto Luíza abria os olhos, abaixou-se próximo de suas narinas e escutou o ar saindo e entrando de seu corpo, o ar que nos sustenta e alimenta. Colocou a mão em seu pulso e escutou as doces batidas do coração. Em seguida, olhou preocupado para a ferida em sua perna, manchando de sangue o vestido vermelho. Subiu a saia do vestido, revelando o ferimento. Nessa hora sua mão tremeu, talvez a visão tenha sido forte demais até para o seu anjo protetor. Pressionou diretamente a ferida, respirando fundo para manter o controle. A luva já estava toda manchada de vermelho, quando o enfermeiro trouxe uma tala inflá-

vel. Ela foi colocada na perna com dificuldade, devido ao estranho posicionamento de seus ossos, mas o enfermeiro, em seus vinte anos de profissão, conseguiu auxiliá-lo adequadamente.

Enquanto isso, o outro médico examinava Rodrigo. Após verificar sua respiração e sua circulação, preocupado pelo paciente não ter respondido quando o chamou, mandou-lhe abrir os olhos. Ele continuou imóvel, deitado na chuva, enquanto um filete de sangue escorria por sua testa, misturando-se com água e escorrendo até próximo de seus olhos, antes de cair na prancha. Abriu a pálpebra e segurou-a, enquanto iluminava o olho com uma lanterna. A luz destacou o grande galo em sua testa, vermelho e sujo de sangue. A pupila, grande e redonda, encarou a lanterna por um instante terrivelmente longo, antes de finalmente reagir e diminuir seu tamanho. Tenso, o médico beliscou a mão do acidentado, torcendo para que se manifestasse, mas nada aconteceu. Mantinha-se imóvel, deitado naquela noite de chuva, completamente inconsciente de tudo ao seu redor.

As pranchas foram levantadas e colocadas dentro das ambulâncias, enquanto um dos bombeiros retirava os cones de advertência. As portas traseiras fecharam, finalmente isolando os acidentados do local de seu pesadelo. O carro de bombeiros e as ambulâncias começaram a se afastar do Gol ferido, deixando para trás o sangue caído na mata e o último instante da noite daquele casal.

* * *

Luíza estava deitada no sofá, de pijamas, vendo mais uma vez Casablanca. Era uma noite de sábado, dessas

em que alguns passeiam com a pessoa que amam, outros passeiam com a pessoa que acham que amam e a maior parte passeia com a pessoa que não a desagrada o suficiente para recusar a companhia. Há também o grupo que prefere ficar em casa, lendo um bom livro, vendo um bom filme ou, até mesmo, trabalhando ou estudando. Ela ainda fazia parte desse restrito grupo, talvez por opção, talvez pela falta desta, pois lá estava acompanhando as imagens que sucessivamente se mostravam na televisão.

O telefone tocou. Foi tomada por uma grande sensação de preguiça. Levantar-se e retirar o fone do gancho parecia uma tarefa árdua e difícil; dizer “alô”, então, e iniciar a dança das relações humanas, era simplesmente impossível. Deixou o telefone tocar, permitindo que o irritante barulho se misturasse com o som da trama que se desenrolava na televisão. No início fingiu que não a incomodava, mas ficou aliviada quando o telefone finalmente parou de gritar.

Levantou-se, abriu a garrafa de Coca-Cola que estava na mesa de tampo de vidro em frente ao sofá e serviu até a metade do copo com marca de batom. Tomou um gole do líquido, sentindo as pequenas bolhinhas de gás explodindo em seus lábios, em sua língua, no céu de sua boca. Pousou o copo na mesa de vidro e deixou seu corpo perder-se novamente no sofá.

O telefone tocou. Irritou-se. Deus, tudo o que queria era descansar um pouco, seria pedir demais? Tudo o que queria era concentrar-se no filme e esquecer, pelo menos por duas horas, das tristezas, das decepções, do cansaço, dos problemas, da vida e da morte. Viver aquele mundo de papel que se desenrolava na televisão, onde o mocinho beijava a mocinha e eles viveriam felizes para sempre, o que quer que signifique ser

feliz, viver e para sempre. Levantou-se e andou preguiçosamente até o telefone. Pegou o fone, deixando um “alô” escapar de seus lábios. A resposta veio na forma de uma voz masculina, forte, mas evidentemente nervosa apesar de todo o esforço para dissimular esse fato. Nada que um gaguejar aqui e ali ou uma frase dita rápido demais não pudessem revelar. Não reconheceu imediatamente que era Rodrigo do outro lado da linha, já havia quase apagado da memória o homem que conhecera no bar. Finalmente ele a chamava para sair, depois de mais de duas semanas sem nenhum contato. Quase recusou o convite, parecia uma bobagem procurar um relacionamento agora, estava começando a construir sua vida profissional e a buscar a sua independência. Seu último namorado havia sido tão ciumento, tão controlador, era bom estar livre. Mas aquele desânimo, aquela solidão a sufocavam. Sentiu pena de si mesma, mais uma vez assistindo Casablanca em um sábado à noite, enquanto tantos passeavam por aí com as pessoas que amavam. Lembrou-se da sensação de euforia que sentira no bar, ela descia quente por sua alma, limpando a preguiça e o desânimo. Acabou aceitando o convite com um sorriso nos lábios.

* * *

Elena dormia profundamente, espalhada na longa cama de casal. Seu cabelo curto e pintado de castanho, tentando disfarçar a idade que as rugas de sua pele tão escancaradamente denunciavam, estava completamente despenteado. Nas mãos ainda segurava o terço, adormecera rezando. O quarto, silencioso e escuro, exceto pelo leve barulho do ventilador de teto, mostrava um profundo respeito pelo honrado e mereci-

do sono dos mais velhos.

O telefone tocou, arranhando o silêncio do quarto. Deixou um resmungo escapar de seus lábios enrugados, como se isso pudesse calar o terrível aparelho. Mas o telefone continuou gritando, inexorável, firme e seguro em sua base no criado-mudo da direita, próximo de um crucifixo de onde um homem olhava para ele com toda a sua piedade. Abriu os olhos, sentindo o amargo esvaír da doce bruma dos sonhos. Levantou-se com dificuldade, os músculos já velhos não conseguiram exercer mais a força de sua juventude. Olhou para o rádio-relógio: seus *leds* vermelhos pintavam a escuridão com 3:52. Quem seria a uma hora dessas? Será que havia acontecido alguma coisa? Tirou o fone do gancho, enquanto sua mente pensava nos mil problemas que poderiam ter acontecido.

— Alô? — disse com a voz cansada e hesitante.

— Bom-dia, falo com Elena Silvera? — Era uma voz feminina. Buscou-a em sua empoeirada memória, mas não conseguiu lembrar-se de ninguém com aquela voz. Isso assustou-a um pouco mais.

— Sim? — A afirmação saiu com um leve tremor, dizia sim mas queria dizer não, queria desligar o telefone e fingir que nada acontecera, que estava tudo bem, que poderia simplesmente voltar a dormir.

— Sua filha, Luíza Andrade, e o marido dela, Rodrigo Andrade, sofreram um acidente na estrada. Estão no hospital Mary Shelley. Luíza será submetida a uma cirurgia em breve. Rodrigo ainda está sendo atendido pelo neurologista de plantão.

Não respondeu. Imagens se descarregaram em sua mente em uma incrível velocidade, Luíza deitada em uma cama branca, com a barriga toda aberta e sangue

fluindo dela como um rio, manchando a cama de vinho e escorrendo para o chão como uma triste cachoeira; Rodrigo com o rosto cadavérico, os olhos esbugalhados, enquanto uma lágrima de sangue escorria por seu rosto; um funeral onde dois caixões eram enterrados lado a lado, condenados a viver na eternidade a companhia que tiveram tão pouco tempo para aproveitar na vida.

— Elena? — Perguntou a voz, em um tom preocupado.

— Nossa Senhora... Como eles estão, meu Deus?

— Rodrigo pode ter sofrido um trauma craniano grave. Luíza está recebendo os primeiros preparativos para ser operada, perdeu muito sangue e machucou gravemente a perna direita. No hospital poderá conversar pessoalmente com os médicos e obter mais detalhes sobre o caso.

— Meu Deus... Estou indo para aí.

Foi direto para o hospital. Sua mente pensava obsessivamente no dia em que Luíza, com sete anos de idade, quase se afogou na piscina do sítio em que costumavam passar o final de semana. Lembrava-se da filha pálida, deitada no chão de pedra. Os cabelos, molhados, tampavam parte do biquíni rosa, enquanto outros fios jaziam inertes no chão. Nunca se esqueceria daqueles olhos fechados, dos lábios um pouco abertos, da barriga sem os leves movimentos da respiração. Nunca se esqueceria dela, desesperada, fazendo respiração boca a boca, pressionando o tórax daquele pequeno corpo quase sem vida. E o pior, aquele terrível sentimento de culpa.

Deixou o carro no estacionamento. Olhou relutante para a porta dupla de vidro da entrada, a palavra

“Emergência” escrita logo acima com letras de *led* vermelho, como se fosse uma ameaça, o rugir de um monstro branco com dentes de vidro que não nos deixa nenhuma opção senão caminharmos tristemente pela sua goela. Em um banco em frente ao hospital, uma mulher deixava as lágrimas rolares por seus olhos, enquanto os tampava com as mãos, como se isso pudesse estancar as lágrimas e impedir-lhe a tristeza. Olhou com pena para a mulher, triste é essa vida que não possui outro destino exceto a morte.

Entrou no hospital. Viu-se em uma sala de espera confortável, com cadeiras de estofado azul, televisão, mesas com revistas diversas. Tudo para amenizar o sofrimento daqueles que esperam os que sofrem. Um balcão, no lado oposto ao da entrada, guardava três jovens atendentes vestindo um suave uniforme verde claro, nessa tentativa vã de tornar o ambiente menos hostil. Já o piso de granito e os quadros expostos na parede com certeza não tinham o mesmo objetivo; poder e riqueza emanavam do chão e das paredes como um perfume doce demais, que nos persegue com seu cheiro mesmo quando não está mais lá.

Foi até o balcão de atendimento. Duas moças falavam ao telefone, utilizando um *headset* sem fio, enquanto outra lia e organizava uma pequena pilha de formulários. Ela olhou para Elena com seus olhos verdes:

— Boa-noite, senhora — o tom, suave e educado, de uma pessoa treinada e acostumada a lidar com o público em geral.

— A minha filha... — disse, com a voz vacilante — e meu genro... acidente...

— Qual é o nome deles, senhora? — ela virou-se

para o computador, evitando olhar para a mulher que quase chorava diante de si.

— Lu-luíza... Luíza Andrade. E Rodrigo... Rodrigo Andrade.

Via ansiosa a atendente apertando os botões do teclado preto, digitando a chave que iria revelar o destino de sua filha e de seu genro, aproximando-se a cada toque de uma ótima ou de uma terrível notícia. O tempo parecia ter parado naqueles toques, naquele esperar eterno, que provavelmente não durou mais do que alguns segundos. Mas, o que é o tempo, para a preocupação e os anseios de uma mãe.

Finalmente, a digitação parou. Suas mãos tremiam, enquanto os lábios da atendente abriam-se e as cordas vocais iniciavam o árduo trabalho da comunicação. O instante que parecia decisivo, que revelaria um grande sofrimento ou um feliz alívio. Mas ela disse, simplesmente:

— Venha comigo, vou levá-la até um dos médicos de plantão. — A atendente saiu detrás do balcão e entrou em uma porta de vidro com um aviso: “Emergência — Apenas pessoal autorizado”. A palavra “Emergência” novamente soou como uma ameaça aos seus olhos, quase como se estivesse escrito: “Deixai, ó vós que entrais, toda a esperança!”

A atendente guiou-a pelo setor de emergência. A pobre senhora, já suficientemente ameaçada pela morte, teve que aguentar os frequentes gemidos de dor, os olhares de angústia e desespero, o estresse e a tensão nos rostos dos médicos e dos enfermeiros, o odor da doença e da solidão. Tudo à sua volta, como se estivesse em uma ilha cercada de sofrimento por todos os lados. E o pior, a certeza de que sua filha fazia

parte deste mar negro, vermelho, seja qual for a cor que a dor venha a ter.

— Com licença, doutor Henrique — disse a atendente a um médico que passava apressado, com o olhar vago daqueles que mantêm na cabeça mil problemas para resolver. Seu olhar desviou-se em sua direção e seus passos diminuíram, mas continuou caminhando a um destino que com certeza era muito mais importante do que qualquer coisa que ela poderia lhe dizer.

— Essa é a mãe de Luíza Andrade — continuou a atendente, antes que ele lhe desse as costas. O médico parou e cumprimentou-a. Elena deixou um leve sorriso aparecer em seus lábios. É engraçado como as convenções sociais podem nos levar a sorrir quando desejamos fazer exatamente o contrário.

— Sinto muito pelo acidente. Mas pode ter certeza de que sua filha e seu genro estão em um hospital que preza pela excelência, tanto no atendimento quanto na pesquisa. Tratamos os nossos pacientes com o melhor que o estado da arte pode oferecer. Faremos o possível para que Luíza e Rodrigo possam se recuperar do acidente. Sua filha já está sendo operada, a perna direita sofreu muito, mas não corre risco de vida. Rodrigo está comatoso. Foi detectado álcool em seu sangue, o que pode ter comprometido os resultados do exame. Estamos fazendo uma tomografia, em breve teremos o diagnóstico.

— Posso vê-los, doutor?

— Poderá vê-los mais tarde. Deve demorar ainda uma ou duas horas para Luíza sair da sala de cirurgia. Será alojada no quarto após se recuperar da anestesia. Rodrigo irá para o CTI. Infelizmente, não poderá ser visitado hoje. Bem, preciso ir — olhou de relance para o

crachá da atendente que estava ao seu lado —, Fernanda irá guiá-la até a sala de espera. Será chamada assim que puder ver sua filha.

— Sim... Obrigada, doutor.

O médico não respondeu. Já estava de costas, com um dos mil problemas a ocupar-lhe a mente, enquanto seus pés dirigiam-no a um objetivo que com certeza era muito mais importante do que o agradecimento que brotou de seus lábios. Não teve outra opção senão deixar-se levar novamente à sala por onde entrara no hospital, de volta ao início, ao ponto de partida, cheia de novas informações que pouco acrescentavam e que de nada serviram para acalmar seu espírito. Ah, como gostaria que Alberto ainda estivesse vivo, para ajudá-la a suportar toda a carga que estava sendo colocada em suas velhas costas. Era um velho rabugento, mas, meu Deus, não há nada como ter alguém a seu lado. Como qualquer um sabe, antes mal acompanhado do que só.

Sentou-se em uma das cadeiras, sentindo os ossos doerem. Pegou o celular, com a mão trêmula, e ligou para Cláudia. Retirou seu velho terço da bolsa, segurou-o com força na mão direita, ferindo sua carne. Olhou para os quadros na parede da sala de espera, pinturas de barcos navegando em alto-mar, cavalos correndo nas planícies, o vento carregando as folhas em uma floresta tropical. Todas as cenas de movimento congeladas, estáticas, como aquele eterno esperar enquanto tanto deveria acontecer. Fechou os olhos e rezou, nada tão humano como atirar-se nas mágicas névoas religiosas quando nada mais a razão pode fazer. Pouco tempo depois, adormeceu na confortável cadeira da sala de espera do setor de urgência.

* * *

Rodrigo e Luíza passeavam no parque, de mãos dadas. Ela sabia que ele estava nervoso, podia sentir o suor em sua mão. Apesar de ter sido um lindo dia, não estava mais tão quente assim. O sol estava se pondo naquele instante, pintando o céu de vermelho e alaranjado para se despedir do dia. Soprava uma brisa fresca que brincava com seus cabelos, dando-lhes vida.

Sentaram próximos a uma árvore para admirar melhor o pôr do sol, deitou a cabeça no ombro de Rodrigo. Sentia-se tão bem próxima dele, tão segura e protegida. Não conseguia mais imaginar sua vida sem ele ao seu lado. Estavam namorando há apenas um ano, mas já estava certa de que era ao lado dele que deveria passar o resto de sua vida. Há poucos dias se pegara até mesmo imaginando o nome de seus filhos: Pedro e Mariana. Sempre achara uma bobagem sentimental ficar sonhando com os filhos assim e quando deu por si já tinha lhes dado nomes.

Sentia a respiração dele rápida e forte enquanto o sol deixava para trás os seus últimos raios e as estrelas começavam a brilhar na noite. Por que Rodrigo estava tão nervoso assim? Será que algo o preocupava? Abriu a boca para perguntar, mas percebeu que era melhor não, deveria ficar calada e esperar. Intuição feminina. Continuaram sentados após o pôr do sol, ela apoiada em seu ombro, admirando a noite. Não falavam nada, às vezes as palavras não são necessárias, precisamos apenas ter alguém ao nosso lado e isso basta. Além disso, a noite estava linda, banhada nos raios de prata de uma lua cheia esplêndida, que parecia abençoar toda a humanidade. Seu reflexo no lago

faria inveja a qualquer quadro de Monet, tal era a profusão de tons de azul, prata e preto que se misturavam naquelas águas.

— Vamos andar mais um pouco! — disse, levantando-se. Rodrigo não respondeu, mas levantou-se também. Aproximaram-se do lago, da imagem espetacular que a natureza pintava naquela noite. Seu cabelo movia-se agora rapidamente, com o forte vento que soprava. Apoiou-se no beiral de madeira da ponte que passava por cima do lago, ainda de frente para Rodrigo. Comentou algo sobre como ali estava lindo, mas não conseguiu terminar a frase, pois ele a abraçou e a beijou, acariciando as suas costas. Naquele momento, achou que seria feliz para sempre, finalmente livre do vazio que parecia ameaçá-la todos os dias de sua vida.

Rodrigo então ajoelhou-se e retirou do bolso uma pequena caixa de veludo. Abriu-a, mostrando um anel que brilhava sob a luz da lua. Estendeu-o para Luíza, lágrimas brotavam de seus olhos. Não disse nada, não conseguiu dizer nada, a emoção dava-lhe um nó na garganta. Mas ela disse: “Eu aceito”, puxou-o para perto de si e o abraçou com força.

* * *

Cláudia entrou na sala de espera. O cabelo ruivo bagunçado e a marca de olheira nos olhos davam-na a cara típica de quem foi acordado no meio da madrugada por uma má notícia. Admirou a riqueza do local, a mesa de mármore, o carpete azul no chão, os grandes quadros pendurados nas paredes. Sentiu-se um pouco reconfortada pelo luxo e pela sensação de qualidade que emanavam de todo aquele arsenal.

A sala não estava cheia, de forma que não foi preci-

so esforçar-se para avistar Elena, no canto direito, com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados. “Pobre mulher”, pensou, “sozinha”. Apenas não sabia se havia se referido àquele momento específico ou à vida. Sentou-se cuidadosamente ao seu lado, tomando cuidado para fazer o mínimo de barulho possível.

Fechou os olhos e deixou o corpo leve sobre a cadeira. Mas o sono não vinha, escorregadio como um pássaro que tentamos colocar em uma gaiola. A imagem de Luíza a perseguia, imaginava seu corpo inerte dentro de um carro amassado, o sangue escorrendo por sua boca, seu nariz, seus olhos. Lutava contra aquilo com todas as suas forças, mas o pensamento a espreitava nos cantos escuros, esperando apenas ela se aproximar para mostrar-se novamente com todo o seu vigor. Abriu os olhos, pegou uma revista de esportes na pequena mesa próxima e começou a folheá-la. O time de futebol era o favorito para a taça nacional, Luíza sendo arremessada pelo para-brisas do carro, os vidros cortando o seu rosto, o seu corpo, a árvore implacável sujando-se de sangue, a tenista sofrera uma contusão e provavelmente teria que ficar um tempo afastada, Luíza sendo operada no hospital, as paredes todas sujas de sangue, o médico de dentes afiados segurava um grande facão enferrujado, entrevista exclusiva com um motociclista famoso, você não tem medo? Medo? De que teria medo, o risco está aí, se você nasce, cresce e reproduz, meu filho, a morte infalivelmente virá com sede de sangue. Fechou a revista, a cabeça doía. Meu Deus, quantas vezes Luíza ligara nessas últimas semanas, mas não saíram, andava tão ocupada com a agência de viagens, novos pacotes, reformas, mudanças de legislação... Deveria ter dado mais atenção para a amiga, agora sentia um gosto de tarde demais preso na garganta.

Uma moça jovem, vestida de branco, aproximou-se. “Até as atendentes desse hospital são lindas”, pensou. O rosto bem esculpido, olhos azuis, o longo e liso cabelo castanho preso para conformar-se com o clima de respeito que a sua posição exigia. A moça olhou indecisa para Elena, que dormia de boca aberta na confortável cadeira da sala de espera.

— Com licença, senhora — a atendente disse, finalmente, enquanto pousava sua mão delicadamente no ombro de Elena. O toque leve, convertido em energia elétrica, pulando de um neurônio a outro até acordar aqueles responsáveis pela consciência e adormecer os responsáveis pelo sono. Elena abriu os olhos, com o susto estampado no rosto.

— Me desculpe, senhora — disse com a voz mais suave que conseguiu emitir de sua jovem garganta. Tantos dias de treinamento e ainda sentia-se insegura diante de uma situação tão simples, acordar uma velha mãe para informar sobre o estado de sua jovem filha. Um leve rubor coloria o seu rosto, a vergonha de acordar uma pessoa idosa que dormia, ou talvez de admitir a sua própria incapacidade de lidar com aquela situação.

Elena, com os pensamentos ainda confusos, um pé no mundo dos sonhos, outro no mundo dos vivos, tentou esboçar uma pergunta, mas ela parecia fugir, escorregar pelos seus dedos, esconder-se nos cantos da memória. Pouco a pouco as imagens foram voltando, as lembranças espalhando-se pela sua mente como um líquido rubro que vai sendo derramado até preencher todo o espaço. Enquanto isso, o silêncio permanecia na comunicação entre ela e a atendente, mas talvez fosse um daqueles silêncios que tanto falam, dizendo o que as palavras com seus milênios de experi-

ência jamais seriam capazes de formular. Mas a jovem atendente não parecia ser capaz de admirar todas essas possibilidades do silêncio, pois ele a incomodava, a lembrava que havia acordado a pobre mãe, despertava as dúvidas se estava se comportando da maneira correta. Ah, nada mais fácil do que destruir o silêncio, acabar com o desgraçado, nada mais simples do que abrir a boca e falar, principalmente quando se tem algo a dizer.

— Senhora, sua filha foi levada até o quarto. Posso acompanhá-la até lá, se desejar — a frase deu-lhe conforto, a sensação de estar fazendo um serviço bem-feito, novamente no controle da situação.

— Obrigada, minha filha, obrigada.

Elena levantou-se com dificuldade, apoiando-se na cadeira. Só então a imagem de Cláudia penetrou os seus olhos, forçando mais um daqueles sorrisos sociais, mas dessa vez não era apenas uma expressão de simpatia, mas também uma consequência da falta de graça de não tê-la visto chegar, completamente dedicada que estava a essa vã atividade de atirar-se no freudiano mundo da inconsciência. Cláudia também sorriu e se cumprimentaram, trocando as devidas saudações e os pêsames que a situação exigia. Em seguida, ambas seguiram a atendente, que as guiava pelas salas e os setores do hospital como Virgílio um dia já guiou pelos nove círculos do inferno. Durante o percurso, Elena não conseguia deixar de pensar em Luíza deitada no chão de azulejos do sítio, ela tocando com seus lábios os pequenos lábios quase sem vida da filha, soprando para dar-lhe vida, assim como Deus fez com o seu primeiro boneco de barro. Lembrava-se da pele fria e molhada, do peito sem as doces batidas de um coração, tudo com um realismo impressionante,

como se estivesse acontecendo novamente, naquele momento e naquele lugar, como as lembranças podem ser cruéis, meu Deus. Nunca mais tomou bebidas alcoólicas depois daquele dia, profundamente arrependida por sua distração e falta de zelo. Já não pensava nisso há anos, mas agora tudo voltara como se jamais tivesse sido esquecido, novamente aquele sentimento de ter abandonado a filha, de não tê-la protegido das sedentas garras do destino, um gosto irracional de culpa preso na garganta.

Chegaram ao terceiro andar do hospital, onde cada porta guardava uma história que ainda não havia terminado, uma ferida que ainda esperava ser fechada. A atendente abriu uma dessas portas, mais especificamente a que guardava a história de Luíza, pobre mulher que repousava para recuperar-se do pós-operatório, pobre mulher cuja história está apenas começando a se desenrolar pelas páginas desse livro. Um lençol branco tampava quase todo o seu corpo, que se mantinha inerte e estranhamente sereno. Esse é o poder dos remédios, quase um milagre ver o lençol sendo empurrado pelos movimentos da respiração, o inspirar suave, o expirar leve, como um anjo que repousa no céu, adormecido nas asas da harmonia. É claro que é apenas efeito das drogas que agem no sangue, amordaçando a tensão com anestesia. Se pudéssemos observar o espírito de Luíza não veríamos esse respirar suave, esses olhos fechados, esse corpo inerte. Ah não, o espírito não, ele não se deixa ser anestesiado, o espírito é dinâmico como o tempo, podendo desabrochar-se como uma flor, arder como o fogo, cair como uma folha ou esfriar-se como a neve. O espírito não dorme, está sempre ali, para que possamos nos chamar de seres vivos. Porém, as chamas de Luíza desapareciam na misteriosa passagem do seu mundo inte-

rior para o exterior, não sobrando nem fumaças para denunciar toda a energia que se passava dentro daquele corpo que tão serenamente dormia.

Elena e Cláudia se aproximaram. Era difícil para Cláudia olhar para a amiga, os cortes no rosto, tão marcados, reforçavam o acidente e a dor, tornando tudo tão real e palpável como aquelas feridas, como aquele sangue seco que desesperadamente iniciava o processo de cura e cicatrização. Perguntava-se, talvez com razão, quão grande era o risco daquelas marcas não saírem, marcando para sempre o seu rosto com as lembranças do acidente.

Sentada no banco ao lado da cama, Elena pegou a mão de Luíza e a segurou forte, aliviada por aquele contato físico com a filha, podendo sentir o calor de seu toque, a realidade de sua presença. Lembrava da água saindo da boca da pequena Luíza, a morte líquida escorrendo para fora de seu corpo, e os olhos, os pequeninos olhos, se abrindo para mostrar a íris castanha clara, que não só captava a luz que vinha de fora, como também emitia a luz da vida interior para o exterior, envolvendo a todos com a sua presença. Lembrava-se dela abraçando a filha, feliz e aliviada por ela estar segura, agradecendo constantemente a Deus por tudo ter dado certo. Agora, vendo o rosto sereno na cama do hospital, sentindo o contato de sua mão, vendo-a inspirar e expirar, sentia uma sensação semelhante, uma mistura de alívio e esperança, uma quase certeza de que tudo estava bem.

Cláudia permaneceu em pé. Havia mais um banco, mas não chegou nem a cogitar em sentar-se. Engraçado como a mesma visão pode provar efeitos completamente diferentes em duas pessoas, como algo pode ser ao mesmo tempo angelical e diabólico, gerar alívio

ou angústia. Aqueles cortes no rosto, que Elena parecia tão tranquilamente ignorar, para ela soavam como uma ameaça terrível, e aquela serenidade forçada, o tubo ligado ao braço trazendo a seu corpo não sei que líquido, a camisola branca do hospital, Luíza não usava camisolas, Luíza gostava de pijamas, o lençol branco demais, limpo demais, puro demais, era tudo ao mesmo tempo tão real, tão palpável, e tão irreal, tão inimaginável, tão errado. Difícil definir as sensações que explodiam dentro de Cláudia, misturavam-se como as tintas de um bom pintor, a angústia vermelha, a tensão preta, um quase desprezível alívio verde, uma profunda tristeza amarela. Misturando isso tudo dá não sei o quê, eu não sou um bom pintor. Mas foi um sentimento que não a deixou se aproximar mais, não a deixou pegar um banco e segurar a mão da amiga, aliviada por ela estar ali, respirando tão serenamente. Não, aquele sentimento seguiu Cláudia com firmeza no chão, criando raízes de angústia.

Capítulo 2

Luíza abriu os olhos. Sentia-se zozza e fraca para suportar o peso das imagens que entravam pela sua mente, tudo tão confuso, tão nebuloso, ainda era difícil discernir a linha que separava o sonho da realidade. Aquele teto diferente, a cama dura que não era a sua, a sensação esquisita no corpo, quase de letargia, o ar estranho, a dor no braço direito, a dor na perna direita, a camisola, tudo tão irreal. Aos poucos as lembranças foram se espalhando por sua mente, o para-brisas quebrando, a árvore se aproximando como uma promessa de morte. Deu um pequeno salto na cama, assustada, levando as mãos ao rosto. Sentiu as feridas na pele, os cortes, a dor quando pressionava um pouco demais.

— Bom-dia, Luíza. — A voz entrou pelos seus ouvidos, com a doçura e a suavidade que apenas a voz de uma mãe pode ter. Virou o rosto. Lá estava Elena, com olheiras a adornar-lhe os olhos, denunciando a longa noite de pouco sono.

— Bom-dia, mãe. — Tentou sorrir, mas a face parecia ainda estar lenta e congelada, a voz saiu de sua boca carregando tristeza e cansaço.

Não falaram mais nada durante alguns segundos, como se bastasse dizer “bom-dia” para comunicar tudo o que era necessário. Mexeu-se na cama, tentando levantar-se, mas a perna deu-lhe uma pontada de dor aguda, fazendo-a franzir o rosto e permanecer onde estava. Sentia-se presa naqueles lençóis brancos.

— Está se sentindo bem, minha filha?

— Sim... — mentiu. — E Rodrigo, mãe, o que aconteceu com ele? Estou tão preocupada...

Ela não respondeu imediatamente. Observou seu rosto, calado, silencioso, com o cansaço e a tristeza estampados no olhar. Sabia que não queria contar o que havia acontecido com Rodrigo, e isso a deixou muito mais assustada do que qualquer coisa que pudesse ter dito.

— Rodrigo está no CTI, Luíza, em coma. Eu sinto muito — passou as mãos no rosto, talvez para enxugar as lágrimas, talvez para evitar o olhar de Luíza, escondendo-se em um refúgio vão e temporário, como todos os escolhidos pelo nosso inconsciente. — Mas tenha fé, minha filha, vamos rezar, tudo ficará bem.

Uma nova pontada de dor aguda, fazendo-a cerrar os olhos. Meu Deus, como a perna a incomodava. Parecia que uma mão invisível a cortava constantemente com uma faca. Pelo menos a dor era capaz de fazê-la esquecer Rodrigo por alguns instantes, esvaindo seus pensamentos em um vazio que focava unicamente no ardor transmitido por seu sistema nervoso. Um estranho presente do corpo, um sofrimento para aliviar o sofrimento de uma mulher. Elena levantou-se e sentou-se ao lado da filha, segurando a sua mão. Luíza suspirou, ainda de olhos fechados, naquele momento desejava vários milagres, mas aquele leve toque, algo assim tão simples, já significava tanto. Desejou por um momento a eternidade daquele instante, deitada de olhos fechados na segurança do toque da mãe, quase como um bebê apenas a brincar de viver no suave útero materno.

A porta abriu, destruindo a eternidade daquele momento que jamais poderia ser eterno. Um robô entrou no quarto, chamando a atenção das duas mulheres.

Era uma máquina cilíndrica, que se movimentava por pequenas rodas em sua base. Assemelhava-se a uma criança, com olhos grandes e expressivos. Não possuía uma boca, mas era capaz de emitir sons. Aproximou-se da cama e, com uma voz infantil estranhamente polida para uma criança, perguntou se gostaria de tomar suco de laranja ou água. Luíza hesitou, antes de responder que preferia suco de laranja. A máquina abriu um de seus compartimentos, no tronco, e deixou um prato de comida e um copo de suco de laranja no criado-mudo. Por fim, colocou dois comprimidos ao lado do copo e lembrou Luíza que deveria tomá-los após a refeição. Ela não respondeu. Provavelmente a máquina estava acostumada a esse tipo de comportamento, pois simplesmente virou as costas e deixou o quarto. Esses humanos, tão rudes, até parece que não foram adequadamente programados pelos deuses.

Elena comentou que já tinha ouvido falar que o hospital utilizava robôs para facilitar o atendimento dos pacientes. Enquanto isso, Luíza tentava levantar o tronco, apoiando as costas na beirada da cama. Levou as mãos até a perna direita, movida pela dor ardente que a cortou como um raio. Fechou novamente os olhos. Mas dessa vez a dor não teve a benevolência de trazer o esquecimento, de limpar a alma da escuridão do passado. Dessa vez os neurônios transportaram a corrente elétrica da dor até o espírito, por alguma conexão misteriosa, trazendo imagens terríveis ao seu cérebro. Rodrigo deitado em uma cama gigante, de olhos fechados, respirando de forma suave, como se descansasse após um longo dia de trabalho. Parecia uma cena simples e corriqueira, apesar do tamanho desproporcional da cama. Porém, aos poucos, o corpo ia derretendo, nos dedos que se conseguia notar melhor, desaparecendo suavemente, tornando-se líquido,

fundindo-se com o lençol branco e o colchão como se fossem de cera. Mas não, não eram apenas os dedos; as pernas, o tronco, a cabeça, os braços, tudo sumia vagarosamente, tornando-se um com a cama que subitamente pareceu ainda maior, muito maior, como se seu tamanho percorresse toda a eternidade. Abriu os olhos, sentindo as lágrimas que tentavam escapar.

— Coma um pouco, filha querida. Precisa recuperar as energias.

Olhou para o prato de comida em sua frente. Não sabia se era almoço ou se era jantar, todo o sentido de tempo se encontrava confuso, havia perdido a noção de segundos, horas, minutos, manhã, tarde, noite, antes e depois. Parecia existir um único momento, aquele em que se encontrava só. E nesse momento único, não sentia fome. O arroz branco, o feijão marrom jogado em cima, a couve verde ao lado, o frango com aquele molho escuro, tudo parecia tão ruim, tão sem-graça.

— Não quero comer agora.

Elena respirou fundo, expressando discretamente a sua insatisfação, enquanto a olhava fixamente. Mas não deixou as palavras de repreensão escaparem de sua garganta. Conteve-se. Sabia que insistir seria pior. Permaneceu calada, deixando o silêncio preencher novamente o ambiente. O silêncio, esse ser repugnante, que cala a boca daqueles que se amam, de repente pareceu algo tão, tão bom, destruindo essa necessidade de falar, essa necessidade quase doentia de comunicar. Tudo que Luíza queria naquele momento, naquele momento eterno de estar só, era esperar essa eternidade passar.

Após um tempo que nem Luíza nem Elena saberiam precisar, doutor Henrique entrou no quarto. Ele rom-

peu a frágil atmosfera que se mantinha, atmosfera que conseguira quase beirar a serenidade, como a última oração de um condenado. Mas trouxera consigo a dura realidade do hospital, da doença, da morte. Quando falava, era como se o hospital falasse através dele, como se não passasse de uma marionete do destino que tinha como único objetivo arrastar Luíza para dentro dos negros mares do desespero e da angústia.

Após terminar a análise de rotina e entregar um analgésico para aliviar as dores, doutor Henrique sentou-se ao seu lado e encarou-a fixamente. O olhar branco, quase indiferente, assustou-a. Aos poucos, as palavras foram deixando a boca do médico, foram atingindo o ar, sendo transferidas pelas vibrações que se alongavam e se estreitavam, se alongavam e se estreitavam até chegar a seus ouvidos. Algo tão imaterial o som, tão abstrato, apenas essas ondas que se propagam no espaço, tênues, leves, mas que podem atingir como uma faca. Eram assim as palavras que doutor Henrique proferia, sujeitos, verbos e predicados, objetos diretos e adjetivos, que se articulavam, num esplêndido trabalho em grupo, para informá-la que seria operada na manhã seguinte, quando sua perna direita seria amputada. Eles tentaram salvá-la, mas os últimos exames denunciaram um risco que não poderia ser ignorado. Essa é a força das palavras, as ondas sonoras negras como as águas de um mar furioso durante uma tempestade.

Mas podia ficar tranquila. Não era mais uma época em que as pessoas tinham seus membros amputados e ficava por isso mesmo. Não, não para quem tinha dinheiro ou seguro de saúde. E Luíza possuía os dois. O hospital Mary Shelley era uma instituição que prezava pela excelência, e utilizaria todos os recursos da tecno-

logia para prover a felicidade e o bem-estar de seus pacientes. Em particular, substituir a perna de um ser humano por uma quase tão perfeita quanto a real já era um procedimento de rotina há muitos anos, graças aos avanços da biotecnologia. Substituir a perna de um ser humano por uma tão perfeita quanto a real era um procedimento mais recente e especializado, mas coberto pelo seguro de saúde de Luíza. Não, não precisava se preocupar, tudo ficaria bem. Pelo menos, foi isso que doutor Henrique frisou com muita convicção. Mas... Meu Deus, seria possível? Seria possível o homem, esse ser tão estúpido, criar algo tão perfeito, algo tão vivo, como aquela perna feita de músculos, feita de carne, feita de células que viviam, reproduziam e morriam? Poderia passar o sangue, âmbar da existência, por uma perna de concreto, de silício, de argila ou de plástico? Deus permitira tamanha blasfêmia à beleza da vida? Luíza e Elena não sabiam. Mas quando doutor Henrique saiu do quarto, deixou atrás de si um silêncio diferente, bem diferente. O silêncio se tornara opressor, angustiante. Subitamente, Luíza ansiava por um pouco de comunicação, um pouco de contato humano, aquele doce conforto que não cura problema algum, mas que parece acender uma fagulha dentro de um espírito repleto de trevas. Mas não conseguira pronunciar uma só palavra, estava tão imersa naquela atmosfera de angústia que parecia ter a boca cerrada por espinhos. Fechou os olhos. Mas não dormiu. E não rezou.

* * *

Duas enfermeiras invadiram o quarto de Luíza. Ela escutou o barulho da madeira se movimentando, os sapatos batendo contra o chão, o ar que saltava de

dentro de um ser humano com toda a toxicidade do gás carbônico. Mas não abriu os olhos. Fingia dormir, mas não tente perguntar a ela por quê. Não sabia. Simplesmente fingia dormir, como uma criança a brincar de esconde-esconde, ou como alguém que agarra a última esperança desesperada de que se fechar os olhos o monstro irá desaparecer e a vida estará a salvo. Mas o monstro não desapareceu. A maca branca estava lá, física, material, sólida, pronta para levá-la rumo ao destino que os deuses haviam reservado para ela, incapaz de qualquer contestação, incapaz de qualquer autonomia.

As enfermeiras a colocaram na maca. Abriu os olhos, não adiantava mais ignorar a realidade. A maca foi levada para fora do quarto, trazendo seu coração à sua boca. Zonza, observou o teto branco do hospital, um branco tão límpido, tão puro, exceto por uma longa faixa azul, que seguia a direção do corredor. Indagava-se por que haveria aquela faixa, que a acompanhava enquanto era empurrada pela maca, quase como se indicasse o caminho. Concentrou-se naquele ponto tão estranho, inventando as mais diferentes hipóteses, forçando a mente a não pensar naquilo que ah, meu Deus, como queria e ao mesmo tempo não queria pensar. Mas à medida que a maca caminhava, à medida que a faixa azul se tornava mais comum e ordinária, os pensamentos iam se infiltrando em sua mente como um ácido, queimando-a de medo. Será que depois da cirurgia ainda seria capaz de caminhar, colocar a perna esquerda na frente da direita, a direita na frente da esquerda, rumo aos lugares transitórios que todos nós tanto desejamos chegar? E Rodrigo, Rodrigo, Rodrigo, como estaria? Precisava tanto, tanto, vê-lo...

Fechou os olhos, mas a marca da faixa azul ainda se

manteve em sua retina. A faixa que levava ao seu destino, a faixa que ligava o passado, o presente, o futuro. A marca se mantinha por mais que fechasse os olhos, fixa em seu corpo como sua perna em poucos minutos deixaria de estar. Era engraçado, tinha certeza de que choraria naquele momento, que as lágrimas sairiam de seu espírito e se derramariam pelos seus olhos, mas as lágrimas não tiveram toda essa bondade. Preferiram manterem-se enclausuradas, presas naquele espírito que há tão pouco tempo tinha tanto e agora percebera que jamais teve nada. A maca entrou pela sala de cirurgia, onde um médico a aguardava segurando uma prancheta. Fez suas últimas anotações antes de olhar para a paciente. Com a ajuda das enfermeiras, foi colocada na mesa de cirurgia. Sentiu um forte receio ao olhar para o rosto jovem do médico, o cavanhaque e os óculos que davam um inocente ar intelectual. Tantas vezes na vida somos forçados a nos colocar nas mãos de tantas pessoas das quais não temos a mínima condição de julgar a competência...

Virou o rosto para a direita, enquanto prendiam suas mãos e seus pés. Arrependeu-se profundamente desse ato. Ao lado da cama havia uma mesa com instrumentos para a cirurgia, muitos dos quais eram claramente cortantes. Mas não foi isso o que pintou de pálido o seu rosto. Foi aquela perna em cima da mesa, uma perna feminina. Estava solta, sem nenhum ser humano que a prendesse, que a tornasse viva, que a carregasse pelos caminhos de sua vida. Aquela perna solitária, tão viva, tão real, e ao mesmo tempo macabra, grotesca e irreal. Uma perna que em breve ocuparia um lugar em seu corpo, como um parasita que se esconde por trás de uma máscara em busca de um pouco de existência.

Uma agulha penetrou sua carne. A visão foi se tornando nublada, nebulosa, tudo perdendo o foco, os pensamentos cada vez mais e mais confusos até restar somente uma grande escuridão. Viu-se em um grande campo coberto de grama negra. Corria, sem saber se era dia ou noite, perdida no tempo e no espaço. Uma flor gigantesca surgiu no meio daquele lugar, estendia-se por um fino caule negro e ostentava um núcleo negro com várias pétalas negras em volta, como um girassol condenado. Parou de correr e abraçou aquele caule, sentindo a respiração pesada, o ar que passava por sua boca denunciando o cansaço. Subitamente seus joelhos falharam e caiu no chão. Olhou para cima e viu uma faixa horizontal de estrelas cortando o céu. Todo o resto era negro, absolutamente negro. Mas aquela faixa horizontal, que marcava tão fortemente a sua retina, poderia significar algo. Uma promessa de felicidade, talvez. Seria Deus capaz de cumprir as suas promessas? Será que as tortas linhas pelas quais Ele escreve terminariam nas realizações de nossos pedidos escritos em linhas tão absurdamente retas?

Viu o teto branco de seu quarto. A cirurgia havia terminado. Tentou levantar-se da cama, assustada, mas não conseguiu. Seus braços não encontravam forças para sustentá-la, tremiam de fraqueza ou de desespero. Queria observar as pernas que estavam presas em seu corpo, certificar-se de que estavam ali e que ainda conseguiria caminhar rumo aos objetivos aonde jamais chegaremos. Mas não pôde, uma sensação de ânsia dominou o seu corpo, a incapacidade de levantar a si mesma e de olhar para o próprio corpo era um sentimento terrivelmente angustiante. Sentiu o suor escorrendo pelo seu pescoço. Alguém estaria ali? Será que alguém poderia ajudá-la a olhar para si mesma? Balbuciou “mãe” com lábios fracos. Em pouco tempo sentiu

alguém tocando a sua mão. A ânsia misturou-se com uma onda de tranquilidade, vinda daquele toque tão gentil. Tentou pedir ajuda para se levantar, mas as palavras não saíram. Assim é nosso corpo, a boca abre-se à vontade para nos deixar dizer o que não devemos, mas fecha-se como um muro quando tentamos dizer o que mais queremos.

Tentou mexer a perna. Um impulso nervoso, um neurônio que transmitiu um choque ao neurônio seguinte, uma rede de sinapses que percorria cada célula, cada ser, em uma velocidade tão alta, e de repente um neurônio não encontrou mais um neurônio ao seu lado. Encontrou algo diferente, algo que parecia ser um neurônio mas que não era, que parecia ser vivo mas que não era. Mas o neurônio transmitiu o impulso nervoso, confiou no estranho vizinho que se encontrava ao seu lado. E o estranho vizinho recebeu a mensagem. O estranho vizinho recebeu a mensagem e a perna se moveu. Pouco, muito pouco, mas se moveu. Isso que importava. Como a alegria às vezes se encontra em coisas tão ínfimas, tão pequenas. Uma perna direita que se move alguns centímetros, e uma onda de felicidade percorreu seu corpo. Ah, se todos nós fôssemos felizes assim quando as nossas pernas se movem, estaríamos gritando de alegria a cada passo.

Sentia pouco a pouco as forças retornando. As imagens voltavam a ter foco, a tonteira passava. Empurrou-se novamente, e dessa vez seus braços cederam, obedientes. Conseguiu sentar-se na cama, e viu as pernas saírem de sua camisola e irem parar até os seus pés, que se apoiavam no chão. Olhou-as, apertou-as com as mãos, sentindo a carne, sentindo a vida, sentindo dor. Levou as mãos até os joelhos, apalpou os ossos, procurou com os dedos as cavidades. Tudo si-

métrico, tudo correto. Até a pinta estava lá, em sua coxa. Aquilo não podia ser real. A lembrança da perna feminina solta ao lado da mesa de cirurgia atingiu-a com força. Uma imagem macabra, e agora tudo parecia tão natural. Um leve sorriso pintou os seus lábios, manchando de felicidade aquele rosto pálido e triste.

* * *

Cláudia entrou no quarto. Ela sorriu, movendo os lábios de batom. O sorriso era artificial, forçado, falso, mentiroso. Era claro que se sentia desconfortável, podia-se ver em seus olhos. Mas sorriu aquele sorriso falso e mentiroso, pois queria agradar a amiga. Assim são as pequenas mentiras, o que seria de nós sem elas...

— Você está melhor? — perguntou, mais para quebrar o silêncio e para iniciar o conforto de uma comunicação do que para obter efetivamente uma resposta. Sabia que Luíza estava muito melhor do que quando chegara, mas muito pior do que gostaria de estar. Via as olheiras, a palidez em seu rosto, o desconforto em seu olhar, as marcas de corte que pareciam não querer sair. Mas não encontrara nada melhor para puxar assunto e, por Deus, haveria algo melhor?

— Um pouco — respondeu, movendo-se desconfortavelmente na cama. — Aliviada, agora que a cirurgia terminou e ainda consigo mover minhas pernas. — Após um longo suspiro, continuou: — Gostaria muito de ver Rodrigo, mas não pude deixar esse quarto. Espero poder voltar a andar logo. Preciso tanto saber como ele está...

— Eu o visitei no CTI essa tarde.

— É mesmo? E ele está bem?

Cláudia respirou fundo. Os pensamentos passavam rapidamente por sua cabeça, mil e uma mentiras, uma única verdade. O que poderia dizer? Tentava escolher, enquanto sorria para a amiga, escondendo a tensão.

— Ele parece bem, Luíza, parece bem. Aposto que vai melhorar logo.

— Graças a Deus — seu olhar tranquilizou-se, seus músculos tensos e rígidos relaxaram sobre o lençol macio. Deixou por um momento o néctar da esperança invadir o seu espírito.

Um robô entrou no quarto. Colocou um comprimido no criado-mudo. Com a polida voz infantil, avisou que o lanche iria atrasar dez minutos, mas que seria servido assim que estivesse pronto. Lembrou-a que deveria tomar o remédio antes da refeição. Luíza assentiu, movimentando levemente a cabeça. Para o robô pareceu ser suficiente, pois deixou o quarto imediatamente.

— Esses robôs são uma gracinha, não acha? — Disse Cláudia.

— Parecem simpáticos mesmo. São sempre eles que trazem a comida e os remédios. Mas, sinceramente, prefiro quando uma enfermeira ou um médico entra no quarto. É bom ter um pouco de contato humano.

Um tempo depois o pequeno robô voltou. Deixou um pão com mortadela e um copo de achocolatado em cima do criado-mudo. Cláudia permaneceu calada, enquanto a amiga se alimentava. O arrependimento da mentira que contara corroía seu espírito como um ácido. Mas como poderia falar a verdade? Era triste demais.

* * *

Os pais de Rodrigo visitaram Luíza no dia seguinte. Stephanie pediu desculpas por ter demorado tanto tempo para vê-la. Luíza sorriu, dizendo que não havia problema algum.

— E Rodrigo, como está? — perguntou, ansiosa. — Ainda não pude vê-lo.

Stephanie suspirou. Viu um olhar doloroso brotando em seu rosto, aquele brilho tênue e fraco da angústia. Não importava mais o que dissesse, já sabia a resposta. Sua garganta começou a queimar, teve que fazer um grande esforço para não deixar as lágrimas caírem de seus olhos. Talvez teria sido melhor se deixasse as lágrimas escorrerem, assim Stephanie também poderia chorar, se abraçariam e poderiam consolar-se mutuamente, duas mulheres compartilhando a mesma tristeza, duas mulheres compartilhando o mesmo amor, porém uma com a doçura de uma mãe, outra com o calor de uma esposa. Mas somos hipócritas, e Luíza fez um grande esforço para não chorar. Stephanie respondeu que ele estava melhorando, provavelmente sairia do coma em breve, mas seus olhos gritavam claramente o contrário. Triste humanidade, as duas não choraram, não se abraçaram, ficaram em silêncio, compartilhando a mesma mentira.

— O que achou dos pequenos SDR4, Luíza? — Lucas perguntou, tentando puxar assunto. O silêncio o incomodava.

— Como?

— SDR4, esses robôs que parecem crianças.

— Ah, sim, são... simpáticos. Confesso que no início não gostava muito deles, mas agora me parecem... simpáticos.

— Minha companhia que os vendeu para esse hospi-

tal.

— Sérico? Deve ter sido um negócio e tanto.

Lucas sorriu. Acabara de receber um grande elogio.

— Foi mesmo. Deu um trabalho terrível, mas puxa, como compensou. — O sorriso ainda mantinha-se em seus lábios.

— Esses robôs — continuou, agora com um tom mais professoral — foram projetados especialmente para serem utilizados em hospitais. A inofensiva aparência infantil, o sistema de interação baseado na fala e na visão, a navegação utilizando faixas pintadas no teto, tudo buscando o melhor resultado em um ambiente hospitalar. Foi o melhor que havia na época.

— Tem muito tempo que foram vendidos?

— Sim, mais de dez anos. Hoje em dia já são feitas máquinas muito melhores. Eles são muito... metálicos para os padrões atuais.

— Puxa, e pensava que esses robozinhos estavam no auge da tecnologia. Meu Deus, como estou ultrapassada.

— Precisa ver os assistentes hospitalares mais recentes, é impressionante. Parecem vivos.

Luíza riu.

— Também não precisa exagerar, né?

— É verdade. Espero colocá-los dentro desse hospital em breve, mas ainda estamos trabalhando no contrato.

— Querido, Luíza está ficando entediada com esses papos de tecnologia e de negócios... Às vezes você acha que todo mundo gosta das mesmas coisas que você.

Ficaram em silêncio por um momento, chocados pela crítica abrupta.

— Não, a conversa está muito agradável — disse Luíza, tentando apaziguar a situação. — Sempre tive curiosidade a respeito desses pequenos robôs. Além disso, é muito bom conversar, ficar no hospital é um pouco solitário.

Stephanie sorriu. Um dos sorrisos falsos mais lindos que Luíza já vira. Seria um pedido de desculpas? Lucas pareceu ignorar, de qualquer forma.

— Ela não gosta muito dessas coisas, Luíza. Não sei por que, lá em casa um robô passa a roupa, um robô limpa o chão, um robô cozinha... Stephanie não tem que fazer nada, nada. Às vezes me pergunto se é por isso que não gosta dessas máquinas... Já falei para arrumar um emprego, mas não me escuta. Fica lá em casa, morrendo de tédio o dia inteiro.

Stephanie permaneceu em silêncio. Fechou os olhos por alguns instantes, depois abriu-os novamente. Parecia tentar ignorar tudo o que havia sido falado. Talvez a experiência já lhe tivesse ensinado que discutir era pior, muito pior. Melhor ficar em silêncio, esperando a turbulência passar, para reter novamente o controle da situação.

— A perna que fizeram para mim é ótima — Luíza tentava desviar um pouco o assunto. Ainda não tinha confiança naquela perna, nem ousara andar, mas foi a primeira coisa que surgiu em sua cabeça.

— Sério? Que legal — respondeu Stephanie, agarrando-se desesperadamente àquela oportunidade. Sabia que soara artificial, mas não se importava.

— É idêntica à minha perna antiga. Até as pintas parecem estar no local exato em que estavam antes. É

quase... mágico. Ainda não pude voltar a andar, mas já estou muito satisfeita. Não sei como conseguiram fazer um trabalho tão bom.

— Bioengenharia — Lucas falava em tom professoral. — O princípio básico é muito simples, como copiar e colar. Você pega um modelo, estuda as informações genéticas e constrói algo semelhante. Depois que se aprendeu a construir uma molécula arbitrária, tudo ficou muito fácil. A grande dificuldade foi conseguir fazer em escala comercial. Mas quando tem muito dinheiro em jogo, as pessoas dão um jeito. A comunidade científica investiu muito para chegar no estado tecnológico atual. Claro, fortunas foram feitas da noite para o dia. Só agora que estou conseguindo entrar nesse mercado, mesmo como revendedor. Perdi muito tempo com o silício, achava que tudo isso era uma bobagem... Se tivesse tido um pouco mais de visão...

— Não se culpe, é muito difícil prever os misteriosos caminhos do progresso — Luíza suspirou. — Mas não entendo. Se essa tecnologia é realmente tão maravilhosa, se a humanidade está tão avançada, por que Rodrigo ainda está em coma? Por que eles não fazem nada?

O olhar que Lucas devolveu fez com que se arrependesse de sua pergunta. Sentiu pena do pobre pai. Pela primeira vez ele demonstrava o que estava sentindo. Aquele olhar de incompreensão, de tristeza, de solidão. Tantos sentimentos misturados em um único olhar, mas o que mais destacava era a angústia de achar que deveria haver algo que podia ser feito, uma maravilhosa cura vinda pela engenharia genética, enquanto era obrigado a ficar parado de braços cruzados vendo seu filho dormir. Era como se toda a humanidade que estivesse em coma.

— Eu não sei, Luíza. Não sei por que eles não fazem nada.

* * *

Doutor Henrique examinava Luíza. Quase todas as vezes que o médico aparecia ela perguntava sobre Rodrigo e pedia para visitá-lo. Mas ele sempre respondia que ainda era cedo, deveria aguardar até que se recuperasse, não poderia ir até o CTI no estado em que estava. Porém, quando falara com o médico naquele dia, já sem a menor esperança expressa nos olhos, tal foi a sequência de recusas que recebeu ao longo do tempo, obteve uma resposta muito além de suas pobres expectativas.

— Rodrigo está melhor. Não precisa mais dos aparelhos para respirar. Essa tarde será transferido para um quarto. Você poderá vê-lo ao final dessa semana. Mas tem que fazer um esforço para melhorar também, já está mais do que na hora de começar a andar com essa sua perna. Amanhã vou trazer um par de muletas, para que inicie seus exercícios. Só poderá ir ao quarto de Rodrigo se for caminhando com suas próprias pernas. Não vou pedir uma maca para sua visita.

Olhou para o médico, triste e decepcionada. Não tinha muita confiança de que um par de muletas seria capaz de dar-lhe novamente alguma mobilidade em tão curto prazo. Sua perna direita tinha uma aparência perfeitamente saudável e natural, mas era uma ilusão, uma máquina, e achava que jamais se comportaria tão bem quanto a perna que um dia tivera.

— Não sei se vou conseguir voltar a andar tão rápido...

— Deixe de ser boba, Luíza. A maior parte dos pacientes já está andando de muletas em poucos dias. O problema está aqui — disse o médico, encostando o dedo em sua testa, o que a incomodou muito — e não aqui — apontava agora para a perna direita. — Essa perna é perfeita.

— Preciso muito ver Rodrigo... — Seus olhos suplicavam. Era como se o médico tivesse requisitado uma tarefa impossível, apenas para ver-se livre de seus pedidos. Suba o monte Everest, quando voltar poderá ver Rodrigo. Apague as chamas do vulcão Ojos del Salado e poderá ver Rodrigo. Escreva um haicai sobre todas as estrelas do universo e enfeite-o com o doce e prateado caldo da lua. Poderá então ver Rodrigo.

Olhava para o teto branco do hospital, o coração batendo forte no peito. Não iria ver Rodrigo novamente nunca. A distância entre o seu quarto e o dele parecia ser tão grande quanto a altura do vulcão que deveria apagar, o monte que deveria subir ou o número de astros sobre os quais deveria escrever. Naquela noite, dormiu pouco. Nas poucas horas de sono que teve, sonhou que estava rodeada por um branco absoluto. Não havia nada além daquele branco, era uma névoa tão densa que nada mais poderia ser visto. Passava as mãos em sua frente e o branco mexia-se como fumaça, mas sem revelar nada, nada. Pouco a pouco, porém, uma cama (branca e com lençóis brancos) foi se revelando em sua frente, mais ou menos a uns vinte metros. Sabia que era a cama em que Rodrigo dormia. Nos sonhos, sempre sabemos essas coisas. Podia ver o seu corpo nu sobre a cama, apesar de toda aquela névoa. Porém havia algo errado. Ele não estava exatamente sobre a cama. Era como se suas costas tivessem derretido e se agarrado aos lençóis, tornando

aquilo tudo uma entidade só, uma cama-Rodrigo, que se manteria assim por toda a eternidade, flutuando naquela bruma branca. Mas sabia que poderia arrancá-lo dali. Só ela poderia arrancá-lo dali e trazê-lo de volta à vida, só ela tinha esse direito e esse poder. Começou a andar em direção a cama, fixando o olhar em seus pés, insegura. Após dar alguns poucos passos, olhou novamente para a frente e viu a cama exatamente no mesmo lugar, a vinte metros mais ou menos. Respirou fundo. Olhou para os pés, ainda insegura, e caminhou mais, dois, quatro, oito, dezesseis, trinta e dois passos. Levantou a cabeça e viu a cama no mesmo lugar, exatamente no mesmo lugar, aqueles malditos vinte metros mais ou menos. Abriu a boca para gritar, mas não saiu nenhum som. Fechou as mãos com força, sentindo as unhas cortarem a pele, enquanto o suor escorria por seu corpo. Passou então a correr, olhando fixamente para a frente, focada na cama que a aguardava tão pacientemente. Corria, desesperada, cada vez mais rápido, mas a cama simplesmente não se aproximava, mantinha-se fixa no tempo e no espaço, enquanto Luíza corria cada vez mais rápido, cada vez mais desesperada. Sentiu uma dor aguda na perna direita, uma dor horripilante, que a fez parar imediatamente. Olhou para baixo e viu a perna repleta de sangue, manchando de vermelho toda aquela imensidão branca.

Acordou molhada de suor. Olhou para o relógio. Seis e meia. Não havia dormido quase nada. Fechou os olhos, mas sabia que não conseguiria dormir novamente. Era só fechar os olhos e aquelas imagens novamente voltavam, forças malignas que a atingiam com força, a cama na névoa branca encarando-a com maldade e fúria. Abriu os olhos, o teto branco do hospital, a realidade. Não menos assustadora, porém. Nem um pouco. Virou-se na cama, lá estava o criado-mudo

onde eram depositados sua comida e seus remédios. Estava vazio agora. Virou-se novamente, a televisão desligada, encarando-a com sua tela negra. Pensou em ligá-la, mas percebeu que não estava com a mínima vontade. Nada que poderia passar ali iria interessá-la. Permaneceu simplesmente deitada, aguardando, mas completamente desperta, enquanto sentia os minutos amargos vindo, surgindo e indo embora, seguindo a linha do tempo que irremediavelmente a levaria para algum lugar.

Mais tarde uma enfermeira entrou no quarto segurando duas muletas. Reconheceu imediatamente que era uma das que a havia levado até a sala de cirurgia. Tão irônico, a mulher que a havia carregado para ter uma de suas pernas arrancada agora entrava em seu quarto trazendo as muletas com as quais poderia voltar a andar. Quis sorrir diante desse pensamento, mas não conseguiu.

A enfermeira explicou, pacientemente, que as muletas auxiliariam a recuperar não só uma movimentação perfeita das pernas como também a autoconfiança. Sua perna direita já estava ótima, era apenas uma questão de exercitá-la para que não notasse mais nenhuma diferença. Luíza assentiu. Não acreditava no que estava sendo dito, mas assentiu. Que diferença faria se acreditasse ou não? As muletas estavam ali e deveria utilizá-las e ponto final.

Em seguida, ela recomendou caminhar com as muletas pelo menos trinta minutos todos os dias. No começo poderia fazê-lo dentro do quarto, mas assim que estivesse mais confiante, bastaria chamar uma das enfermeiras para acompanhá-la até o quintal do hospital, onde poderia exercitar-se em um lugar mais agradável, em meio às árvores. Poderia também ir aumentando o

tempo ao longo dos dias. Depois de uma semana já deveria estar caminhando sem muletas, quando receberia alta do hospital. Falou com um sorriso encorajador, consciente de que isso animaria a maior parte dos pacientes. Quem não iria querer sair daquele lugar e voltar para sua casa, seu quarto, sua cama, seus lençóis? Mas Luíza não pareceu muito animada com aquela promessa. Não era para casa que desejava ir.

A enfermeira ensinou-a a caminhar com as muletas. Fez um esforço consciente para prestar atenção, mas era difícil acompanhar as instruções que eram soltas no ar. As palavras saltavam como bolhas de sabão, mas não conseguia capturar todas, sentia-se lenta e cansada. Quando a enfermeira pareceu satisfeita com toda a sua explicação, perguntou se tinha alguma dúvida. Balançou a cabeça negativamente, hesitante. Era claro que não tinha entendido tudo, mas a enfermeira era boba o suficiente para acreditar ou esperta o bastante para ignorar.

— Vamos caminhar agora um pouco pelo quarto. Vou te ajudar.

Aquelas frases entraram em seu ouvido como uma ameaça. Não seria capaz. Sabia que não seria capaz. Mas lá estava a mulher sorridente, real, vestida de branco, com um relógio no pulso esquerdo e um crachá sobre o peito ostentando um nome que Luíza não se deu ao trabalho de ler.

— Vamos levantar, minha querida? — disse, com uma voz artificialmente doce, enquanto segurava sua mão direita.

— Não consigo... — Saiu uma voz baixa, próxima de um murmúrio. Era quase como uma criança com medo da mãe, queixando-se de que não queria ir para a es-

cola.

— Vamos lá, minha querida, é claro que consegue — novamente aquela voz artificial, doce, que só servia para deixar tudo ainda mais assustador.

“Poderá vê-lo ao final dessa semana. Mas apenas se for caminhando com suas próprias pernas. Não vou pedir uma maca para te levar até lá.” Era a voz de doutor Henrique, o médico que de repente parecia tão interessado que voltasse a caminhar o mais rápido possível, o médico que praticamente a ameaçara a não ver o seu marido para que se levantasse e andasse, mais um milagre da ciência, amém. E o que mais poderia fazer, além de seguir os caminhos traçados pelo médico? Ao contrário das tortas e esmaecidas linhas de Deus, as dele eram retas e grossas, rumando claramente para um único objetivo. Respirou fundo, com a imagem de Rodrigo fixa em sua mente, e forçou o seu corpo para frente, aceitando a mão da enfermeira que a ajudava a se levantar. Sentiu a perna direita fraca, parecia difícil suportar todo o peso de seu corpo. Fechou os olhos, para aguentar a dor que se espalhava.

— Calma, minha querida, vai ficar tudo bem. Já vai melhorar — A enfermeira colocou uma das muletas embaixo do seu braço direito. A dor dera uma pequena aliviada, mas ainda estava lá, como uma presença maligna que não queria ir embora, fazendo a carne de sua perna arder. Era uma dor que vinha de dentro, saía dos ossos e esticava seus braços em direção à pele, mas não chegava a atingir a superfície com seus dedos de agonia. A enfermeira colocou a outra muleta embaixo de seu braço esquerdo e soltou-a, deixando-a cair sobre as muletas. Quase tombou para frente, mas a enfermeira segurou-a rapidamente, impedindo a queda.

— Vamos lá, querida, tente manter o equilíbrio — A

dor emanava de sua perna como uma onda. A cabeça latejava, mas a imagem de Rodrigo ainda estava lá, vívida e forte, Rodrigo de olhos fechados em uma cama branca, ele que precisava tanto de sua esposa. Aos poucos, as ondas de dor foram se abrandando. A consciência do mundo a seu redor retornava, sentiu as muletas apoiadas em seu corpo, viu novamente a enfermeira em sua frente, com olhos atentos e preocupados.

— Está melhorando, minha querida, não está?

Assentiu levemente com a cabeça. Ainda não queria falar. Mas sim, era verdade, a dor se abrandara, tornara-se apenas uma fagulha do que fora há poucos minutos. Mas ainda estava lá, como uma lembrança de um acontecimento triste que aparece em nossos sonhos, como a tênue marca de uma lágrima que derramamos há alguns instantes. A enfermeira esperou ainda alguns minutos, até que sua respiração acalmasse e seus olhos se desanuviassem por completo. A dor agora era apenas um latejar fraco, mas constante.

— Vamos tentar andar agora, querida?

Balançou a cabeça, lentamente, de forma negativa. Depois voltou a olhar para baixo. Já fora um esforço enorme levantar-se e apoiar-se naquelas muletas e agora queria que andasse? Meu Deus, será que ela não conseguia perceber como era difícil?

— Vamos, sei que você consegue.

“Não vou levar uma maca até lá. Você só poderá vê-lo no final dessa semana, Luíza, se for caminhando com as suas próprias pernas.” Novamente a voz do doutor Henrique, mas daquela vez soara mais ameaçadora. Só naquele momento percebera como era irônico, obrigá-la a andar até o quarto de Rodrigo com suas

próprias pernas, quando eles mesmos haviam colocado nela uma perna que não era a sua.

— Mova a perna esquerda para frente, querida, está bem?

Não iria. Não conseguiria. Não poderia. A dor voltaria, as mil agulhas, os dedos verdes e pegajosos de agonia que saíam dos ossos e estendiam-se em direção à superfície, sabe-se lá o que aconteceria se conseguissem sair. Não, não poderia. Mas a lembrança de Rodrigo emergiu novamente, uma marca forte em sua mente como as cicatrizes de uma queimadura. Seus olhos castanhos claros vedados pelas pálpebras, a respiração suave. Quando deu por si, a perna esquerda já estava na frente da direita, e não tinha a mínima lembrança de tê-la movido. Talvez essa seja a real diferença entre a perna natural e a artificial de Luíza: a natural às vezes parecia assumir vida própria e se comportar como bem entendesse, enquanto a artificial se comportava como uma perna natural deveria.

— Isso, boa menina. Está indo muito bem. Muito bem mesmo. Agora vamos mover a perna direita, mas lembre-se de trazer as muletas junto com a perna, como falei.

“Poderá vê-lo ao final dessa semana, Luíza.” “No final dessa semana você poderá vê-lo.” “No final dessa semana.” “Você poderá vê-lo.” “Vê-lo.” “Nessa semana.” A perna moveu-se hesitante no ar, as muletas ergueram-se, o suor escorria pelo seu corpo, molhando a camisola, seus olhos fecharam quando as muletas e a perna atingiram o chão, esperando a mais terrível das dores. A dor veio sim, mas não era mais assim tão terrível. Apenas a marca de uma lágrima que derramamos há poucos instantes.

Naquele dia, andou pelo seu quarto durante meia hora. Fez o mesmo no dia seguinte, dando os primeiros passos para poder finalmente ver o seu marido, para andar em direção a seu quarto com suas próprias pernas, apesar de apenas uma delas ser realmente sua.

* * *

Lúza acordou. Era a madrugada de sexta-feira. O mundo estava imerso em completa escuridão. Escutava apenas o barulho do ar-condicionado, aquele tremor frio que dominava o ar. Sua bexiga doía, parecia que iria explodir a qualquer momento. Pensou na longa distância que a separava do banheiro e sentiu-se desanimar. Fechou os olhos, tentando dormir. Virou-se na cama. Mas a bexiga doía muito, incomodando-a. Abriu os olhos novamente. Pensou em caminhar até o banheiro. Seu coração começou a bater rápido. Não iria conseguir, não tinha coragem. Caminhar até o banheiro parecia uma tarefa simplesmente impossível. E, meu Deus, não conseguia enxergar nada, nada. Era tão assustador.

Sentou-se na cama. A camisola branca do hospital estava molhada de suor, fazendo-a sentir frio. Balançou os pés no ar, sem ver nada diferente da grande escuridão diante de seus olhos. Suspirou. Precisava ir ao banheiro. Onde havia colocado as muletas mesmo? Onde ficava o botão que chamava a enfermeira? Pensou naquela mulher de cabelo loiro curto, dizendo “Você quer ir ao banheiro, querida?” “Vou te ajudar, minha querida.” Não, não queria chamar a enfermeira.

Colocou a perna esquerda no chão. Essa era segura, sua conhecida há trinta anos. A perna direita que a preocupava. Jamais havia caminhado com ela sem mu-

letas e sabia que sem muletas aquela perna jamais havia caminhado. Moveu-a vagorosamente em direção ao chão, até sentir o contato frio do azulejo. Antes de impulsionar o seu corpo para frente, perguntou-se se sua mãe não poderia ajudá-la. Precisava de um ombro para se apoiar, uma mão amiga. Não uma enfermeira, não um daqueles robozinhos que pareciam só saber trazer comida e remédios.

— Mãe? — Perguntou para a escuridão. Mas a escuridão respondeu apenas com um silêncio profundo. Ainda aguardou, na esperança de um som tardio que revelaria que sua mãe havia acordado, que não estava sozinha e tudo correria bem. Mas o som não veio, apenas o silêncio imperava no quarto, cortado pelo incômodo barulho do ar-condicionado.

— Mãe? — Perguntou novamente, mais alto dessa vez. Não recebeu resposta alguma, como se o vazio zombasse de sua cara. Onde ela estaria?

Havia um interruptor perto da cama que acendia a luz, não havia? Onde ficava mesmo? Virou-se em direção à cabeceira da cama e tateou. Deslizava a mão pela parede, sentindo a sutil aspereza da massa e da tinta, mas não encontrou o interruptor. Ficava por ali, por que não encontrava? Nossa, como a bexiga doía.

Colocou os pés no chão novamente. Levantou-se. Rapidamente se apoiou na parede, com medo de cair. Estava zozna e fraca. Mas não havia sentido a dor na perna direita que esperava. Isso deixou-a mais aliviada, apesar de todo o medo que aquele quarto escuro impunha sobre ela. Andou vagorosamente, pé ante pé, apoiando-se na parede. Colocava o peso de seu corpo sobre o pé direito com cuidado, temendo a dor a cada passo. No meio do caminho teve que parar para descansar, ofegava. Não sabia se era medo ou cansaço.

Olhou para frente, tola esperança de enxergar algo, mas não havia nada além da escuridão.

Naquele momento, pensou em Rodrigo. Será que também enxergava apenas a escuridão diante de si? Será que desde o dia do acidente não enxergara nada além da escuridão? Ou será que a alma das pessoas em coma vai para outro lugar enquanto o corpo descansa? Estaria dentro do barco que o levaria ao paraíso, vendo com serenidade e segurança as águas negras ao seu redor? Estaria no céu, aprendendo a tocar harpa? Ou será que estava atrás dos espelhos, no reflexo das águas, brilhando junto com as estrelas? Naquele momento, desejou que sim. Ele merecia ser feliz. Era um bom homem, apesar das brigas, apesar do cigarro, apesar de tê-la convencido a não trabalhar. Era um bom homem.

E se não existir nada após a morte? E se for apenas um eterno vazio? Será que ele estava sofrendo? Haveria sofrimento?

Respirou fundo. Continuou a caminhar, apoiando-se na parede, o pé direito depois do esquerdo, o esquerdo depois do direito, naquele movimento circular que aprendemos quando somos pequenos, quando tudo parece ser eterno. Quando finalmente chegou no banheiro, conseguiu encontrar o interruptor. Acendeu-o imediatamente, aliviada. A luz espalhou-se pelo ambiente, pelas paredes, pelo chão, pelos móveis, pela sua pele. Tudo a luz iluminava, vivificava, tocando com seus dedos dourados que poderiam muito bem ser os próprios dedos de Midas. Mas seu rosto não ficou dourado. O espelho, com toda a sua maligna sinceridade, refletiu de volta os raios que pintara com o calor de seu corpo. Viu o seu olhar triste, as olheiras, a pele empalidecida, a aparência de fraqueza, o rosto nu,

sem os suaves retoques da maquiagem. As cruéis marcas de corte. Será que algum dia aquelas cicatrizes sumiriam? Lembrou-se de Cláudia, que a visitara há poucos dias com uma roupa tão bonita, o rosto bem maquiado. Sentiu inveja da amiga, naquele momento em que se via jogada, abandonada, como um pano velho que esquecemos na parte de cima do armário onde não podemos mais alcançar. Passou a mão pelo cabelo loiro despenteado, sentindo os dedos desfazendo os embaraçados dos fios. Percebeu que o cabelo estava sujo. Deveria tê-lo lavado no dia anterior. Para falar a verdade, deveria tê-lo lavado há dois dias.

Ah!, como estava linda no dia de seu casamento. Lembrava-se do cabelo arrumado, o penteado caro, a roupa branca ajustando-se tão bem a seu corpo. O véu, ah!, o véu, saltando de seu cabelo como as espumas brancas de uma cachoeira. Aproximou-se do espelho, cantarolando baixinho a valsa nupcial, não enxergava mais a imagem cadavérica que tinha diante de si, mas toda a pompa e o luxo de uma igreja. O altar dourado, o padre com uma batina longa e luxuosa, Rodrigo do lado esquerdo com um elegante terno azul-marinho. À sua direita não havia nada, apenas o vazio, esperando ser ocupado por uma mulher. Luíza ocuparia aquele lugar ao lado de Rodrigo, ocuparia aquele lugar à sua direita, e dali não sairia jamais.

Lembrava-se da missa, a voz forte do padre, o noivo anunciando que estaria com ela na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, agora e na hora de nossa morte, amém, o anel sendo colocado em seu dedo, sim, aceite, sim, aceite, pode beijar a noiva, amém. Ela caminhando pela nave central, sentindo todos os olhares procurando-a, admirando-a, o véu arrastando-se no chão, as lágrimas deixando os olhos de tantas pesso-

as, as lágrimas deixando os seus próprios olhos. Naquele momento olhara para frente e sentira todo um mundo esperando por ela, uma imensidão de promessas descortinando-se diante de seus olhos. Fizera tantos, tantos sonhos... Seu primeiro filho iria chamar-se Pedro, e o colocaria na aula de natação com dois anos de idade. Não queria que corresse o risco de se afogar. Sua segunda filha se chamaria Mariana e aprenderia a pintar desde cedo. Seria uma artista.

Viu novamente o espelho que a encarava com desprezo. Tocou-o, como se ainda precisasse certificar-se de que era real. A bexiga voltou a doer com força. Mesmo assim ainda demorou alguns instantes, olhando aquele rosto fraco e triste.

* * *

Luíza corria novamente em um campo coberto de grama negra. Mas, dessa vez, não era uma corrida tranquila, como alguém que pratica esporte em volta de uma lagoa. Não, aquela corrida, com o pulso acelerado, as pupilas dilatadas, os músculos doendo de esforço, era uma corrida tipicamente dominada pelo medo. Sabia que estava sendo perseguida. Podia escutar claramente os passos atrás dela, cada vez mais altos, cada vez mais próximos. Mesmo assim ela corria. Corria, sabendo que poderia ser pega a qualquer instante, corria, sabendo que a qualquer momento um demônio poderia pular sobre as suas costas, rasgando o seu ventre com uma pontiaguda garra de marfim. Corria, sabendo que iria perder. Cada vez mais próximo, cada vez mais próximo. Era mais de um, sabia disso. Talvez três ou quatro. Dava para perceber pelo som dos passos que se misturavam, denunciando três

ou quatro cadências regulares. Não ousara olhar para trás. Mas olhara para cima, e lá estava aquela única faixa horizontal de estrelas, rodeada pela negra escuridão do céu. Corria na mesma direção da faixa, como se ela a guiasse para a salvação. Só não sabia se estava correndo para o sentido correto. Se aquela faixa ligasse a escuridão à luz, a tristeza à alegria, o inferno ao céu, e estivesse sendo levada por aqueles demônios a correr para o sentido errado... Estaria com a sua alma condenada. Mesmo assim corria, corria porque estavam cada vez mais próximos. Um rugido soou logo atrás, um latido rouco, animalesco, que a fez arrepiar. Seu corpo tremia violentamente. Uma gota de suor escorreu pelo seu pescoço, gélida, tão gélida quanto a noite. Jamais havia escutado um som como aquele. Não era o latido de um cachorro, não era o uivo de um lobo. Aquele rugido soava como a mais pura ameaça, a mais pura promessa de morte. Não era um rugido que um animal conseguiria pronunciar. Subitamente, viu uma flor gigantesca na sua frente, um fino caule negro que ostentava um núcleo negro com várias pétalas negras em volta. Viu a flor se aproximar, viu-a ficar ao seu lado, viu a flor começar a se afastar, mas continuou correndo, correndo, pois estavam cada vez mais próximos. Quando a flor saiu de seu campo de visão, escutou novamente aquele rugido gélido e terrível, mas dessa vez ele se alongou, e foi seguido de outro rugido e mais outro. Cada vez mais alto, cada vez mais próximo. Naquele momento, quis desistir. De que adiantava essa vã tentativa de prolongar sua vida alguns segundos a mais? Para que tanto esforço? Estavam lá, para rasgar o seu ventre com uma pontiaguda garra de marfim. Já podia sentir sua pele sendo cortada, o sangue escorrendo para fora de seu corpo. Olhou para baixo, e viu que sua blu-

sa branca realmente estava empapada de sangue, na região da barriga. Ele escorria, manchando também a sua calça e caindo sobre o campo de gramas negras, pintando-as de vermelho.

Capítulo 3

Luíza andava de muletas. Já achava irritante aquele eterno ciclo de mover a perna direita junto com as muletas, em seguida a esquerda; novamente a perna direita junto com as muletas, em seguida a esquerda, tão enfadonho para quem está acostumado a simplesmente colocar um pé depois do outro, um pé depois do outro e pronto. Porém, isso não a incomodava naquela tarde de sábado, quando finalmente ia ver Rodrigo. Poderia estar andando sobre facas, e mesmo assim não perceberia seus pés sendo cortados e o sangue manchando as lâminas frias. Só via a imagem de Rodrigo em sua frente, deitado sobre uma cama branca, com um lençol branco, vestido de camisola branca. Dormindo serenamente, um sono parecido com o eterno sono dos mortos. Seu coração batia forte, e sabia que não era cansaço pelo esforço de andar de muletas. E realmente não deveria ser, pois a sensação de ver Rodrigo dentro de poucos instantes se tornava a cada momento mais difícil de suportar.

Os números passavam vagarosamente ao seu lado. Quarto 440. Quarto 442. Quarto 444. Era difícil dizer se aquela velocidade tão baixa era devido às muletas, que seguravam o seu movimento com rígidas mãos de madeira, ou se era devido ao receio de ver seu marido, segurando-a com as negras mãos do medo. Provavelmente os dois motivos eram verdadeiros. Mas a vontade de vê-lo a fazia avançar, movimentar a muleta e depois as pernas, a muleta e depois as pernas, como somos contraditórios. A cada passo o

seu destino parecia mais distante e a movimentação mais lenta e difícil. A cada passo o medo crescia dentro de si, tornando-se mais e mais forte. Quarto 480. Quarto 482. Dentro em breve estaria em frente ao terrível quarto 498, quando teria que tomar uma decisão. Continuou avançando, lutando bravamente contra aquele desejo horrível de recuar. Finalmente, viu-se em frente ao quarto 498. Lá estava. Depois de tanto tempo. Agora bastava abrir uma porta e metade dos seus problemas estariam resolvidos. Finalmente poderia ver Rodrigo. Finalmente poderia tocá-lo. Quase foi dominada pela vontade de retornar todo o caminho até o seu quarto, primeiro a muleta depois as pernas, até chegar à segurança de sua cama. Talvez fosse melhor simplesmente fingir que Rodrigo estava bem, como todos faziam quando conversavam com ela. Poderia fingir que acreditava e fingir que era feliz. Provavelmente seria bem melhor do que a dura realidade que a esperava atrás daquela porta.

Sua mente encheu-se de lembranças. O primeiro encontro, quando ele a beijou na saída do cinema, os bailes de tango que tanto frequentavam quando namoravam, o pedido de casamento no parque, em cima daquela ponte que a levaria para uma nova fase de sua vida, os vinhos que saboreavam nas sextas-feiras à noite, as brigas... Meus Deus, parecia que sentia saudade até das brigas!... Abriu a porta, enquanto as imagens esvaneciam em sua mente, sendo substituídas pelas que vinham por meio dos raios luminosos presentes no quarto. Stephanie estava ao lado da cama, segurando a mão de seu filho. Apesar dessa informação ter chegado até sua mente, foi completamente ignorada, em face da visão de Rodrigo deitado de olhos fechados, com a camisola do hospital. Aquela camisola branca era uma imagem

forte da realidade, da doença, da anormalidade em que se encontravam. Ele sempre chegava do escritório de advocacia após as oito horas, pendurava a gravata e o paletó no closet, jantava com Luíza (a comida que ela preparara), tomava banho, vestia apenas a calça do pijama, lia um pouco e depois dormia. Mesmo nos dias mais frios do inverno, vestia apenas a calça do pijama, mas depois usava duas ou três cobertas. Era tão triste vê-lo agora de camisola, condenado a dormir eternamente de uma forma que jamais faria. Uma prova crua e fria de que não dormia por livre-arbítrio, mas por um capricho dos deuses que parecem escolher uma pessoa uma vez ou outra para destruir a vida.

Sentou-se ao lado de Stephanie. Enxergara-a, finalmente, e viu os seus olhos injetados de vermelho. Apesar de toda a maquiagem, aquilo era algo que Stephanie não conseguia esconder. Não trocaram muitas palavras, não era necessário. De repente, aquelas duas mulheres tinham tanto em comum que pareciam ser melhores amigas. Nada como a escuridão para juntar as pessoas em torno de alguma parca luz que porventura reste.

Voltou a sua atenção para Rodrigo. Mesmo com o rosto marcado por cicatrizes, a barba malfeita, o cabelo despenteado, ela o admirava. Mas a beleza que via era uma mistura das imagens que entravam pelos seus olhos com as imagens do passado que estavam gravadas em sua memória. Olhava-o e completava a fraqueza atual de seu corpo com as lembranças que guardava tão carinhosamente em sua mente, as imagens do elegante homem por quem se apaixonara. Após um longo tempo admirando-o, sem derramar uma única lágrima, sentiu vontade de tocá-lo.

Subitamente, precisava sentir o contato de seu corpo, a realidade de sua presença. Aproximou-se devagar, quase como se temesse levar um choque. Sabia que deveria lavar a mão com álcool antes de encostar em um paciente, mas aquilo pareceu tão frívolo, Rodrigo está aqui, ela está aqui, tudo que desejava era senti-lo na ponta dos seus dedos e nada mais parecia ter a menor importância. Tocou em seu braço, sentindo o contato de sua pele. Que saudade daquele homem, que tantas vezes a abraçara. Em seguida deslizou a mão, acariciando-o. Não sabia se sentiria o seu carinho, mas, por Deus, aquilo a fazia tão bem. Era como se estivesse cuidando dele, fazendo o que deveria fazer mas simplesmente não podia mais. Antigamente, cuidar de seu marido significava apenas preparar o jantar, lavar a roupa, escutá-lo reclamando do trabalho, tudo tão simples, ainda mais com a ajuda dos pequenos robôs domésticos. De repente se sentia uma completa incapaz de fazer qualquer coisa por Rodrigo. E, ao mesmo tempo, fazia tudo por ele. Naquele momento, finalmente, uma lágrima, amarga e solitária, como apenas uma lágrima que cai sozinha pode ser, desceu pelo seu rosto, esfriando a sua pele, marcando fortemente a sua presença, e caiu sobre o corpo de Rodrigo, deslizando por seu braço até desaparecer no colchão.

Stephanie não disse nada. O que poderia dizer? “Tudo vai ficar bem, não se preocupe”? “Ele vai melhorar, com certeza”? “Não fique assim, Luíza, tenho certeza de que tudo ficará bem”? Não era mais tempo de mentiras. Aquela lágrima solitária cerrara toda a hipocrisia. Mas, mesmo assim, ela ainda não foi capaz de chorar. Jamais o fazia em público. Porém, sentira um sabor amargo na garganta, o gosto vingativo das lágrimas que não podiam sair.

Um SDR4 e uma enfermeira entraram no quarto. Ela parecia alta ao lado do pequeno robô de aparência infantil. Luíza foi imediatamente advertida por ele de que se estava tocando em um paciente, deveria certificar-se de que havia lavado a mão com álcool, para evitar a transmissão de micro-organismos. Enquanto isso, a enfermeira retirava o lençol. Colocou as luvas. O robô fechou as janelas e aumentou um pouco a temperatura do quarto. Era interessante como o SDR4 não precisava manipular diretamente nem a janela, nem o controle do ar-condicionado. Havia dois pequenos motores na janela, bastava um comando por infravermelho para que se fechasse automaticamente. Da mesma forma, o controle da temperatura também poderia ser efetuado através de uma comunicação sem fios. Mas Luíza não havia observado nada daquilo, tão perdida que estava em seus próprios pensamentos, incapaz de tentar compreender o que estava acontecendo.

A enfermeira trouxe do banheiro uma vasilha de metal que havia acabado de encher com água. Enquanto o SDR4 colocava na escrivaninha uma toalha, sabonete, desodorante, gilete, entre outros materiais, virou-se para Luíza e para Stephanie, provavelmente vendo-as pela primeira vez ali:

— Rodrigo irá tomar banho agora. Ele deve tomar banho frequentemente, para manter a higiene e a saúde de sua pele — abriu um sorriso forçado nos lábios. — Teria como nos darem licença, para que possamos manter a privacidade do paciente?

Luíza ficou olhando a mulher de meia-idade, de cabelo castanho curto e olhos negros. Demorou para entender o que estava pedindo. Manter a privacidade do paciente? Como assim? Já o vira tomando banho

tantas vezes. Por que agora seria diferente? Se alguém deveria dar banho nele deveria ser ela, Luíza, sua esposa e não uma enfermeirinha qualquer, que se bobear não tinha nem curso superior. O pedido soava completamente absurdo e irreal em seus ouvidos.

— Quer que eu saia do quarto?

— Sim, se não for incômodo.

— Mas sou sua esposa!... — reclamou, em um tom que se aproximava da perplexidade.

— Me desculpe, mas não devemos deixar nenhuma visita no quarto enquanto banhamos um paciente. É a política do hospital. Temos que zelar pela privacidade e pelo conforto de nossos pacientes.

— Tudo bem — falou, sentindo-se fraca demais para qualquer argumentação. Mas seus olhos mantiveram o brilho do desapontamento. Sentia-se como uma pessoa à parte, excluída da vida do marido, incapaz de cuidar dele nos acontecimentos mais simples do dia a dia. A enfermeira a ajudou a se levantar. Luíza virou-se, sem agradecer, e caminhou em direção à porta já aberta por Stephanie, a perna direita junto com as muletas, em seguida a esquerda, a perna direita junto com as muletas, em seguida a esquerda, como era lento, meu Deus. A enfermeira fechou a porta, quando Luíza chegou no corredor.

Stephanie estava apoiada na parede, com as mãos para trás. Seu olhar era distante e vazio. Luíza manteve-se perto da porta, como se esperasse a qualquer instante a oportunidade de entrar novamente. As duas mulheres compartilharam o silêncio por alguns minutos, cada uma perdida em seus próprios pensamentos, que provavelmente rumavam para uma direção comum, o homem

inconsciente escondido atrás daquela porta, o homem inconsciente escondido atrás dos olhos cerrados e da camisola do hospital, o homem inconsciente que amavam.

— Você reparou que ele mexe os olhos? — Stephanie perguntou, quebrando a fina camada de silêncio que se mantinha.

— Sério? — Sua voz saiu fraca e distante, a pergunta foi quase uma reação natural, vinda antes que efetivamente interpretasse o que fora dito. Se Stephanie esperava que se alegrasse ou mostrasse espanto, se decepcionara.

— Ele mexe os olhos... Para cima e para baixo, como fazemos quando dormimos. Por trás das pálpebras.

Não respondeu.

— Sempre pensei que ficaria completamente parado, como se estivesse morto. Como um... como um vegetal.

Permaneceu em silêncio. Mas mantinha o olhar em Stephanie, convidando-a a continuar.

— Enquanto doutor Henrique o examinava, beliscou a pele entre o polegar e o indicador. Levei um susto na hora, mas imediatamente Rodrigo afastou a mão... Ele afastou a mão, Luíza, foi extraordinário. Acho que um dia vai sair do coma.

Continuou olhando para Stephanie. Sabia que deveria responder, dizer alguma frase esperançosa, pelo menos um “Se Deus quiser, Stephanie, se Deus quiser”. Mas não conseguia. Simplesmente não conseguia. As palavras pareciam fugir de sua boca, corriam pelo corredor e se escondiam em qualquer livro ou revista que viam pela frente. Não chegou nem

a separar os lábios, soltando a esperança de uma palavra. De qualquer forma, Stephanie não pareceu se importar. Talvez não estivesse realmente falando com ela. Talvez estivesse simplesmente falando com si mesma.

Após mais alguns minutos, a enfermeira abriu a porta do quarto, anunciando que poderiam voltar. Stephanie agradeceu. Luíza dirigiu-se para dentro do quarto, a perna direita junto com as muletas, em seguida a esquerda. Notou entristecida que o rosto de Rodrigo estava mais limpo, a barba bem feita, o cabelo penteado. Uma parte dela gostaria que a enfermeira tivesse feito um mau trabalho. Poderia servir de consolo, para uma mulher que não tinha mais o direito de cuidar de seu próprio marido. Mas o destino não quis concedê-la nem essa mísera pitada de felicidade. Devemos ser justos, porém; ele não é assim tão cruel. O destino nos dá uma bofetada com a mão direita, enquanto nos acaricia com a esquerda. Enquanto observava o rosto limpo e bem barbeado, notou o movimento nos olhos fechados de Rodrigo. Para cima e para baixo, para cima e para baixo. Imediatamente, observou o seu tórax e notou o movimento de distensão e contração suave característico de uma respiração profunda. Pousou a cabeça em seu peito, escutando as batidas rítmicas de um coração. Estava vivo. Naquele momento, finalmente, foi contaminada pela esperança de Stephanie. A esperança pode ser uma grande mentirosa, mas é como uma mãe que se mente, é só porque nos ama.

* * *

Luíza voltou ao quarto de Rodrigo no dia seguinte, pela manhã. Não era horário de visitas, mas possuía autorização para vê-lo, como acompanhante. Desejava ficar um tempo a sós com ele. Sentou-se na cama, era tão bom vê-lo assim, tão próximo. Acariciou o seu rosto e o seu pescoço. Muitas vezes o tinha acordado assim, ele abria os olhos, mal-humorado, e brigava com ela por tê-lo acordado, mas poucos minutos depois estariam esquentando café na cozinha e preparando o pão, conversando felizes sobre o que fariam naquele final de semana. Mas dessa vez não havia acordado, não havia brigado, não iriam fazer planos na cozinha enquanto tomavam café, ela com adoçante, ele com açúcar.

Arrumou o cabelo de Rodrigo, consertando a franja que havia caído sobre a testa. Se ontem o cabelo estava tão arrumado e continuava sem se movimentar voluntariamente, como se desarrumara? Por que não mantinha aquela aparência elegante que sempre buscava todas as manhãs? Talvez Rodrigo tenha se movimentado durante a noite. Talvez, enquanto todos dormiam, inconscientes, a luz da lua o tenha iluminado e acariciado o seu rosto e o seu pescoço, acordando-o, fazendo-o caminhar pelo hospital procurando por sua esposa. Talvez.

Dedicou um longo tempo a simplesmente olhá-lo, observando cada detalhe de seu rosto, como se quisesse armazená-lo em sua memória para jamais perdê-lo. Em seguida levantou-se, acometida por uma súbita impaciência, e pegou as muletas que estavam apoiadas na parede. Andou até a janela, com mil pensamentos explodindo em sua mente, lembranças do passado misturadas com pensamentos receosos sobre o futuro. Lembrou-se de Stephanie comentando

que doutor Henrique havia beliscado a pele entre o polegar e o indicador e Rodrigo havia afastado a mão... Deus, como gostaria de ter visto aquilo. Se havia reagido à dor daquela forma, a situação não deveria estar tão ruim assim, deveria? Talvez esteja próximo de recobrar a consciência, caminhando junto da fina linha que separa o coma do despertar.

Da janela, podia ver o quintal do hospital. Era um lugar bonito, com árvores altas e frondosas e lindas flores. Havia um caminho ao redor do jardim florido, onde os pacientes caminhavam acompanhados por enfermeiros. Alguns idosos estavam sentados em bancos de madeira, conversando. Desejou estar naquele lugar com Rodrigo, de mãos dadas. Gostavam muito de caminhar no domingo de manhã, ele vestia uma camiseta e uma bermuda, ela um boné, uma calça e uma blusa de ginástica e andavam até completar uma volta em torno da lagoa, desviando eventualmente dos ciclistas que passavam rapidamente. Achava ótimo caminhar em meio às árvores que circundavam a lagoa, enquanto os pássaros voavam sobre suas águas e mergulhavam em busca de alimento. Suspirou e virou o rosto, lá estava Rodrigo, parecia estar dormindo. “Quando doutor Henrique veio visitá-lo, beliscou a pele entre o polegar e o indicador... Ele afastou a mão, Luíza, foi extraordinário.”

Aproximou-se de Rodrigo, apoiou novamente as muletas na parede e sentou-se na cama ao seu lado. Pegou sua mão esquerda, e a acariciou levemente, enquanto pensava se realmente deveria fazer aquilo. Seria uma boa ideia? Precisava tanto ver... Segurou o pulso de Rodrigo. Com a mão direita pinicou com força a pele entre o polegar e o indicador. Rapidamente a

mão se movimentou, o braço afastou-se. Soltou um pequeno grito de excitação. Ele se movimentara, meu Deus, ele se movimentara!... Parecia agora ser apenas uma questão de dias até que Rodrigo se levantasse e eles pudessem voltar a ter uma vida normal.

Tremendo de excitação, curvou-se e beijou seus lábios, enquanto se lembrava do primeiro beijo, em frente ao cinema em uma noite chuvosa. Já estava indo embora, quando ele a chamou, a pegou em seus braços e a beijou sem dizer uma palavra. Ele que comandara naquela noite, ele que a puxara, ele que abrisse os braços e a prendera neles, ele que levou a boca até a sua. Agora estava deitado, inconsciente, e era Luíza quem tinha que curvar-se sobre ele, era Luíza quem tinha que aproximar os lábios, era Luíza quem o beijara. Todo aquele poder parecia estranho, pois sempre se deixara ser dominada pela vontade do marido. Continuou inclinada, mantendo o seu rosto próximo do dele, sentindo a respiração em sua pele, quando escutou alguém batendo na porta. Empertigou-se rapidamente, com o coração batendo forte como uma garotinha que acabara de fazer algo errado.

Uma enfermeira que ainda não conhecia entrou no quarto. Era jovem, julgou que não deveria ter mais de trinta anos. Parecia simpática, sorriu assim que a viu e desejou-lhe um bom-dia. Era um sorriso sincero, amigável, de alguém que parecia realmente se importar. Ela olhou desconfiada para o braço esquerdo de Rodrigo, tombado em cima do tronco.

— Bom-dia, Rodrigo. Espero que tenha dormido bem essa noite. — Aproximou-se da cama. — Vou virar você agora, ok? Para proteger a sua pele e te deixar mais confortável.

A enfermeira o trouxe para mais perto, levantando primeiro a parte superior do tronco e carregando-o para seu lado da cama, em seguida a parte inferior e por último as pernas. Girou-o, utilizou o ombro e o quadril como apoio. Após essa série de manobras, ele estava deitado de lado, virado em direção à enfermeira.

— Espero que esteja confortável nessa posição. Vou dar uma olhada agora na sua pele — observou os braços e as pernas, principalmente. — Você parece bem, garoto — acariciou rapidamente sua cabeça, como se ele fosse apenas uma criança. — Na hora do banho vou examinar melhor, ok? Não se preocupe.

— É parente dele? — perguntou, virando-se para Luíza.

— Sim... Sou sua esposa — respondeu, baixinho, olhando para baixo.

— Sinto muito por tudo o que aconteceu. Sinceramente. Mas, pode ter certeza, sempre será muito bem-vinda. A presença dos familiares é ótima para Rodrigo. Ele precisa ser constantemente estimulado. Se observar algum dano em sua pele, ou qualquer anomalia em seu corpo, não hesite em nos contar. Tem um posto de enfermagem no fim do corredor, logo em frente aos elevadores, basta avisar um dos enfermeiros. Nos informe também sobre qualquer alteração no comportamento dele, como movimentos ou gemidos independentes.

A última frase a fez sorrir de esperança. Levantou a cabeça e olhou a enfermeira nos olhos pela primeira vez.

— Acha que ele pode melhorar?

— É claro! Já vi vários casos de pacientes que foram

internados muito piores e saíram andando com suas próprias pernas. Teve um garoto, devia ter uns sete anos de idade, que chegou a ficar em coma por seis meses. Um dia, simplesmente acordou e começou a gritar pela mãe, desesperado. Até chorei de emoção.

— Obrigada — disse, e foi um agradecimento profundamente sincero. Talvez a enfermeira não tenha compreendido por que agradecia, mas não importava.

— Como você se chama?

— Luíza.

— Muito prazer, Luíza. Eu sou Jaqueline — apertaram as mãos, Jaqueline mantinha um sorriso simpático no rosto. — Pode contar comigo, qualquer coisa é só falar. Juntas, nós vamos cuidar muito bem desse garotão aí.

Não respondeu, mas sorriu. Gostara muito daquela enfermeira. Era quase um anjo, principalmente se comparada com a bruxa que conhecera no dia anterior.

— Se quiser saber mais sobre o estado de saúde de Rodrigo, pode ir ao posto de enfermagem do andar. Ou então você pode conversar com o médico, quando ele vier examiná-lo.

— Qual é o médico responsável por ele?

— O doutor Paulo. É um excelente neurologista, além de ser uma pessoa maravilhosa. Às vezes o doutor Henrique também o examina.

— Ah, sim... Foi quem tratou a minha perna.

— Ele é meio bronco, não é? — A enfermeira perguntou, sorrindo.

— Sim, é mesmo... — Luíza não pôde evitar um

sorriso.

— Mas é um médico muito competente, disso pode ter certeza. Doutor Henrique faz milagres.

Imediatamente colocou as mãos em sua perna direita, sentindo a pele macia. Sim, doutor Henrique fazia milagres. Só esperava que pudesse fazer o mesmo por Rodrigo, mas era claro que dizer “levante e anda” e dar mobilidade a um paralítico era um milagre muito mais fácil do que dizer o mesmo para Lázaro e trazê-lo de volta do mundo dos mortos — se é que os milagres podem ser categorizados em graus de dificuldade, mas acreditava que poderiam.

* * *

Luíza estava deitada, encarando fixamente o teto branco do hospital, enquanto Elena lia um livro ao seu lado. Cláudia aproximou-se, quebrando a atmosfera estática que se mantinha dentro do quarto, trazendo toda a energia de sua juventude. Elena fechou o livro, colocando-o em cima do criado-mudo. A capa mostrava um homem deitado em uma cama de hospital, com um anjo ao seu lado. Em letras azuis, estava escrito o título: *A Cura pela Oração*. Cláudia sentiu pena da pobre senhora. Devia ser tão duro ver a filha e o genro em uma situação tão difícil, que era natural agarrar-se a qualquer esperança religiosa. Mas, se Deus quisesse realmente ajudar, Ele não teria deixado o carro bater, para início de conversa. Era claro que Ele estava por trás de tudo aquilo, escrevendo mais uma de suas cruéis linhas tortas. E para quê? Para nos ensinar uma lição no final? Para que aprendamos a valorizar a vida? Para quê?

Afastou esses pensamentos enquanto

cumprimentava Luíza. Ela levantou-se da cama, sentando-se no colchão. Sorria, o que deixou Cláudia mais tranquila. Tinha muito medo do que poderia encontrar. Mas Luíza estava com uma aparência muito melhor do que na sua última visita, apesar de seu cabelo todo bagunçado e amassado, das olheiras e do rosto sem maquiagem e com aquelas marcas de corte. Mas o que eram todos aqueles detalhes, em vista do espontâneo sorriso que enfeitou seus lábios quando a viu? E aquele brilho em seus olhos, a denúncia de uma vontade de viver... Ela a admirava. Provavelmente se mataria se estivesse na mesma situação da amiga.

Sentou-se e perguntou pelas novidades. Uma pergunta que tantas vezes é tão fútil, apenas uma desculpa para puxar novos e mais interessantes assuntos, mas que naquela situação assumia uma importância inestimável. As novidades... Havia acontecido tanto nos últimos dias e ao mesmo tempo acontecera tão pouco. Imagine duas mulheres se encontrando um dia no meio da rua, uma pergunta pelas novidades e a outra responde, excitada: “Belisquei a pele entre o polegar e o indicador do meu marido, e ele moveu a mão!”. Poderia parecer tão ridículo, tão sem importância, somos completamente cegos aos pequenos milagres que acontecem todos os dias ao nosso redor. “Levanta-te e anda”, e aqui estamos, levantando e andando todos os dias, sem que ninguém nos ordene mais. Mas agora Cláudia perguntava a Luíza pelas novidades e ela iria responder sim, “Belisquei a pele entre o polegar e o indicador do meu marido, e ele moveu a mão!”, e dessa vez ambas iriam se alegrar e admirar esse milagre. Será que é por isso que as linhas tortas de Deus sangram tanto?

Luíza também falou sobre Jaqueline, e que fora ao posto de enfermagem e perguntara para um dos funcionários como estava Rodrigo. Depois de conferir sua identidade, ele fez uma pesquisa rápida no computador e respondeu que estava em coma leve, devido a fortes lesões no cérebro. Mas assegurou que estava sendo muito bem tratado, o doutor Paulo era um excelente neurologista e doutor Henrique... bem, o atendente não falara nada sobre doutor Henrique, mas Luíza sabia que fazia milagres. Cláudia a ouviu com atenção, feliz por ela falar tanto, por tanto tempo. Era a primeira vez desde o acidente que a ouvia contar um longo caso, como a Luíza de antigamente, sempre cheia de histórias...

Luíza comentou sobre o quintal do hospital, que podia ser visto da janela do quarto de Rodrigo. Contou que a enfermeira a encorajara a andar ali e que realmente parecia ser um lugar muito agradável. Cláudia sabia que não há nada para um ser humano como andar em meio às árvores e respirar um pouco de ar puro, pobres animais que somos, engaiolados em nossas paredes de concreto e cimento. Imediatamente convidou a amiga para irem ao quintal, aproveitar o dia lindo que estava fazendo. O dia não estava tão bonito assim, havia até mesmo algumas nuvens cinzas passeando no céu, mas não se importou com a mentira e Luíza sentiu-se muito confortável em fingir acreditar. Assim são todas as mentiras que gostamos de chamar de brancas.

Ficou admirada quando chegaram ao quintal. Era uma área extensa, com um caminho circular para os pacientes caminharem. Na área interna ao círculo havia um jardim gramado com várias flores, realizando um verdadeiro balé de cores, pétalas vermelhas

agrupadas em um canto, cercadas por pétalas amarelas, logo ali atrás um grupo de azuis, boninas, lilás, olha ali aquelas pétalas brancas à direita. As árvores plantadas na área externa abençoavam o caminho com sua sombra. Bancos de madeira estavam espalhados pelo local, nos quais alguns pacientes conversavam sobre qualquer coisa que não tinha muita importância, mas, meu Deus, como era importante. Vários caminhavam, ao lado de um amigo, de um parente, de uma enfermeira ou sozinhos. Sentiu um nó na garganta quando viu uma senhora que julgou ter uns noventa anos cheirando alegremente a flor de um girassol, assim é o poder da beleza, capaz de pintar de juventude um rosto já carregado pelas experiências da idade.

Já Luíza não estava tendo uma experiência tão agradável. As sombras das árvores sobre o caminho ligaram-se em sua mente imediatamente à estrada, que recebia a sombra de uma mata exuberante, naquela noite de chuva, a noite que jamais terminara, a noite que estendia até hoje a sua sombra. O carro derrapando, a árvore se aproximando em alta velocidade, o vidro quebrando, aquele som terrível de vidro quebrando e de metal sendo amassado, tudo se misturava em sua mente, culminando na lembrança do sangue e da dor, o sangue que escorrera pelo seu rosto e manchara seu vestido, a dor em sua perna direita, prensada pelas engrenagens do carro que por tanto tempo os servira tão bem. O cachorro de pelúcia sendo perfurado, aquela pelúcia branca escorrendo para fora como se fosse sangue. Ficou muito tempo parada, apoiada sobre as muletas, incapaz de se movimentar, sobrecarregada pelo ataque de lembranças que a mantivera completamente ausente da realidade, presa em seu próprio mundo interior. Um

puxão leve em seu braço. Uma voz vindo em seus ouvidos, uma voz amiga. Um novo puxão, a voz preocupada. Despertou, viu Cláudia em sua frente, seu olhar preocupado. Assegurou à amiga que estava tudo bem, tudo ótimo, não podia estar melhor, com um sorriso falso nos lábios. Apenas dormira acordada por alguns instantes, tão natural ao homem dormir enquanto está acordado e ficar acordado enquanto dorme.

Começou a andar, perna direita para a frente junto com as muletas, depois a perna esquerda, perna direita para a frente junto com as muletas, devagar ia percorrendo o caminho ao lado das flores, mas não conseguia admirar toda a beleza ao seu redor, as lembranças do passado haviam destruído a beleza do presente, como sempre adoram fazer, não há nada que alegre mais os seus velhos ossos empoeirados. Cláudia, percebendo que estava novamente calada e ausente, perguntou quando teria alta, tentando puxar um assunto agradável. Luíza soltou um longo suspiro. Respondeu que teria alta em breve, muito em breve, pois já estava caminhando bem, sem sentir muita dor, e quase não precisava mais das muletas. Pelo que andara conversando com doutor Henrique, deveria sair do hospital em poucos dias.

— Que boa notícia! — exclamou, consciente de que a amiga não expressara nem um pouco de animação.

— Mais ou menos... Aqui, estou perto de Rodrigo, posso vê-lo quando quiser, tenho contato fácil com os médicos e os enfermeiros. Em casa estarei distante, vai ser tudo tão mais difícil. E qual é afinal o sentido de ir para casa, se meu lugar é ao lado de Rodrigo, cuidando dele? Vou ter que vir ao hospital todos os dias...

— Você tem sua vida, não se esqueça disso.

— Minha vida... O que é a minha vida? Sou uma dona de casa, Cláudia, minha vida é cuidar da casa, do meu marido e, futuramente, dos meus filhos. Essa é a vida que escolhi. Queria trabalhar com tradução, mas não foi esse o rumo a que o destino me levou. Sem Rodrigo me sinto, agora, completamente inútil.

Cláudia não respondeu. Era claro que discordava daquela visão submissa e anacrônica, mas sabia que aquele era o pior momento possível para questioná-la. Esperava sinceramente que Rodrigo saísse do coma e eles voltassem a ter uma vida normal, mas desejava que Luíza pelo menos aprendesse a ser um pouco mais independente depois daquilo tudo. Pelo menos um pouco mais. Nos seus namoros de adolescente sempre fizera o papel da boba apaixonada e assim que se casou desistiu de seu emprego como professora de inglês. Pelo menos haviam começado a namorar logo depois que se formou, porque Cláudia tinha certeza de que se tivessem se conhecido um pouquinho antes, provavelmente não teria nem terminado o seu curso superior.

Antes de voltarem, Luíza sugeriu que fossem visitar Rodrigo. Ao entrarem no quarto, encontraram-no virado para a janela, como se admirasse a vista. Talvez estivera observando as duas caminhando no quintal e conversando sobre a vida. Talvez. Elena também havia ido para o quarto de Rodrigo, estava sentada ao seu lado, lendo o mesmo livro.

— Bom-dia, Rodrigo — disse, tímida. Um leve rubor coloriu o seu rosto, a marca da vergonha que sentia.

— Você conversa com ele? — Cláudia perguntou.

— Sim, Jaqueline disse que é bom. Para incentivar.

— Entendo...

— Cláudia está aqui, Rodrigo — continuou, virando em sua direção. — Também veio te visitar. — Sentia-se ridícula. Tinha medo do que a amiga estaria pensando. O que esperava, afinal, que ele se levantasse e desse três beijinhos para cumprimentá-las?

Doutor Paulo entrou no quarto para mais uma consulta de rotina. Era um médico de cabelo grisalho e o rosto marcado pelas rugas da idade. Mas não era velho, calculava que não deveria passar dos cinquenta e cinco anos. Porém, a pressão e as dificuldades de seu trabalho pesavam em suas feições. Tinha ouvido falar que ele trabalhava em pelos menos três hospitais.

Ele levantou a pálpebra de Rodrigo. Luíza posicionou-se ao lado do médico, vendo maravilhada o olho castanho claro de seu marido, como sentira saudade daquela pupila, daquela íris, daquele olhar que a encarava com tanta vida, com tanto amor. Segurando uma lanterna na mão esquerda, o médico iluminou o olho com um feixe forte de luz. Imediatamente a pupila diminuiu de tamanho, protegendo-se da forte claridade.

— Foi bom a pupila ter se movimentado, não foi, doutor?

— Sim, claro. É sinal de que está tendo as reações primárias.

— Como está indo, doutor Paulo? Está melhorando? Vai sair do coma em breve?

— Bem, Luíza, seu marido sofreu um trauma muito grave. Melhorou muito desde o dia do acidente, pois reage aos estímulos externos. Porém, ainda não apresenta nenhum comportamento intencional, não se

movimenta sozinho na cama, não está produzindo sons, não abre os olhos. Infelizmente, não posso dizer se vai sair logo do coma.

— Não há nada que possa ser feito? Temos que ficar aqui apenas aguardando, de braços cruzados, observando a sua evolução? Não dá para fazer, sei lá, alguma cirurgia, uma medicação, não é possível, tem que ter alguma coisa... Tem que ter...

— Na situação atual, o melhor é observá-lo constantemente, para que possamos lidar com qualquer eventual complicação que possa vir a ter. Fora isso, não há nada além de esperar. Sei como pode ser angustiante, mas por enquanto prefiro acreditar que o cérebro dele ainda pode se recuperar naturalmente. Vamos nos agarrar a essa chance.

Agarrar-se a uma chance... Lá estava ela, em um mundo capaz de dar-lhe uma perna como se fosse viva, e agora tinha que ser paciente e agarrar-se em uma única e mísera chance, enfrentando toda a vasta insegurança do acaso. Talvez esse seja o destino do homem, afinal, condenado a lidar sempre com as criaturas sombrias soltas da caixa de Pandora, como alguém que deve empurrar eternamente uma pedra ao alto de um morro apenas para vê-la novamente rolar.

— Temos que rezar, Luíza. É só rezar, e tudo ficará bem — disse Elena, sempre confiante nas linhas tortas de Deus.

* * *

Luíza acordou. Sabia que não tivera um bom sonho, mas dessa vez pelo menos teve a graça do

esquecimento. Mas seu pescoço suado denunciava que a noite não fora nem um pouco tranquila. Sentou-se na cama e esticou as pernas e os braços, espreguiçando-se. Um grande cansaço tomava conta de seu corpo, mas não estava mais tão desanimada como antes. Doutor Henrique havia mencionado no dia anterior que já poderia tentar andar sem as muletas, e agora estava sentindo-se realmente motivada para isso. Havia andado apoiando-se na parede uma noite, mas agora queria caminhar como sempre fizera em sua vida.

Apertou o botão à direita da cama. Pouco tempo depois um SDR4 entrou no quarto trazendo leite e um pão com queijo. Agradeceu. A presença do robô já parecia algo natural, começava a realmente gostar dele. Era muito educado e eficiente. Após terminar o café da manhã, ficou ainda alguns minutos parada, simplesmente olhando para os seus pés, com um certo receio de andar. Lembrou-se da imagem da cama de Rodrigo envolta em uma misteriosa névoa branca enquanto corria, corria e corria, sem jamais conseguir se aproximar. O que poderia significar aquele sonho? Não sabia, mas ele dava um nó em sua garganta que não a agradava.

Fazendo força para afastar esses pensamentos, calçou os chinelos do hospital. Colocou os pés no chão e levantou-se da cama, ficando em pé. Sentiu uma tonteira que quase a fez cair, mas aos poucos aquela sensação foi passando. Quando sentiu-se mais confiante, colocou o pé esquerdo em frente ao direito, aquela perna pelo menos ela tinha há mais tempo. Deu o outro passo, devagar e com cautela, tomando muito cuidado para manter o equilíbrio. Levantou um pouco os braços, para ajudá-la. Pé ante pé, com toda a

calma e a paciência de quem não possui mais nenhum objetivo na vida além de esperar, saiu do seu quarto. Vagarosamente, caminhou até o de Rodrigo, onde mais poderia ir?

— Bom-dia, meu amor — aproximou-se e imediatamente examinou os seus braços e as suas pernas, para ver se não havia nenhum ferimento.

— Sua pele está ótima, querido — disse, acariciando o seu rosto. O pelo que crescia pinicou a sua mão.

— Hoje vim andando até aqui sem as muletas, não está orgulhoso de mim?

Sabia que estava. Como poderia não estar orgulhoso? Ir andando até ali sem as muletas definitivamente não foi fácil.

Mais tarde, Jaqueline entrou no quarto, desejando bom-dia para Luíza e para Rodrigo. Trazia nas mãos um pequeno balde, onde Luíza conseguiu ver uma camisola dobrada, sabão e uma toalha azul-clara. Levantou-se imediatamente e começou a caminhar, cautelosamente, em direção à porta do quarto.

— Ei, onde pensa que vai?

— Vou sair, para Rodrigo tomar banho.

— Não precisa sair, pode ficar aqui. — Voltou a aproximar-se, vagarosamente. Mas dessa vez não andava devagar apenas para manter o equilíbrio. — Por que não me ajuda a dar banho nele? — Jaqueline disse, de repente, com um grande sorriso nos lábios, como quem acabara de ter uma grande ideia.

— Não sei se deveria... — olhava para o chão, com o rosto levemente corado, parecia uma garotinha em dúvida se deveria beijar um garoto pela primeira vez.

— Por que não? É sempre tão difícil dar banho em

um paciente sozinha, um pouco de ajuda seria ótimo.

— Não seria contra as regras do hospital? A última enfermeira não me deixou nem ficar no quarto!... — Olhava diretamente para Jaqueline agora.

— Deve ter sido a Jenifer... — comentou, com um meio sorriso. — Você é a esposa dele, tem muito mais direito de dar banho nele do que eu! Vamos lá, vamos limpar esse garotão, para ele ficar forte e saudável. Lave suas mãos lá no banheiro com álcool e coloque essas luvas.

Jaqueline observou contente como Luíza andara rápido até o banheiro. Realmente havia sido uma boa ideia trazer um par de luvas extras. Sabia que faria muito bem para ela ajudar a cuidar de Rodrigo. Uma pessoa inexperiente mais atrapalhava do que ajudava o serviço, mas era claro que valia a pena. Enquanto Luíza lavava as mãos, trancou a porta do quarto, fechou as janelas e aumentou a temperatura. Depois foi para o banheiro, onde a viu colocando as luvas com dificuldade. Não pôde evitar um pequeno sorriso. Em pouco tempo a enfermeira já havia lavado as mãos e colocado suas próprias luvas. Encheu a vasilha com água morna e colocou-a em cima do criado-mudo. Molhou um pano, pressionou-o um pouco para retirar o excesso de umidade e entregou-o para Luíza.

— Pode começar lavando o rosto. Acho melhor não usarmos sabão no rosto hoje.

Luíza pegou o pano e passou-o no rosto, nas orelhas, no pescoço, primeiro com suavidade, como se estivesse com medo de furá-lo. Jaqueline preferiu não falar nada. Com o tempo foi adquirindo confiança. Sentia-se tão feliz por estar cuidando de seu marido, teve que fazer um grande esforço para não deixar as

lágrimas escaparem pelos seus olhos. Mesmo assim algumas conseguiram rolar pelo seu rosto, molhando a camisola do hospital.

— Está indo muito bem. Pode colocar a espuma no rosto, mas acho melhor eu fazer a barba, ok? — Jaqueline disse, enquanto entregava a espuma de barbear. Deixou-a encher, desajeitadamente, o pescoço e o rosto de espuma (muito mais do que seria necessário), para então passar a gilete em sua pele, com todo o cuidado e delicadeza. Em seguida, Luíza enxugou-o com o pano, retirando a espuma que sobrava.

— Vamos molhar mais um pouco o pano e lavar os braços. Use sabão agora, não queremos que fique sujo — a enfermeira entregou o pano úmido e um sabão branco. Segurou o braço de Rodrigo, para que Luíza pudesse lavá-lo mais facilmente.

Luíza espalhava o sabão, observando a espuma branca que se formava, admirando o cheiro de eucalipto que se desprendia no ar. Aquele contato com a pele de Rodrigo, além da sensação de ser útil, de cuidar dele, tornara aquele momento o mais feliz desde o dia acidente. Sentia-se tão leve, livre das sombras que a atormentavam todos os dias no hospital. Passou o pano novamente no braço, retirando o sabão e a sujeira. Olhou satisfeita para o braço limpo, orgulhosa de seu trabalho.

— Muito bem, Luíza, muito bem. Me ajude a retirar a camisola, agora.

Viraram Rodrigo, para poder desamarrar o laço que prendia a roupa. Quando terminaram de retirá-la, a enfermeira colocou-a em uma sacola plástica para levar até a lavanderia.

Jaqueline continuou instruindo-a durante o resto do banho, deixando-a fazer sempre a maior parte do serviço. Quando terminaram de colocar uma camisola limpa, abaixou um pouco a temperatura do quarto, abriu as janelas e destrancou a porta. Luíza tinha o rosto molhado de lágrimas.

— Obrigada, Jacqueline... Obrigada.

* * *

Doutor Henrique sentou-se ao lado da cama. Luíza levantou-se, imediatamente, esperando mais uma análise de rotina. No dia anterior o médico não veio examiná-la. Porém, ao contrário das instruções convencionais, estique a perna direita, flexione o joelho, ande de muletas, o que deixou a boca do médico foi muito mais assustador:

— Luíza, você já ficou aqui mais do que deveria. É hora de ir para casa.

— Não quero ir... Tenho que ficar ao lado de Rodrigo, cuidar dele, conversar com ele, Jacqueline disse que é bom que eu fale com ele, para estimulá-lo, Rodrigo precisa de mim, doutor Henrique, realmente precisa de mim, não me mande embora, por favor.

— Luíza — disse o médico, fazendo uma breve pausa após pronunciar o nome — o mundo lá fora é horroroso. É triste, solitário, cheio de vírus, bactérias, câncer, depressão. Estamos sempre competindo, lutando pela sobrevivência, muitas vezes não podemos confiar em ninguém. É um mundo difícil, Luíza, eu sei. Mas é lá que devemos desenrolar a história de nossas vidas. O hospital é apenas um interlúdio, um lugar que Deus nos deu para que possamos descansar e nos

recuperar, mas depois temos que voltar a percorrer o longo caminho de nosso destino, por mais triste que possa nos parecer. Vá para a casa, siga a sua vida, tente ser feliz. Seu nome está cadastrado como acompanhante de Rodrigo, pode vir visitá-lo sempre que quiser.

— Não quero ir, doutor...

— Desculpe-me, Luíza. Mas não tem opção. Amanhã de manhã deve partir.

Luíza teve mais um pesadelo naquela noite. Ao seu redor havia uma névoa negra, não a deixando enxergar nada em sua volta, nada na frente, atrás, em cima, embaixo, à direita, à esquerda, apenas aquela espessa névoa negra. Não sentia nem o peso do seu corpo contra o chão, como se estivesse flutuando no espaço, perdida em algum ponto entre um lugar e outro, em algum ponto que não era lugar algum. Tentou mover as pernas, mas não conseguiu, mantiveram-se estáticas, como se não fossem suas. Desesperada, tentou movimentar os braços, mas também não responderam. Uma grande angústia dominou-a, tentou sacudir com fúria e desespero todo o seu corpo, mas continuava parada, estática, imóvel. Não chorou, não suou frio, seu coração não bateu forte no peito. Era como uma pedra, uma entidade vazia de qualquer coisa, presa naquele lugar vazio de qualquer coisa. Quando acordou no meio da madrugada, molhada de suor, um pensamento cruzou rápido sua mente, atingindo-a como um raio: “assim que deve ser o coma.”

De manhã, Elena veio buscá-la. Ao chegarem em casa, foi imediatamente para o quarto e deixou-se cair na cama de casal. Não ajudou a mãe a subir com as malas. Talvez teria ajudado se tivesse se lembrado,

mas nem passara por sua cabeça que a mãe trazia malas para morar com ela por um tempo, que a mãe precisava de roupas, de um pente, da sua escova de dentes, de um desodorante e que tudo isso junto pesava tanto. Não, esses detalhes mundanos nem passaram por sua cabeça, estava novamente naquele ponto entre dois lugares, que não é lugar algum, naquele tempo entre dois tempos, que não é tempo nenhum, estava imersa dentro de si mesma em uma espiral infinita. Jogada na cama de casal, estirada com a cabeça de um lado e as pernas do outro lado da cama, havia perdido, naquele momento, toda a noção da realidade.

Elena guardou os seus pertences no quarto de hóspedes. Em seguida, foi para o banheiro tomar banho. Lembrava de Alberto enquanto a água percorria o seu corpo, como fora difícil... Avisara tantas vezes para aquele imbecil não fumar, mas ele tinha que acender um charuto todas as vezes que lia um jornal, aquela anta. Como doía escutar a tosse rouca e o chiado doentio que saía de seus pulmões repletos de câncer, como doía vê-lo deitado o dia inteiro, incapaz de se levantar para fazer qualquer coisa, enquanto ela chorava trancada no banheiro. Sim, aquele último ano foi duro, era quase um alívio ele finalmente estar dentro de um caixão, finalmente em paz. Mas depois de sua morte ainda o via quando acordava de manhã, ainda o sentia sentado na cadeira de balanço lendo o seu jornal, até mesmo tossia por causa da fumaça do charuto. Parecia que ainda estava ali, ao seu lado, brigando com ela todas as manhãs. Custou para reconhecer que estava sozinha, que ele realmente se fora. Mas depois se acostumou, a gente se acostuma a tudo nesse mundo, não é mesmo? Depois se acostumou, encontrou um grupo de pôquer, começou

a participar das reuniões da igreja, fez amizades. Provavelmente não admitiria para si mesma, mas uma parte dela realmente desejava que Rodrigo morresse. Esse estado de semimorte parecia com o fantasma de Alberto que via todos os dias. Luíza precisava se livrar do seu fantasma para seguir a vida.

Depois do banho, pegou o Auto Cleaner que trouxera de casa. Estava com o nariz irritado por causa da poeira, aquela casa ficara fechada por tanto tempo. Sabia que a filha não se incomodaria em limpar a casa, não deprimida do jeito que estava. Normalmente a filha mantinha a casa sempre tão linda e arrumada... Mas aqueles bichinhos faziam milagre, ganhara um de aniversário há alguns anos e desde então não conseguia mais viver sem eles. Era um robô vermelho, circular, de apenas cinco centímetros de altura. Possuía um pequeno vão na parte inferior, por onde sugava a poeira, além de uma área em seu interior para armazená-la. Duas rodas permitiam que se movimentasse, além de um anel de sensores infravermelho em volta de seu corpo, para não trombar nos móveis e nas paredes. De tempos em tempos, despejava a poeira em uma sacola de lixo, que ficava em sua base, onde também recarregava a bateria. Colocou-o no chão e observou-o percorrendo o quarto, rapidamente, emitindo aquele silencioso barulho de sucção.

Foi até o quarto de Luíza. Encontrou-a estirada na cama, olhando fixamente para o teto, ainda com o rosto molhado de lágrimas. Acariciou-a, limpando as lágrimas com os dedos. Quando achou que estava um pouco mais tranquila, disse, com a voz mais suave e reconfortante que conseguiu emitir:

— Minha filha querida, por que não tira essa roupa e

toma um bom banho? Ficar deitada o dia inteiro não vai te fazer bem algum. Aproveite a manhã para passear um pouco, ler um livro, se distrair. De tarde, se quiser, podemos visitar Rodrigo.

Luíza levantou-se, mas precisou apoiar a mão no colchão para manter-se sentada na cama. Sentia-se zozna e lenta, o pensamento era difuso e rapidamente perdia qualquer fio de raciocínio. Sabia que tinha que tomar banho, mas não conseguia mais lembrar exatamente por quê. Sentiu o toque em seu braço, será que era Rodrigo? Levantou-se, puxada por aquela mão, em seguida apoiada no ombro de alguém, que levou-a para algum lugar. Só podia ser Rodrigo, só podia ser, era igual à noite em que passara mal depois da formatura de Cláudia, quando ele a ajudara a ir até o banheiro. Deus, não queria vomitar de novo...

Elena ajudou-a a se despir, ligou o chuveiro e testou a temperatura da água. Estava morna. Guiou-a para dentro do box, até ver a água molhando o seu corpo. Seu rosto melhorou com o impacto da água, os olhos desanuviaram e pareciam novamente conscientes do mundo ao redor.

— Você consegue tomar banho sozinha, filha querida?

Ela balançou a cabeça, afirmativamente. Elena saiu do banheiro, mas não fechou a porta. Abriu o armário e escolheu uma saia azul e uma linda camiseta verde com estampa de joaninhas para a filha vestir. Achava que verde seria uma boa cor.

Capítulo 4

O som da campainha invadiu o quarto, entrando pelas frestas da porta e das janelas fechadas, que tanto escureciam o local. Luíza estava deitada de olhos fechados, mas não dormia. Mesmo assim, aquele som a incomodava, queria manter a atmosfera de silêncio e solidão onde mergulhava a sua tristeza. Mas Elena abriu a porta para quem quer que estivesse ali, deixando a pessoa entrar na casa, entrar no lugar onde se escondia como um animal frágil e assustado, alterando-o com sua presença, com o barulho de seus passos, com a voz com que conversava com Elena. Reconheceu, então, que era a voz de Cláudia. Escutou-a perguntando pelas novidades, a mãe reclamando que ela não queria sair do quarto, não queria fazer nada. O que esperavam, afinal? Que estivesse passeando pela cidade afora, dando pulos de alegria?

Sentou-se na cama, ainda zozna por ficar muito tempo deitada. A cabeça doía, culpava a claridade, apesar de apenas um pouco de luz entrar pelas frestas da porta e das janelas. Sentia a garganta seca. Abotoou o último botão de sua camisola. Cláudia entrou no quarto, a claridade vinha junto com ela pela porta aberta, fazendo seus olhos arderem. Fechou-os depressa, doce e abençoada escuridão. Por que não a deixavam em paz? Por que não a deixavam sozinha, sozinha a mergulhar no mar de tristeza em que o destino a jogara?

— Luíza, você está horrível.

Não respondeu. Cláudia sentou-se na cama, ao seu lado.

— Olhe para o seu cabelo, todo bagunçado — enquanto falava, ajeitava o cabelo de Luíza com a mão. — Sua pele está tão pálida, você precisa tomar um pouco de sol. Essa boca seca, não viu que seu lábio está rachado? Você tem que se cuidar, minha amiga querida, tem que se cuidar. Quando Rodrigo acordar, vai querer ver uma esposa linda para tomar conta dele.

Abriu os olhos, encarando a amiga. Estavam molhados, tornando a imagem de Cláudia nebulosa e difusa.

— Se ele acordar, Cláudia...

— Não fale assim, é claro que vai dar tudo certo. Venha, levante-se, vamos conversar lá na sala. Ficar aqui no quarto é muito deprimente — puxou a mão da amiga, levantando-a. Luíza deixou o seu corpo ser levado, estava fraca demais para firmar a sua decisão de permanecer na cama e lá deixar o tempo escorrer eternamente, até chegar em sua última gota de vida.

Cláudia puxou-a até a sala, enquanto Elena foi para a cozinha preparar um café. Sentia-se tão feliz com a visita... Aquela mulher era animada, vaidosa, exalava uma energia e uma juventude de dar inveja. Tudo o que sua filha precisava naquele momento. Sempre fora uma das amigas de Luíza de que mais gostava, desde quando sua filha e Cláudia se conheceram ainda crianças e iam brincar no lago. Lembrava-se de Alberto levando-as em seu carro e, enquanto as meninas nadavam, ele a namorava nas margens. Ah!, aqueles velhos tempos, por que não voltam jamais, meu Deus?

Apenas quando chegaram na sala que Luíza viu o pacote grande, embrulhado para presente, que a amiga segurava. Olhou-o curiosa, não esperava nada além talvez de algumas flores bonitas para confortá-la,

como se a beleza e o perfume exalado por elas fossem capazes de trazer novamente a alegria e a felicidade para a mente de uma pobre pessoa acometida pelas garras cruéis do destino e da solidão. Mesmo assim, agradeceu com um sorriso encabulado, quando Cláudia entregou o pacote com um sorriso sincero nos lábios, de quem acredita fazer a maior das boas ações. Falou que não precisava, não precisava, mas no fundo quem é que não precisa? Quem não sente uma grande alegria ao rasgar o pacote colorido ou retirar com cuidado o durex que separa o presente de nós? Rasgou o embrulho, curiosa, mas não pôde evitar o olhar de decepção quando retirou um pacote com a foto de um Yorkshire. A foto mostrava-o com a língua para fora em um terreno gramado, suas orelhas estavam atentamente apontadas para cima. O pelo dourado brilhava com os raios de sol, assim como o preto levemente azulado que dominava a metade inferior de seu corpo. Virou o pacote, sem compreender. Atrás havia vinte e cinco pequenas fotos de cachorros, organizadas em cinco linhas e cinco colunas. Cada cachorro era de uma raça diferente, havia um Akita, um Dálmata, um Fox Terrier, um Rottweiler, um Labrador, um Poodle, além de outras raças que não conseguiu identificar e que não caberiam na paciência do leitor. Todas as fotos eram lindas, um cachorro pegava um disco no ar, outro estava com a cabeça apoiada no colo de uma criança, um tomava água em um lindo dia de sol, outro estava com o pelo brilhando em uma competição para cães. Olhava curiosa para aquelas fotos, o que era aquilo afinal?

— O que é isso, Cláudia? Um cachorro de pelúcia?

— Vamos lá, abra, você vai ver...

Ao abrir a caixa, soltou um grito agudo. Sentiu-se

em pânico ao ver o filhote, claramente morto. Deixou a caixa cair no chão, as mãos tremendo. O impacto fez um ruído forte, mas não houve nenhum latido, ganido ou qualquer sinal de vida do pobre ser que fora levado com toda a força da gravidade em direção ao chão.

— O que é isso, Cláudia? Ficou louca!?! — Gritou, enquanto levantava-se rapidamente. Que tipo de presente era aquele, o cadáver de um cachorro, para uma mulher deprimida por estar longe de seu marido em coma? O que ela queria dizer com aquilo, afinal? Seu estômago embrulhava enquanto olhava para a caixa caída no chão.

Elena veio correndo da cozinha, segurando um pano de prato. Enquanto isso, Cláudia levantou-se, tranquila, e acariciou a cabeça de Luíza, passando a mão em seu cabelo, trazendo conforto com essas palavras tão mudas e tão eloquentemente formadas pelo contato humano.

— Calma, amiga querida, é apenas um cachorro — disse, enquanto retirava o filhote de Yorkshire da caixa. Era lindo, com o pelo preto no corpo inteiro, exceto nas patas da frente, na região próxima da ponta da orelha e ao redor do focinho e dos olhos, que possuíam pelos dourados. Em seus olhos era possível ver um leve brilho de vida. Mas estava completamente estático, com as pernas firmemente rígidas, como se fosse um cão empalhado. Cláudia retirou uma bateria de dentro da caixa, enquanto Elena comentava como o cãozinho era bonito, virou o cachorro de cabeça para baixo e, com um movimento rápido e confiante, abriu uma portinhola em sua barriga. Luíza gritou novamente, em pânico, vendo um quadrado perfeito de pele e pelo levantado na barriga do cachorro. A portinhola revelava um buraco do tamanho exato de uma bateria,

com o encaixe de metal do polo positivo na parte superior, na direção da cabeça do cachorro e o encaixe do polo negativo na parte inferior, indo em direção à calda. Encaixou a bateria e fechou a portinhola. Imediatamente acendeu-se a fagulha da vida, ouviu-se o doce milagre da respiração, entrecoberto em seguida pelos latidos de alegria de quem vê o mundo com a inocência de um bebê, completamente ciente e ignorante de tudo que o rodeava, balançando as pernas alegremente, sentindo apenas a resistência do ar a tentar inutilmente segurar a sua espontaneidade. Cláudia acariciou-lhe a barriga, sendo retribuída com mais latidos de alegria e uma língua comprida que deixou a boca do cachorro para sentir a beleza do mundo. Luíza estava apavorada.

— Meu Deus, Cláudia. O que é isso? — Afastava-se do animal, o rosto pálido, as mãos ainda tremendo.

— É um cachorro, só isso — ele colocou-se de pé em cima da mesa, ainda com a língua para fora, quantas sensações sentia naquela língua, que delícia que é a vida.

— Meu Deus, isso não é um cachorro — sussurrou. Como se quisesse desmenti-la, o filhote deu um latido de alegria, rápido e forte.

— É um robô, Luíza — Elena respondeu, com a voz suave e tranquila. — Muitas pessoas estão preferindo aos cachorros naturais, é mais fácil de cuidar, pode-se desativá-lo quando for conveniente, não há risco do animal contrair alguma doença grave, nem transmitir doença alguma — enquanto isso, Cláudia acariciava a cabeça do animal, que gemia feliz. Ele deitou-se na mesa, mas ainda mantinha a cabeça empinada, olhando com olhos grandes e curiosos o mundo ao seu redor.

— Nossa... Obrigada, Cláudia, mas não sei se é um bom momento para eu cuidar de um... cachorro agora.

— Você não gostou? A gente pode trocar por outro, se quiser — acariciava agora as costas do cachorro. Ele olhava para Cláudia, com seus olhos bem abertos, molhados e brilhantes. Desceu um pouco as orelhas, que até agora haviam se mantido eretas o tempo todo.

— Eu gostei... É só que... não estou em uma fase muito boa e...

— Nós vamos ficar com ele, Cláudia, muito obrigada — Elena afirmou, com o tom firme de quem finaliza um assunto. Luíza não disse mais nada. Mas aproximou-se do cachorro e o deixou cheirar sua mão. Nunca tivera um cachorro em sua vida. Quando pequena, pedia constantemente para Elena, mas ela nunca queria comprar um. Dizia sempre que era um desperdício de tempo e de dinheiro, que só dava trabalho. Acabara desistindo e não voltara a pensar naquilo.

— Como vai chamá-lo? — Cláudia perguntou, enquanto pegava-o no colo. Ele lambeu o seu rosto, feliz, depois pulou novamente para cima da mesa.

— Sei lá!... Frankenstein?

— Credo, Luíza, que maldade! — exclamou Elena.

— Frank pode ficar bem legal — disse Cláudia.

Ficou um tempo em silêncio, olhando para o cachorro. Realmente era lindo e não parava de mexer um minuto, como qualquer filhote. Como um ser programado, criado pelas frias mãos humanas, vivendo em um mundo de bits, ligado e desligado, sim e não, poderia ser tão vivo e existir nesse mundo nebuloso em que vivemos? Como um cérebro de uma máquina poderia emular um feito de músculo e sangue, com todos os

seus mistérios? Seria possível a criação de algo que era quase uma vida a partir do trabalho matemático da engenharia, destruindo a divindade da criação? E, diabos, como iria cuidar de um bicho daqueles, do que precisaria para sobreviver, se é que essa palavra poderia ser aplicada ao ser que via em sua frente.

— Cláudia... Ele come?

— Claro, ração de cachorro normal — respondeu, enquanto retirava um pequeno livro de dentro da caixa. — Tome, aqui você pode ler todas as instruções para aprender a cuidar bem de seu novo amigo. Qualquer coisa, pode me ligar também.

— Seus cachorros também são artificiais?

— Claro! É muito mais prático e seguro.

— Meu Deus, jamais iria imaginar... — Lembrava, incrédula, dos dias em que brincava com os dois Dálmatas de Cláudia, quando ainda eram filhotes. Hoje não se aproximava mais deles, eram dois cachorros grandes agora, com um latido forte e assustador. Mas Frank a lembrava daquela época, antes ainda de ter conhecido Rodrigo, aquela época em que os Dálmatas tinham dentes pequenos e tudo parecia mais simples.

Depois do almoço, decidiram que iriam ao hospital visitar Rodrigo. Não queria levar Frank, mas Elena e Cláudia insistiram que não haveria problemas. A ideia parecia ridícula, levar um cachorro a um hospital, ainda mais um filhote, nunca iam deixá-lo entrar lá. Mas Cláudia afirmou com tanta convicção que não haveria problema, um cachorro como o Frank pode frequentar o hospital tranquilamente, era programado para se comportar e não sei mais o quê. Já se sentia tão ignorante, não sabia nem da existência desses cachorros, que acabou aceitando. Lá está Frank no banco de trás,

junto com Cláudia, que brinca com ele o tempo inteiro, enquanto Elena dirige em direção ao hospital. Cada vez que Frank soltava um latido, sentia medo do que aconteceria quando aquele animal colocasse as suas patinhas no piso branco do hospital. Elena e Cláudia só podiam estar loucas, essa que era a verdade. E só podia estar muito mais louca por acreditar nas duas.

Mas Frank se comportou quando entraram no hospital. Andava atrás dela, sem latir nem correr, sem agir como o filhote que deveria ser. Achou quase assustador aquele cachorro bem comportado, que parava quando ela parava, que andava quando ela andava, que esperou o elevador tão tranquilamente ao seu lado, era como uma pequena sombra que a seguia sem incomodá-la, mas isso acabava incomodando-a muito mais. Nenhum funcionário do hospital pareceu se importar com a presença do cachorro. Passaram pela sala de espera como se fosse a coisa mais natural do mundo, ir visitar alguém trazendo um cachorro-robô. E realmente deveria ser, viu uma elegante senhora andando com um Poodle de laço rosa na cabeça pela sala de espera. No elevador, havia um homem forte e trancudo com um Dobermann. Lembrou-se de que realmente havia visto alguns desses cachorros enquanto estava internada, mas acabara esquecendo o assunto. Jamais imaginaria que eram robôs. Lembrava-se dos primeiros robôs domésticos, como eram feios e metálicos. Na casa do seu tio, quando era pequena, havia um que cortava a grama do jardim, parecia ser um carrinho. Como tudo havia evoluído, para chegar naqueles seres tão reais. Mais tarde, ficou sabendo que o hospital possuía um sistema capaz de identificar a presença desses cachorros-robôs, de forma a barrar um animal que porventura não fosse identificado pelo sistema, evitando, assim, problemas com seres natu-

rais, que por natureza são tão bagunceiros.

Não havia ninguém no quarto junto com Rodrigo. Sentiu pena dele, ali tão sozinho, deveria ter permanecido ao seu lado de manhã, deveria ter dormido no quarto, deveria estar sempre ao seu lado, na saúde e na doença, agora e na hora de nossa morte, amém. Segurou sua mão com força, sentindo-a quente junto a sua, enquanto a consciência pesava em seus ombros, fazendo sua cabeça doer. Queria chorar, mas não deixou as lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Enquanto isso, Frank arrumou um lugar que recebia diretamente o vento que vinha da janela e deitou-se no chão, esticando bem as patas antes de relaxar completamente o corpo. Olhava o cachorro, pensativa. Era tão estranho, Rodrigo, fruto do ventre de seres vivos, destinado a nascer, crescer, reproduzir e morrer pelas leis do céu e da terra, com o sangue da vida a correr constantemente pelo corpo, estava ali, quase tão parado quanto um cadáver; enquanto Frank, que nascera pelas mãos do homem, feito de sei lá o quê, destinado a ser construído, utilizado e um dia destruído, da mesma família de um automóvel ou uma máquina fotográfica, era capaz de escolher um local que lhe dava prazer para esticar as pernas e então deitar-se, desejando e buscando seus desejos, o eterno ciclo do sofrimento sob o qual vivemos, mas sem o qual não poderíamos viver.

Lembrando-se das recomendações de Jaqueline, começou a conversar com Rodrigo. Falou que não precisava se preocupar com ela, Elena estava morando em sua casa e acabara de ganhar Frank para lhe fazer companhia. Poderia descansar tranquilo, sabendo que ela estava sendo bem cuidada e assistida. Segurava a mão do marido enquanto falava, apertando-a de vez em quando. Pediu perdão por não poder ficar sempre

ao seu lado, cuidando dele. Levantou-se, então, como se aquela frase tivesse despertado seu espírito adormecido e começou a examinar a pele de Rodrigo. Primeiro o rosto, que mostrava uma barba rala que ele jamais usaria, depois as mãos, os braços, as pernas. Tudo parecia bem, mas de repente uma sensação de que havia algo errado dominou sua mente. Essa é a intuição feminina, tão importante que não é a primeira vez que aparece nesse livro e provavelmente não será a última. Levantou as pernas, para observar a pele que encostava nos lençóis. Nada. Já ia voltar para sua cadeira, quando seus olhos passaram de relance pelo pé direito. Lá estava a ferida, no calcanhar, um vermelho forte no centro que se enfraquecia à medida que se afastava e contornava o pé. Sabia que não deveria ter ido embora, que não deveria ter deixado seu marido sozinho, era só voltar para casa e olhar o que acontecia, lá estava a pele ferida, como é que aquelas enfermeiras podiam ter deixado aquilo acontecer, ela que tinha que cuidar de Rodrigo, a esposa dele, e mais ninguém, as outras pessoas não cuidavam direito, não tinham o mesmo cuidado, olha só o que faziam, olha só o que deixavam acontecer, olha só. Levantou-se, furiosa, e foi conversar com as enfermeiras de plantão, no posto de enfermagem do andar. Encontrou-as conversando ao lado do computador, rindo de uma charge que uma mostrava para as outras, olha só como eram irresponsáveis. Jaqueline não estava lá, mas a enfermeira que a expulsara do quarto (chamava-se Jenifer, não era?) estava no meio do grupo, rindo. Aquelas eram as mulheres que tomavam conta de seu marido. Como as odiou naquele momento.

Uma enfermeira jovem, claramente inexperiente, levou o material para cuidar do ferimento até o quarto. Após lavar as mãos e colocar as luvas, limpou a região

do calcanhar, utilizando uma gaze molhada com soro fisiológico. Molhou outra gaze, retirou o excesso de umidade e colocou-a no ferimento, bem esticada. Passou uma gaze seca por cima e prendeu com fita. Luíza olhava atentamente o trabalho da enfermeira, vigiando se cada detalhe estava sendo bem feito, apesar de não entender nada do serviço além do senso comum. Mas havia perdido a confiança. Queria Rodrigo em sua casa, para cuidar dele sozinha, somente ela e mais ninguém. Mesmo assim, agradeceu a enfermeira quando ela terminou.

Mais tarde, Jaqueline entrou no quarto. Disse que sentia muito pela ferida e que pedira às enfermeiras para prestarem mais atenção. Mas volta e meia essas feridas podiam aparecer mesmo, por melhor que fossem os cuidados, devido ao contato prolongado da pele do paciente com o lençol. Cláudia e Elena pareceram satisfeitas com a explicação. Luíza chegou a sorrir, mais uma amostra da hipocrisia das relações humanas, tamanha era a indignação que ainda guardava.

Enquanto Jaqueline virava Rodrigo, foi até a janela do quarto observar o movimento dos pacientes no quintal, tentativa vã de se distrair, mas sua mente continuava martelando como estava abandonando seu marido naquele quarto solitário do hospital, em meio a um grupo incompetente de enfermeiras.

— Que cachorro bonito, Luíza. É seu? — perguntou Jaqueline, talvez consciente do volume de pensamentos negativos que se acumulavam na cabeça da pobre mulher, talvez consciente da necessidade de distraí-la da corrente que a puxava para a escuridão.

— Sim, ganhei hoje de manhã. Foi um presente de Cláudia — apontou para a amiga.

— É mesmo, Cláudia? Que legal. Comprei um desses para mim ano passado. O meu é um Husky Siberiano. É lindo, com um pelo tão branquinho na barriga e nas patas, enquanto nas costas já é escuro como a noite. O olho é de um azul clarinho, tem o olhar de uma criança. É alegre, brincalhão, passear com ele nos finais de semana é uma delícia. E parece tão real!... Ano passado não passava de um filhote, só tinha aquele pelo branco cobrindo todo o seu corpo, e agora já é um cachorro grande. Você deu um bom presente para Luíza, tenho certeza que vai fazer muito bem para ela.

— Obrigada.

Antes da enfermeira deixar o quarto, ela perguntou:

— Luíza, que dia você virá me ajudar a dar banho em Rodrigo de novo?

Olhou para Cláudia e Elena, enquanto a vergonha coloria o seu rosto de vermelho.

— Não sabia que poderia vir te ajudar...

— Venha de manhã, fora do horário de visitas. Preciso de você. É muito difícil dar banho sozinha nesse garotão aí.

Sorriu. A perspectiva de poder ajudar a cuidar de Rodrigo a fez muito bem. Parecia errado, sabia que sua mãe a reprovava em seus pensamentos, mas precisava sentir-se útil, fazer algo pelo marido, não podia ficar apenas esperando e rezando para que melhorasse logo, tentando confiar nos caminhos preparados pelos longos fios do destino.

* * *

— *Olá! Seja bem-vinda à loja de relacionamentos Mo-*

rango com Chocolate — anunciou uma vendedora de cabelos loiros, com o sorriso longo e distorcido. Usava batom vermelho, que escapava dos seus lábios atingindo partes do rosto. Nos olhos havia uma sombra forte, além de cílios longos e artificiais. O blush rosa, manchado, corria o seu rosto de uma forma quase aleatória. Estava atrás de um balcão preto, cheio de velas acesas, a única iluminação do local. Luíza não via mais ninguém além daquela mulher, o que tornava tudo muito mais assustador.

— Boa-tarde — respondeu, tímida. Usava seu vestido de noiva, mas estava todo manchado e possuía vários rasgados na saia, mostrando sua perna. O branco desbotado exalava uma sensação de velho e malcuidado.

— Gostaria de ver um de nossos cachorros? — disse, aproximando o rosto. A vela agora o iluminava melhor, permitindo ver a pele enrugada.

— Sim... — respondeu, relutante, mas sabia que queria falar não, não, não. Como aquele sim poderia ter saído de seus lábios?

— Não tenha medo, querida, hoje eles estão em promoção. Além disso, são mais fáceis de cuidar, pode desativá-los quando for conveniente.

— Sim... — disse, baixinho. Mas sabia que era mentira, sabia que não seria fácil de cuidar, sabia que não poderia desativá-lo quando fosse conveniente, ela não queria, não queria, mas parecia que havia outra Luíza ali, competindo com ela, e essa Luíza apenas aceitava tudo, todo o mundo de braços abertos.

— Acho que precisa de um com o pelo curto e elegante... Que seja simpático e que trabalhe muito para sustentar a casa. Se fosse uma pessoa, seria um advo-

gado, devido ao seu latido seguro e olhar sábio. Talvez, até mesmo, seria capaz de dançar.

— Sim, sim — respondeu, aproximando-se do balcão. O coração palpitava forte. Aquele era exatamente o cachorro que procurava. A Luíza que apenas respondia sim subitamente tomou conta de tudo. Sentia-se mais confiante e tranquila agora. Na verdade, sentia a excitação de um garotinho quando vai abrir os presentes de Natal e sabe que ganhou a bicicleta pela qual esperou todo o ano.

— Está com sorte, querida, creio que tenho exatamente o que precisa!

A atendente virou-se para as prateleiras de madeira, que estavam logo atrás. Era difícil vê-las, devido à baixa iluminação das velas. Luíza conseguia enxergar apenas algumas caixas, que exibiam fotos ostensivas. Logo à esquerda, na parte de baixo, havia uma com uma foto de uma japonesa, de cabelos longos e batom vermelho. Usava um maiô também vermelho e estava deitada, apoiando-se no chão com o braço direito e mostrando bem as pernas. Na caixa à direita via-se um africano, sem camisa, com um belo sorriso no rosto e as mãos na cintura. Os fortes músculos do braço estavam contraídos, de forma a destacá-los. Mais em cima via-se uma finlandesa muito pálida, com cabelos castanhos e um claríssimo olho azul. Sua cabeça estava inclinada para o lado, deixando os longos cabelos caírem sobre o ombro esquerdo. O outro ombro estava descoberto, mostrando sua pele branca e sedosa. Ao seu lado, via-se um alemão de cabelos loiros e olhos verdes, que olhava meio de lado, vestia terno e segurava uma taça de vinho tinto na mão. Várias outras caixas faziam companhia a essas nas prateleiras, se pudéssemos olhar para o lado esquerdo veríamos uma

centena de caixas, se pudéssemos olhar para a direita mais centenas de caixas. Ainda bem que a iluminação não estava melhor, porque senão poderíamos descrever todas as caixas que a nossa vista alcançasse, homens e mulheres a mostrarem o seu corpo, o seu status ou qualquer outra característica que valha para seduzir e conquistar. Mas a iluminação não era boa, poupando o trabalho da descrição. Luíza, porém, sentia-se angustiada por não ver as outras caixas, será que haveria o que procurava? Existiria alguém com pelo curto e elegante, que goste de dançar e seja um advogado? Haveria alguém que pudesse amá-la, que pudesse segurar a sua mão enquanto caminhava no parque, que pudesse beijá-la em cima de uma ponte de madeira, após o pôr do sol?

— Ah, querida, encontrei! — A atendente exclamou, ainda de costas, enquanto pegava uma caixa de um canto alto e escuro da prateleira.

— Que bom! — Deu um pequeno pulo de felicidade. Seus olhos brilhavam. Ali estava a solução para toda a angústia que vinha passando nos últimos dias, dentro daquela caixa estava tudo o que precisava para ser feliz. Tão perto, tão perto.

A caixa era muito grande, pegou-a com dificuldade das mãos da atendente. Olhou decepcionada, por não ter nenhuma foto. Nada enfeitava a caixa completamente branca, como uma noite sem sonhos, ou uma névoa que apaga qualquer forma de vida ao nosso redor. Não aguentou o peso, deixou-a cair sobre o balcão. Olhava aquela imensidão branca, sem compreender, triste por não enxergar ali o cachorro de seus sonhos, a solução que tanto esperava para acabar com o vazio que a consumia como um câncer.

— Não se preocupe, querida. Esse foi feito especial-

mente para você. Nesses não colocam foto mesmo. Tem um manual de instruções dentro da caixa, depois dê uma lida para aprender a cuidar bem de seu novo... amigo — soltou um sorriso lascivo ao pronunciar a palavra amigo, um sorriso que deixou Luíza enjoada.

— Tudo bem... — respondeu, baixinho. Sentia-se novamente assustada. Talvez tenha sido aquela caixa branca, tão vazia. Havia algo terrivelmente errado ali. Podia sentir no ar, como se estivesse carregado de uma energia que não conseguia entender, mas sabia que não era boa. Podia sentir naquela caixa branca, vazia, que mais parecia um retrato de sua própria alma. Seria possível tirar algo de dentro de uma caixa como aquela?

Abriu a caixa com dificuldade. Não conseguia identificar o que havia dentro, por causa da iluminação pobre, mas era grande, muito grande. Definitivamente, não era um cachorro. Mas seria um bom dançarino? Seria um advogado? Se fosse, já estaria satisfeita. Puxou o que quer que estivesse dentro da caixa, sentindo as mãos tocando em algo mole, e colocou aquilo em cima do balcão, ao lado das velas. Só então conseguiu vê-lo. Só então conseguiu identificá-lo. Gritou. Gritou muito, gritou como não havia nunca sonhado em gritar em toda a sua vida, gritou de fúria, de saudade, de espanto, de indignação. Gritou, pois em sua frente havia um Rodrigo pálido e desacordado, esperando receber suas baterias para poder realizar o milagre da respiração e dar, finalmente, suas boas-vindas ao mundo com alegres latidos. Estava lá, nu, atirado sobre o balcão, como o morto que era. As chamas, ao fazerem a luz se movimentar pelo seu rosto, davam uma angustiante sensação de movimento.

— Precisa colocar as baterias, minha querida, para

acordar o garotão aí!

Abriu os olhos, assustada. Viu a janela de madeira de seu quarto, a cortina rosa nas extremidades, se balançando devido ao vento. O suor escorria por seu corpo, mas a visão familiar já começava a acalmar sua respiração ofegante. Sentia-se aliviada, por tudo ter sido um sonho. Jamais admitiria, mas um dos sentimentos presentes no seu coração que batia tão forte, um dos muitos sentimentos que se misturavam na confusão que era sua alma, era um leve e escondido desejo de que aquilo tivesse sido real e que só bastasse colocar uma bateria, apenas uma bateria, que já estava presente dentro da caixa, para que pudesse voltar a ser feliz.

* * *

Luíza acordou, no dia seguinte, com uma terrível enxaqueca. Constantemente, era atacada pelas imagens do pesadelo da noite anterior, que pioravam a sua dor de cabeça. Sentiu-se zozna ao levantar da cama, aonde estava indo mesmo? Normalmente, tomaria um banho assim que acordasse. Porém, ultimamente não seguia mais a rotina que por tantos anos fora a sua companheira. Não houve um momento de decisão, não farei mais isso, mas sim aquilo, a partir de hoje jamais, quem sabe semana que vem. Não, foi uma perda inconsciente daquela vontade de começar bem o dia, limpa e fresca para enfrentar os acontecimentos que viriam. Também não arrumava mais a cama, como fazia todas as manhãs após o banho. Esquecia, perdida dentro de si mesma, nas lembranças de seus sonhos e de suas memórias. Aonde estava indo mesmo? Para a cozinha, tomar o café da manhã, já que na suíte em

que dormia não sobrara mais nenhum de seus hábitos matinais.

A cozinha estava linda, uma doce limpeza que tocava a mesa, a pia, o armário, o chão. Pairava um cheiro de maçã verde, denunciando o sabor dos produtos utilizados. Todas as cadeiras em sua devida posição, nenhum prato que ainda esperava a sua chance de ser lavado. Mas não foram suas mãos as responsáveis por todo aquele cuidado e carinho com a casa. Não, elas não estavam se importando nem um pouco com isso. Foram as mãos de Elena que lavaram a mesa, a pia, o armário, o chão, que passaram os produtos com sabor de maçã verde, que arrumaram as cadeiras, que lavaram os pratos. Bem, não foram exatamente as mãos de Elena, já que os robôs que efetivamente fizeram a maior parte do trabalho, mas tiveram a intenção e isso basta. Elena que se preocupava com a arrumação da sala, que guardava o pijama de Luíza no armário, que colocava as roupas para lavar, que impedia a casa de virar um caos, um reflexo do mundo interior de sua filha, aquele mundo onde nada mais parecia importar, onde a arrumação e a higiene subitamente pareciam assumir uma posição inferior à que sempre prezara em toda a sua vida. Ali, sentada à mesa da cozinha para tomar o café da manhã, mas sem ter colocado nada em cima da mesa, com a mão apoiada no queixo, olhando para a janela mas vendo o nada absoluto que só pode ser visto pelas pessoas que se põem a pensar, toda essa ajuda de Elena parecia não ter a menor importância para Luíza.

Frank aproximou-se de sua cadeira e deixou cair um pequeno latido, despertando sua dona, talvez por perceber que ela precisava de atenção e carinho, talvez pela fome que apertava a sua barriga e, poxa vida, ela

não parecia fazer nenhuma menção de ir até aquele armário onde a ração que tanto gostava havia sido guardada no dia anterior. Luíza sorriu para o cachorro e acariciou a sua cabeça, com os olhos ainda longes e pensativos. Foi nessa hora que percebeu que não sentia fome. Pelo menos o segundo latido de Frank, aquele latido que foi quase uma súplica, a fez perceber que alguns seres ainda tinham o privilégio de desejar algo para comer. Serviu a ração do cachorro e, quase sentindo inveja, observou-o devorando-a com grande prazer. Duvidara na noite anterior que Frank comeria a ração que Elena comprara, a mesma tão desejada pelos cachorros naturais. Mas estava no manual de instruções e ele comeria com tanto prazer quanto agora. Em alguns momentos quase duvidava de que era uma máquina.

Olhou para o relógio, quase dez horas da manhã. Será que Jaqueline já havia dado banho em Rodrigo? Queria tanto participar... Antigamente riria diante da possibilidade de dar banho em seu marido e agora aquilo se tornara o único desejo em que poderia se agarrar. Foi para o quarto, já pensando na roupa com que iria sair. Sabia que ele não iria vê-la, mas mesmo assim sentia uma necessidade quase irracional de mostrar-se bonita para seu marido. Escolheu um vestido laranja, não era o mais novo, já mostrava até mesmo os primeiros sinais do desbotamento, mas sabia que Rodrigo gostava dele. Naquela noite, há tanto tempo, em que saíra para dançar usando aquele vestido, ele aproximou-se de seu ouvido no meio dos passos do bolero e disse que estava linda. Sabia que era verdade, podia sentir na respiração que tocava a pele de seu pescoço, acariciando-a com sua admiração. Passou maquiagem, um batom vermelho leve, um pouco de pó no rosto para esconder as olheiras das noites

mal dormidas. Parecia uma moça pronta para o seu primeiro encontro com o namorado, iniciando os primeiros passos no caminho de tijolos amarelos em direção àquilo que gostamos de chamar de felicidade.

Elena a deixou no hospital. Queria muito entrar por aquelas portas junto com a filha, ficar ao seu lado, mesmo que não houvesse nada que pudesse fazer além de dar o conforto de sua presença. Mas não podia visitar Rodrigo de manhã, regras são regras, e às vezes não é fácil desobedecê-las como gostaríamos, por melhor que sejam as nossas intenções. Teve que deixá-la entrar sozinha por aquelas portas tão tenebrosas, levando apenas as lembranças que mandara a Rodrigo e a Jaqueline, pelo menos um dos dois poderia recebê-las.

Luíza entrou na sala de espera. Sentia-se desconfortável, como se todos estivessem olhando para ela, observando cada passo que dava com sua perna natural e com a artificial, perfeitamente conscientes de sua história e julgando-a a cada momento. As atendentes pareciam encará-la nos olhos enquanto passava pelo balcão, em direção aos elevadores que levavam até os quartos. Seu coração batia forte, aproximando-se do pânico, quando fizeram a leitura de suas digitais. Por um instante, daqueles instantes de loucura que às vezes nos abatem nas situações de tensão, imaginou que estava entrando em uma prisão, que aquele elevador iria levá-la para a cela escura e fria onde deveria passar o resto de sua vida. É claro que esse pensamento rapidamente dissolveu-se ao nada do qual surgiu, mas não pôde evitar uma sensação de claustrofobia quando as portas do elevador fecharam-na dentro daquelas quatro paredes tão apertadas. Apenas Frank e o reflexo no espelho faziam-na companhia, e se perguntava

qual dos dois seria mais vivo. Talvez no fundo Frank não passasse de um reflexo também, um reflexo de algo que já provou a doce bruma da vida.

Sentiu-se um pouco melhor quando entrou no quarto de Rodrigo e sentou-se ao seu lado. Apenas os dois compartilhavam aquele lugar, pobre Stephanie, provavelmente não podia vê-lo fora do horário de visitas, condenada a encontrar seu filho perdido no tênue e profundo mundo dos sonhos apenas de duas às seis da tarde, se o quarto já não estivesse com três visitantes. Suspirou com pena enquanto encostava-se na cadeira e observava o lento e calmo respirar de seu marido, como se fosse alguém descansado, com a consciência tranquila após um longo e árduo dia de trabalho. O quarto, sereno, transmitia uma sensação de paz tão irreal que chegava quase a ser desagradável. Frank deitou-se perto da janela, talvez contagiado por aquele ambiente tão estático, e fechou os olhos. Provavelmente vagava no mundo da inconsciência, caminhando pelas estradas dos sonhos que apenas os cachorros podem vir a ter. Luíza perguntava-se se ele realmente seria capaz de dormir, entregar-se completamente ao seu tênue e distorcido mundo interior, enquanto recuperava as energias que tanto gastara durante o dia. E Rodrigo, estaria sonhando? Será que via os dias felizes de casados, da lua-de-mel, do noivado, do namoro, as agradáveis horas de quando se conheceram? Ou estaria preso nos corredores e becos escuros dos pesadelos, condenado a ver eternamente o carro chocar-se contra a árvore velha e escura? Condenado a ver sua vida escorrer entre os seus dedos naquela noite de chuva?

Andou até a janela para ver o quintal do hospital. Uma moça ajudava o homem ao seu lado a caminhar

próximo das flores com as muletas. O rapaz andava de mãos dadas com a namorada que tinha a cabeça enfaixada. A mãe levava a filha pálida e doente no colo. Subitamente, sentiu-se entediada dentro daquele quarto fechado, presa, sem nada para fazer, enquanto o céu exibia lá fora um lindo dia de sol, com todo o seu esplendor. Isso a fez sentir-se culpada, mas não poderia evitá-lo. Tinha planejado ficar o dia inteiro no quarto, mas de repente parecia que não conseguiria mais. Sempre juntos, na saúde e na doença, agora e na hora de nossa morte, mas às vezes parecia tão difícil, amém. Suspirou. Sentou-se ao lado de Frank, no chão mesmo, e acariciou sua cabeça, acordando-o, se é que podia dormir. Ele não pareceu se incomodar, levantou-se com os olhos brilhantes e o rabo balançando sem parar. Não latiu, por maior que fosse o seu ímpeto de fazê-lo. Sabia que não poderia. Luíza continuou acariciando o cachorro, enquanto olhava para Rodrigo com aquela mistura de pena, tristeza, culpa, tédio e solidão em seu espírito, esmaecendo toda a sua esperança.

— Ele vai melhorar, não vai, Frank? Nós vamos voltar a ficar juntos um dia, não é mesmo?

Frank parou imediatamente de balançar o rabo e encostou a cabeça em seu corpo, como se a compreendesse e quisesse confortá-la. Quanto da realidade aquele cachorro era capaz de entender? Seria capaz de enxergar o sofrimento em que se encontrava a sua dona, ou apenas identificara o tom angustiado nas ondas sonoras que entravam em seu cérebro artificial? Mas seria um cachorro natural capaz de fazer melhor, mergulhando no espírito das pessoas que ama, ou será que só respondia instintivamente aos diferentes tons com os quais nos dirigimos para eles, como uma máquina pré-programada?

Jenifer entrou no quarto, cumprimentou Luíza secamente. Trazia um pequeno robô vermelho. Parecia o Auto Cleaner que Elena utilizava, era circular e tinha poucos centímetros de altura, mas era... diferente. Ao invés de duas pequenas rodas, possuía uma série de patas em torno de todo o seu perímetro. Eram articuladas e movimentavam-se rapidamente, para dentro e para fora, como um animal procurando desesperadamente pelo chão. Quando a enfermeira soltou-o, começou a movimentar-se pelo quarto, parecia se alimentar da poeira e da sujeira, que sumiam silenciosamente em todos os lugares por onde passava.

Antes da enfermeira deixar o quarto, Luíza pediu para ela chamar Jaqueline. Jenifer apenas assentiu com a cabeça e fechou a porta, deixando o robô. Estava agora acompanhada por duas máquinas, uma que cuidava dela, dando-a atenção, e outra que cuidava do ambiente, limpando-o (se alimentando) para não deixar uma única sujeira. Enquanto isso, seu marido dormia.

Encostou as costas na parede e fechou os olhos. Sentia um tédio terrível, que pesava em sua consciência. Quantos dias seria forçada a vir visitar Rodrigo e ter que apenas vê-lo dormir? Quantos dias aguentaria visitá-lo e ser obrigada a apenas vê-lo dormir? Será que os anos passariam, ele envelheceria naquela cama, enquanto ela se casaria com um homem gordo, teria três filhos e iria morar em uma casa com piscina? Estremeceu com esse pensamento. Sentiu as lágrimas molhando os seus olhos fechados.

Meia hora depois, Jaqueline finalmente entrou no quarto. Não viu ou fingiu ignorar as lágrimas que marcavam o seu rosto, talvez soubesse como dar banho no marido iria animá-la, talvez simplesmente fosse

uma dessas pessoas que não se sente bem em lidar diretamente com os sentimentos dos outros. Independente disso, Luíza realmente sentiu-se melhor enquanto trabalhava junto com Jaqueline, sempre com aquela doce sensação de sentir-se útil, de ajudar Rodrigo. Não há nada que um ser humano precise mais do que essa agradável sensação de ter algo para fazer.

* * *

Os dias passaram. Com a passagem dos dias, veio a passagem do tempo, esse demônio inexorável que corre rugindo pelas planícies, mudando tudo ao seu redor. Dessa vez, pelo menos, ele não trouxe a tristeza e a destruição, mas a primavera. Luíza já se acostumava com a sua nova vida, os jantares com sua mãe enquanto Frank comia a ração ao lado delas na cozinha, os passeios matinais que a retiravam da cama de manhã para sair com seu cachorro. Nada como ter alguém ao nosso lado para espantar as tristezas que tentam nos esconder em sua sombra.

As cicatrizes foram deixando o seu rosto com a passagem do tempo, a pele voltava a ser feminina e delicada. As olheiras também começavam a sumir, à medida que os pesadelos paravam de atormentá-la. Seu próprio andar mudara, se tornando mais firme e decidido, encarando de frente o mundo que antes tanto a assustava. Os dias caminhavam em direção ao futuro, mas ela voltava, pelo menos fisicamente, a se parecer com o que era no passado.

Frank também mudava com a marcha do cavaleiro do tempo. Era impressionante vê-lo crescer, o pelo se alongando, necessitando ser sempre cortado para que mantivesse a elegância; o marrom, cor de bronze, se

espalhando pelo seu corpo, engolindo o preto que tanto o dominara; as patas tornando-se mais fortes, enquanto passava a andar com mais firmeza. Ficava maravilhada com o seu desenvolvimento, como um ser que deveria ser estático como uma máquina poderia caminhar nas estradas do tempo daquela forma? E não era apenas o corpo de Frank que se alterava a cada batida do relógio. Sua mente também estava em constante transformação, aprendendo e descobrindo os aspectos da vida que não deveriam estar pré-programados em seu cérebro. Já havia conseguido, inclusive, ensiná-lo um ou dois truques. Não foi difícil, bastou seguir as instruções presentes no sexto capítulo do manual. Além disso, os Yorkshires são naturalmente cachorros muito inteligentes.

Algumas vezes, principalmente nos finais de semana, Cláudia passeava com eles. Em um desses dias, um lindo domingo de primavera, ela também levava um de seus Dálmatas para caminhar. Como rira de Frank, quando ele rosnou para o Dálmata, como se fosse capaz de representar alguma ameaça para o cachorro grande e forte.

— Olha só, Frank acha que já é gente... — disse, ironicamente.

— Não ria dele assim, coitado... — defendeu Luíza. — Só quer me proteger.

Durante o passeio, Frank se acostumara com a presença do Dálmata. Brincavam pelo parque, correndo um atrás do outro. O Dálmata parecia realmente se divertir com aquele pequeno cachorro, que o encarava com tanta naturalidade. Era agradável vê-los brincando, completamente livres das coleiras sem as quais os cachorros naturais jamais poderiam sair de casa. Luíza havia até mesmo esquecido de suas recentes aflições,

contagiada por aquele lindo dia em que as flores desabrochavam, pela agradável conversa com sua amiga e por aquela energia despreendida pela alegria dos cachorros. Algumas nuvens voltaram a nublar a sua mente apenas quando passou em frente à ponte de madeira onde um dia Rodrigo ajoelhou-se e a pediu em casamento. Aquela ponte, que um dia a levava de uma fase a outra de sua vida, agora atacava-a com a força das lembranças felizes, quanta tristeza conseguem provocar... Mas distraiu-se novamente quando Frank foi em sua direção, ainda balançando o corpo um pouco desajeitadamente enquanto caminhava, mas com os pelos do rosto e das patas já completamente bronzeados, como se fossem um ouro escuro, sujo de vida. Abria a boca, talvez pela presença de algum novo cachorro por perto, exibindo a sua língua arroxeadada e os dentes pequenos, exceto pelos caninos que se impunham com o tamanho. As orelhas mantinham-se atentamente em pé, talvez maravilhadas pela grande gama de sons diferentes presentes no parque. Levantou-o quando se aproximou, colocando-o em seus braços, notando que agora estava mais pesado do que da última vez que o levantara. Era muito bom sentir o contato quente de seu pelo, enquanto ele soltava pequenos latidos alegres.

— Como Frank cresceu, Luíza.

— Sim, foi tão rápido... De repente já não era mais um filhote que morava em minha casa — soltou o cachorro, observando-o pular em direção ao Dálmata, que se aproximava do riacho para tomar água.

— Fico muito contente por estarem se dando bem.

— Não sei como agradecer. Às vezes, me pergunto o que seria de mim sem esse cachorrinho adorável. Sinceramente, não me importa que seja uma máquina.

Para mim, é um ser vivo. Ele cresce, se desenvolve, aprende, come, bebe, dorme, por que não seria um ser vivo? O que falta afinal? Só por que foi criado pelo homem temos que considerá-lo um objeto?

— Nossos cães são vivos. Olhe para os dois, tomando água no riacho, pulando pela grama, latindo para os outros cachorros. Como podemos falar que são apenas máquinas? É um milagre. A tecnologia atingiu o ponto dos milagres.

Capítulo 5

Doutor Henrique ligou para Luíza. Disse que deveria ir ao hospital procurá-lo assim que possível. Logo após desligar o telefone, ela aprontou-se rapidamente e caminhou até o metrô. Elena não estava em casa para levá-la, era dia de mais uma daqueles intermináveis reuniões da igreja.

Seu coração batia forte enquanto o metrô cortava o subsolo da cidade. Por que doutor Henrique a chamaria para o hospital? Haveria acontecido algo com Rodrigo? Ficava imaginando toda uma série de coisas terríveis, o via em um caixão de madeira com o rosto lívido dos que se foram, enquanto ela, em um cemitério completamente deserto, chorava a sua morte; o via já velho deitado na cama do hospital, com o lençol todo manchado, repleto das marcas da idade, a madeira da cama apodrecida, as paredes cheias de um mofo verde-escuro; via doutor Henrique anunciando, como se estivesse dizendo uma notícia maravilhosa, que Rodrigo voltaria à consciência, mas estaria mentalmente incapacitado pelo resto da vida, incapaz de andar, de trabalhar, de falar qualquer sequência lógica, de reconhecê-la, de amá-la. Todas essas imagens cortavam a sua mente, torturando-a, enquanto o escuro subterrâneo da cidade passava velozmente pela janela do metrô.

Doutor Henrique a recebeu em seu consultório. Era uma sala de tamanho médio, com um computador e várias pilhas de papéis, a maior parte artigos científicos, em cima da mesa. Atrás havia uma estante, onde estavam guardadas fileiras e mais fileiras de livros, to-

dos técnicos, tanto na área de medicina, quanto de engenharia, biologia e informática. Lembrou-se, naquele momento, do termo que Lucas, o pai de Rodrigo, havia mencionado: bioengenharia. Encontrou esse termo escrito em alguns dos livros, além de outros de conotação parecida, como biotecnologia, nanoconstrução, nanotecnologia e bioinformática.

— Luíza, Rodrigo está conosco há mais de dois meses.

— Sim...

— Infelizmente, é muito difícil um paciente se recuperar, sem nenhuma seqüela, se ele se recuperar, de um coma que dura mais de dois meses. Sinto muito, Luíza.

Não aguentou. Colocou as mãos no rosto, abaixou a cabeça e deixou as lágrimas escorrerem por sua face. Sabia que não deveria, não ali, na frente do médico, mas elas simplesmente saltaram pelos seus olhos como se estivessem vivas, molhando a mesa de madeira.

Doutor Henrique colocou a mão em seu ombro.

— Não chore. Ainda existe uma forma de salvarmos Rodrigo.

Encarou o médico com seus olhos manchados de vermelho. Aquela última frase soara tão irreal, tão impensável em seus ouvidos, logo após ele ter acabado de dizer que não havia esperança alguma, que se perguntava se realmente a escutara, ou se não fora apenas um lapso de sua mente já fraca e sensível.

— Na última década, a humanidade fez avanços magníficos. Realmente magníficos. Graças à nanoengenharia e aos avanços na biologia, nos tornamos ca-

pazes de reproduzir as estruturas que compõem um organismo vivo. Sua perna é um fruto dessa tecnologia, Luíza, e creio que vai concordar que é simplesmente perfeita.

Lembrava-se de sua angústia e desespero quando foi anunciado que teria uma de suas pernas cortadas. Achava que jamais voltaria a andar novamente. E agora nem mais pensava sobre o assunto, já se acostumara com a presença de sua perna direita artificial, como se nada tivesse acontecido. A perfeição com que o órgão foi reconstruído era realmente algo magnífico.

— Rodrigo está em coma por causa das lesões em seu cérebro, mas o resto de seus órgãos estão perfeitos — continuou o médico. — Durante os exames neurológicos, fizemos uma cópia de toda a estrutura cerebral de Rodrigo. Temos tudo no computador, o DNA, os neurônios ativos, as áreas mais e menos desenvolvidas, cada posição de cada célula. Podemos reconstruir tudo, Luíza.

O primeiro sentimento com o impacto dessa informação foi uma forte descrença. Principalmente por causa da pergunta que imediatamente brotou em sua mente.

— Mas se podiam ter recuperado o cérebro dele, por que não fizeram nada até hoje? Por que só agora você vem me falar dessas coisas, depois que já se passaram mais de dois meses?

O médico respirou fundo, antes de responder.

— Luíza, não queremos que sofra, acredite. Ao contrário, o hospital Mary Shelley está sempre fazendo o máximo por todos os seus pacientes. Mas julgamos que seria melhor esperar para ver se ele melhoraria naturalmente antes de avaliar a possibilidade dessa ci-

rurgia. A situação é um pouco mais complicada do que parece, pois teríamos que substituir o cérebro natural pelo reconstruído. Pela legislação atual não podemos remover o cérebro de ninguém enquanto a pessoa estiver viva. Mas a eutanásia é autorizada, o que permitiria realizarmos a cirurgia.

Uma grande onda de pensamentos percorreu sua mente. Substituir o cérebro de Rodrigo? destruir o cérebro natural? eutanásia? não podemos retirar o cérebro natural? retirar o cérebro natural de Rodrigo? esperar melhorar naturalmente? fizemos uma cópia de toda a estrutura cerebral? uma cópia? cada posição de cada célula? uma cópia de toda a estrutura? destruir o cérebro de Rodrigo, substituir o cérebro natural, retirar o cérebro natural, eutanásia, eutanásia, eutanásia, eutanásia...

— Não espero que responda agora. Mas se autorizar a eutanásia e a cirurgia, podemos trazer seu marido de volta. Infelizmente não posso lhe passar o nome de outras pessoas que fizeram essa cirurgia, pois é considerado uma invasão à privacidade dos pacientes e de seus familiares, mas garanto que não notará nenhuma diferença.

— Mas haverá alguma diferença?

— Do ponto de vista científico, não. Rodrigo terá um cérebro idêntico ao seu anterior, com a mesma personalidade, as mesmas lembranças, os mesmos desejos, os mesmos conhecimentos, as mesmas habilidades. Mas algumas instituições religiosas questionam a cirurgia, afirmando que a alma de uma pessoa deixa o corpo após a morte e que, portanto, a pessoa operada não teria mais uma alma para sustentar-lhe a vida. Porém, considero essa argumentação infundada, já que foi relatado que os pacientes mantiveram um compor-

tamento normal após a operação. Não sei o que é nossa alma, nem qual é o alcance dela em nosso comportamento, mas acho difícil afirmar que alguém que se comporta como sempre se comportou perdeu a alma que carregava desde o dia de seu nascimento. Mas a decisão é sua, Luíza, tem o tempo que desejar para escolher o que considera mais apropriado tanto para você quanto para seu marido. Não estou aqui para forçá-la a fazer nada.

Novamente os pensamentos, confusos, se misturavam em sua cabeça. Os mesmos desejos? não teria mais uma alma para sustentar-lhe a vida? a decisão é minha? os mesmos desejos? os mesmos conhecimentos, as mesmas lembranças, as mesmas habilidades? não teria mais uma alma? eutanásia, eutanásia, eutanásia...

— Eu... Eu... Realmente preciso de um tempo para pensar.

— Claro, é perfeitamente natural que tenha que se gastar um tempo para tomar uma decisão destas. Quando estiver pronta, é só entrar em contato que iniciaremos os procedimentos. A propósito, o seguro de saúde cobre a cirurgia, portanto não precisa se preocupar com nenhuma questão financeira.

— Sim... Eu... Eu preciso de um tempo para pensar.

Levantou-se e deixou o consultório do médico. Sentia-se zozza, sua mente estava repleta de pensamentos furiosos que disputavam a sua atenção. Uma série de ideias, de desejos e de medos, todos querendo dominá-la e possuí-la. Voltou para casa desnorтеada, distante do mundo difuso que a cobria. Desceu uma estação de metrô após a correта. Ao retornar para casa, não conseguiu fazer nada além de deitar-se na cama e

fechar os olhos. Não dormiu.

Mais tarde, Elena voltou para casa. Entrou no quarto de sua filha, preocupada por vê-la ali. Temia uma recaída, logo agora que parecia bem melhor. Mas Luíza levantou-se assim que escutou o barulho de alguém entrando no quarto. Não era a depressão que incomodava o seu espírito. Era a dúvida, o medo, a indecisão.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Elena, esperando a pior das respostas. Já começava a pensar em onde poderiam enterrar Rodrigo, quanto dinheiro seria gasto, além de outros detalhes mundanos.

— O doutor Henrique me ofereceu uma possibilidade de curar Rodrigo.

— Ora, mas isso é ótimo! Por que você parece tão receosa?

Explicou tudo para a mãe. O avanço da tecnologia, as maravilhas que podiam ser realizadas quando se aplicava a biotecnologia à medicina, a cópia de toda a estrutura cerebral de Rodrigo, cada posição de cada célula. Contou, inclusive, os problemas legais, a necessidade da eutanásia.

Não era correto. Esse foi o primeiro pensamento que surgiu na mente de Elena quando terminou a explicação. Não era correto. Aquela oportunidade, à primeira vista maravilhosa, guardava dentro de si toda uma série de problemas éticos e espirituais. Não, não poderia ser feito. Doía muito, mas poucas vezes o caminho correto é o menos escuro e espinhoso. Se queremos andar com o nosso espírito na luz, muitas vezes temos que enfrentar as sombras que todos os dias nos querem cobrir com a escuridão.

— Não podemos autorizar a eutanásia. Vai completamente contra os nossos princípios religiosos. Além

do mais, imagine se a cirurgia der errado!... Sabe como esses médicos são... Prometem algo maravilhoso, mas depois dá um problema com a anestesia, o ponto infecciona, o pós-operatório mostra-se pior do que a própria doença. Imagine se ele não sobreviver após a operação, teríamos autorizado o seu assassinato. Não, por mais triste que seja, não podemos autorizar. Só Deus pode retirar a vida dele, temos que ser pacientes e esperar que a vontade dEle seja feita.

Abaixou a cabeça, enquanto as lágrimas desciam novamente pelo rosto. Tentou responder, mas sua garganta prendeu-se em um nó de tristeza e solidão, que não deixava uma única palavra escapar de sua boca. Elena, com toda a sua convicção religiosa, não pôde evitar um grande sentimento de pena diante daquela opção que escolhera para sua filha, que praticamente fechava uma porta que se abria quase como um milagre.

— Tem uma senhora na igreja que já fez essa cirurgia, Luíza. Sofreu um derrame fulminante, há cinco anos, que a colocou às portas da morte. Eu a vi no hospital, não havia mais esperanças para aquela mulher. Mas hoje é líder de várias atividades na igreja, tem uma força e uma lucidez impressionantes para a idade dela. Podemos conversar com ela amanhã, se você quiser. Temos uma reunião para planejar o festival de tortas.

Luíza aceitou. Meu Deus, uma senhora, à beira da morte, agora organizava as mais diversas atividades na igreja. Que milagre era aquele, que jamais ouvira falar? Que milagre era aquele, que colocava novamente uma pessoa neste mundo, depois dela ser empurrada pelo destino para o que quer que nos espere após a morte?

* * *

Rodrigo estava deitado em uma mesa de cirurgia. A sala escura, iluminada apenas por uma lâmpada fluorescente que randomicamente apagava e pouco tempo depois acendia-se novamente, era apertada e repleta de poeira em todos os lugares. Ao lado dele havia uma pequena mesa com facas e seringas, todas claramente velhas e enferrujadas. Uma grande teia de aranha iniciava-se a partir dessa mesa e subia até o teto, onde se podiam ver manchas de mofo. Luíza estava próxima a essa mesa, vestida de noiva. Mas era um vestido preto, com um grande rasgo na barriga, indo da parte inferior do tórax até próximo ao umbigo. Segurava um buquê de cravos, dois dos quais estavam tão murchos que só podiam estar mortos.

— Aproxime-se — disse uma voz gutural e forte. Luíza, com olhos vidrados e ausentes, começou a andar vagarosamente, desviando da mesa de ferramentas e aproximando-se da mesa de cirurgia. Ofegava. Gotas de suor escorriam por seu pescoço. Sentia a respiração de alguém atrás dela. Uma mão acariciou seu pescoço, subiu até seu queixo e a parte inferior do rosto, enquanto mantinha os olhos fechados. Só abriu-os quando a mão deixou o seu corpo.

— Pegue a ferramenta — a mesma voz gutural e forte. Mas, dessa vez, percebia que o som vinha de trás dela. Levou o braço esquerdo, vagarosamente, à mesa de ferramentas e pegou uma faca longa e afiada. O punho tinha o formato de um cachorro, com a boca aberta mostrando os dentes perigosamente afiados. Ofegava mais, agora. A lâmpada fluorescente deu uma piscada forte e apagou-se, talvez para sempre.

Alguém beijou-a na nuca, enquanto uma mão acari-

ciava sua barriga e suas costas. Fechou os olhos, deliciando-se com aquele contato, mas acima de todos os sentidos estava o frio da lâmina que segurava em suas mãos. Abriu os olhos. Percebia uma respiração muito próxima de seu pescoço, mas não parecia ser a de um ser humano. Assemelhava-se à forma como um animal respirava, um cachorro ou então um lobo. A voz gutural retornou, extremamente próxima dessa vez, quase como se viesse dela própria:

— Opere-o.

Levantou a mão que segurava a faca, vagarosamente. A lâmina oscilava, devido ao forte tremor em sua mão. Seu corpo inteiro tremia, o vestido estava encharcado de suor. A lâmina começou a descer, aproximando-se aos poucos do corpo de Rodrigo, até se encontrar a poucos milímetros da carne de sua barriga. Nesse ponto, Luíza parou. O suor escorria, caía em seus olhos, fazendo-os arderem. O coração batia tão forte que era quase uma explosão em seus ouvidos. Gritou. O grito ecoou pela sala apertada, prolongando-se em milhares de gritos que retornaram aos seus ouvidos. Uma aranha grande e vermelha desceu pela teia e começou a andar pela mesa de ferramentas. Movimentava rapidamente as pinças na frente de sua boca, pronta para destruir qualquer ser que ousasse se aproximar.

Uma mão subiu pelo seu ombro e deslizou pelo seu braço. Viu um braço forte e peludo andando em seu corpo. As unhas da mão eram grandes, amarelas e sujas. Mas como lhe dava prazer aquele toque, aquele contato. Ela envolveu a mão de Luíza, que ainda empunhava a faca a poucos milímetros de Rodrigo, e fez força para baixo. Gritou, enquanto o metal cortava a carne e entrava no corpo. O grito ecoou pela sala, fa-

gulhas pulavam de onde a faca havia entrado, iluminando parcamente o local. A mão fez força para o lado, prosseguindo com o corte da carne, mas não saiu uma gota de sangue. Em compensação, as fagulhas aumentavam cada vez mais, subindo e caindo como fogos de artifício, pulando do corte como se fossem um enxame de vaga-lumes que finalmente encontraram a saída de uma longa e escura prisão.

* * *

Entraram na igreja. O salão principal estava vazio, mas vários santos encaravam Luíza enquanto caminhava pela nave. E pensar que um dia os seus parentes e amigos estiveram sentados naqueles mesmos bancos, enquanto andava naquele mesmo lugar ao som da Marcha Nupcial. Agora tudo estava deserto, e não havia ninguém a esperando em frente ao altar, não havia nenhum padre para celebrar a missa, não havia uma promessa de felicidade diante de seus olhos. Apenas a dúvida, o medo, a solidão.

Foram para a secretaria, onde uma grande mesa aguardava o início da reunião. Uma senhora, sentada na ponta da mesa, organizava uma pilha de papéis. Não parecia ter noventa anos, movimentava-se com agilidade pelos papéis, lendo-os (sem óculos) e colocando cada um na pilha apropriada, enquanto fazia anotações em um caderninho. Seus cabelos brancos estavam presos em um coque, a roupa possuía uma estampa simples e séria. De seu pescoço pendia um belo crucifixo de madeira.

— Olá, Carminda. Essa é minha filha, Luíza.

A mulher levantou a cabeça. Luíza sentiu o olhar forte e profundo, como se estudasse cada um de seus

movimentos. Sorriu, tentando ser simpática. Ela também deixou um sorriso aparecer em seus lábios, talvez um pouco tarde demais. Luíza sentia-se apreensiva, talvez até mesmo com medo da mulher do outro lado da mesa.

— Sua mãe me falou muito bem de você. É um grande prazer finalmente encontrá-la. Deveria aparecer mais, é sempre bom ter bonitas jovens auxiliando o serviço do Senhor.

Continuou sorrindo, sem saber o que responder. Não frequentava a igreja já há alguns anos e não estava em seus planos voltar agora.

— Sinto muito pelo acidente e todas as dificuldades que teve que enfrentar. A vida às vezes nos guarda surpresas desagradáveis. Mas nada é em vão, minha jovem, nada é em vão. Cada formiga que anda pelo chão, cada peixe que nada pelo mar, cada folha que se movimenta com o vento, tudo está nos planos de Deus. Se Ele nos bate, é para que aprendamos com a marca que deixou em nossa face.

Difícil aceitar aquelas palavras que a mulher jogava em sua direção. Mas não importava. Ficava cada vez mais maravilhada à medida que o medo e o receio iam deixando o seu espírito. Carminda esteve às portas da morte, após um derrame fulminante. Agora estava conversando com Luíza, enquanto organizava uma pilha de papéis, e tentava arrastá-la novamente em direção à igreja. Esperava alguém com uma voz quase robótica, ou movimentos estranhos e artificiais, ou com reações lentas e demoradas. Mas não, a mulher que tinha diante de si estava viva, seguindo o eterno ciclo de nascer, crescer, reproduzir, para um dia finalmente morrer, um dia que a aguardava no futuro, muito além do que estava escrito na última página de seu destino.

— Elena comentou comigo, Carminda, do derrame que você teve há alguns anos.

Finalmente, ela pareceu hesitar. Demorou-se em frente a um papel um pouco mais do que de costume. Luíza tinha consciência de que havia sido cruel, mas não saberia uma maneira mais delicada de iniciar aquele assunto.

— Me ofereceram uma forma de recuperar a vida de Rodrigo — continuou. — Durante os exames, fizeram uma cópia de todas as informações armazenadas em seu cérebro...

— Aceite — disse, com firmeza. Luíza assustou-se com aquela afirmação forte e direta, parecia existir outra mulher em sua frente.

— Mas antes de qualquer coisa, seria necessário autorizar a eutanásia, estou hesitante em correr esse risco.

— Não, não autorize a eutanásia, estaria condenando a sua alma com um pecado mortal por toda a eternidade. Deixe a própria natureza consumir a vida de Rodrigo, deixe-o afundar aos poucos na eternidade. Quando não houver mais esperanças, quando tudo estiver perdido, a vida dele poderá ser recuperada, como a Fênix que ressurge das cinzas, como Lázaro que levantou de seu túmulo. Espere o momento adequado, o grande problema dos jovens hoje em dia é que têm pressa demais.

Voltou a organizar os papéis, uma folha em cima da outra, essa aqui, aquela lá, Maria Tereza irá doar cinco tortas de palmito, Marcos Antônio, três de frango. Luíza tentava lidar com as palavras que penetravam a sua mente, completamente inesperadas. Não queria deixar Rodrigo morrer, não queria vê-lo afundar na

eternidade. Queria tê-lo ali, ao seu lado, agora. Queria beijá-lo, abraçá-lo, amá-lo, mas, meu Deus, como tinha medo.

Passou o resto da manhã ausente e pensativa, não mais pelas duras palavras que ouvira no final da entrevista, mas pela própria pessoa que acabara de conhecer, tão viva, tão real, movendo-se com agilidade entre aquela pilha de papéis, organizando as informações em seu caderninho, enquanto carregava noventa anos em suas costas, noventa anos que não pesavam.

* * *

À tarde, Cláudia foi à casa de Luíza. Encontrou a amiga pálida e entristecida, atordoada pela dúvida que angustiava o seu espírito. Não compreendia aquela piora em seu estado, mas não teve coragem de perguntar nada. Foram até o parque, caminhar e pegar um pouco de sol. Pelo menos foi esse o argumento que Cláudia utilizou para convencê-la a sair. Sabia que era necessário retirá-la um pouco de casa, para qualquer lugar que não fosse o hospital. Ela precisava disso, vento, sol, ar fresco, distrair-se em meio à natureza e à beleza da vida. Frank caminhava ao lado delas, feliz.

— E Rodrigo, como está? — Finalmente havia encontrado coragem suficiente para perguntar. Tentara soar o mais casual possível, mas notou, tarde demais, como fora artificial.

— Doutor Henrique me disse que pode curá-lo.

— Sério, Luíza? Nossa, mas isso é ótimo!

— Não, não é. É bem complicado... — Virou o rosto para a grama sob os seus pés, evitando olhar para a amiga.

— Qual é o problema, afinal? Poxa, uma chance de ter Rodrigo de volta, não entendo...

— A única forma de curá-lo é substituir o cérebro dele por um construído artificialmente. Sei que parece loucura, Cláudia, mas foi isso que me disse. Porém, eles não podem retirar o cérebro sem que eu autorize antes a eutanásia.

— Ah!... Sim, estava me perguntando por que ainda não tinham oferecido essa possibilidade. Agora compreendo.

— Já tinha ouvido falar nisso antes?

— O filho de uma amiga teve que fazer essa cirurgia. Mas no caso dele, não foi necessário autorizar uma eutanásia.

— O que aconteceu?

— Ele tinha um câncer irrecuperável. Foi uma fase tão difícil, a mãe e o filho sofreram muito... Mas a operação foi um sucesso, e hoje é como se nada houvesse acontecido.

— Nossa, como deve ter sido duro para eles passarem por isso. E o pai, ela não é casada?

— Marcos abandonou Simone logo depois do nascimento do filho. Teve que aguentar tudo sozinha, pobre mulher...

— Será que daria para eu encontrá-la? Ver seu filho?

— Até onde eu saiba, ele está muito bem. Você não deveria perder uma oportunidade dessas, Luíza, imagine, ter Rodrigo de volta, finalmente... Acho que recusar seria um crime.

— Me coloque em contato com essa sua amiga, quero conversar com ela, acho que vai me fazer bem.

— Tem muito tempo que não a vejo. Pode ser uma boa ideia visitá-la. Sexta-feira à tarde posso sair mais cedo da agência de viagens, vou ligar para Simone hoje.

— Que bom, obrigada.

Cláudia deixou Luíza em casa mais tarde. Antes de se despedir, ainda reforçou mais uma vez:

— Não deixe Rodrigo morrer, Luíza. Faça o que deve ser feito.

Elena não estava em casa, provavelmente estava jogando pôquer com as amigas. Viu-se sozinha mais uma vez. A casa estava escura, devido ao cair da tarde, tornando o ambiente melancólico e triste. Sentou-se em uma cadeira na sala e deixou-se ficar, pensando sobre os acontecimentos do dia. Elena estava tão certa de que não deveria autorizar a eutanásia... Realmente, como poderia autorizar algo assim? Chegava a ser uma monstruosidade... Mas, por outro lado, matá-lo era a própria chave para o seu retorno, como a Fênix que ressurgue das cinzas ainda mais bela e jovem do que quando morrera. Tirar a vida de Rodrigo parecia ser a única forma de dar novamente a vida ao pobre homem. Estranha essa vida nova que teria, baseada na própria morte. Mas, afinal, quem de nós não tem uma vida baseada na própria morte? Nascemos para um dia morrer, e morremos porque um dia porventura viemos a nascer, eterno ciclo sem o qual nada mais faria sentido. Seria realmente um pecado matar Rodrigo para resgatá-lo? Seria realmente contra a vontade de Deus? Ou será que Deus não estaria utilizando a medicina para realizar mais um de seus milagres, antigamente bastavam-se as palavras, “levanta-te e anda”, “Lázaro, acorde”, hoje são necessárias cirurgias, mas no fundo a história é a mesma, um homem curando

outro homem, um homem dando a vida a outro homem, graças a Deus. Onde estaria o erro em autorizar, então, uma eutanásia tão benéfica como essa? Onde?

E se a cirurgia desse errado? E se ele morresse? E se a cirurgia desse certo, mas jamais voltasse a ser o que era, condenado a apenas uma parcela da vida que poderia ter vivido? Como poderia se perdoar se isso visse a acontecer? O sangue dele em suas próprias mãos, não era algo que seria capaz de suportar. E, meu Deus, como Carminda parecia bem, saudável e ativa, viva, enfim. Era um milagre. Como desejava algo assim para seu marido. Será que deveria seguir o conselho e simplesmente aguardar? Esperar o momento certo, o momento em que a piedade de Deus finalmente retiraria a vida de Rodrigo, para então salvá-lo?

As horas passaram, trazendo a noite, sem que percebesse. Quando Elena finalmente chegou, encontrou-a adormecida, com a cabeça apoiada na mesa da sala e os braços estirados. A mãe lembrou-se daqueles tempos em que a carregava no colo, quando Luíza dormia vendo televisão, e a colocava em sua cama, enquanto Alfredo trocava o canal, procurando algum jogo de futebol que por alguma felicidade estivesse passando. A saudade doía-lhe no peito, saudade daqueles tempos em que tudo parecia ser tão mais simples. Hoje a morte parecia estar à espreita, observando atrás de cada esquina, esperando aquele momento certo em que se distrairia por um instante para atacar. Só não esperava que começasse a rodear Rodrigo e Luíza tão cedo, era uma maldade, uma injustiça, mereciam aproveitar aqueles momentos doces e despreocupados, aqueles momentos que passam tão rápido e de repente são apenas uma lembrança daquilo que passou para jamais voltar.

Acordou a filha e ajudou-a a ir até o seu quarto. Ela deitou-se e Elena deu um beijo em seu rosto, desejando uma boa noite. Rapidamente Luíza adormecera, mergulhando em uma noite sem sonhos.

* * *

Luíza foi visitar Rodrigo no dia seguinte. Encontrou Stephanie, ao entrar no quarto, sentada ao lado de seu filho. Seu rosto estava cheio de maquiagem, sua roupa era alegre e colorida, mas nada apagava as olheiras que marcavam em seus olhos as longas noites mal dormidas. Aproximou-se. Só então ela notou a sua presença.

— É estranho vê-lo assim depois de quase três meses, não é? Sinto como se o tempo estivesse parado dentro do quarto. Chego a ter vontade de ficar aqui até mais tarde, apenas para poder ver que o dia passa pela janela, deixando a noite chegar — Stephanie disse, com a voz longe e pensativa. Luíza teve dúvidas se falava com ela ou com si própria.

— Eu sei... Essa sensação de que tudo isso será eterno é tão desagradável.

— Ele não vai sair do coma sozinho, Luíza. Sei que não vai.

Não respondeu. Apenas sentou-se, ao lado de Stephanie.

— Autorize a cirurgia. Não prolongue o nosso sofrimento.

— Tenho medo. Tenho medo de autorizar a eutanásia e algo der errado...

— E se der? Ele está morto, não percebeu isso ain-

da? Se a operação der errado, pelo menos estaremos livres desse fantasma que sempre nos assombra — as lágrimas escorriam pelo seu rosto, manchando a maquiagem.

Doutor Paulo entrou no quarto. As duas mulheres observaram, silenciosas, enquanto o médico procedia com o exame. Um clima de tensão mantinha-se dentro do quarto, a discussão interrompida pairava no ar.

— Ele não demonstra nenhuma melhora. Sinto muito.

— Acha possível que ainda saia do coma, doutor? — perguntou Luíza.

— Não creio... Geralmente os pacientes melhoram nas primeiras duas semanas. Pelo tempo que está em coma, não acho que há muito o que fazer. — Após um breve tempo em silêncio, o médico continuou, quase como se soubesse o que se passava na cabeça delas. — Sei que devem ter lhe oferecido uma... alternativa para Rodrigo. Conheço o hospital onde trabalho. Eu não aceitaria. Me chamam de cético, de louco, de imbecil, mas não consigo acreditar que seria possível criar artificialmente um cérebro. Estudei profundamente o sistema nervoso e, por mais científico que tenha sido esse estudo, encontrei ali algo que é quase mágico. Inexplicável. Incompreensível. Não tenho religião alguma, mas há dentro de mim uma convicção quase absoluta de que não moramos em nosso cérebro. Há algo mais, há algo além, algo indefinível.

Stephanie abaixou a cabeça, evitando o olhar do médico. Luíza manteve o rosto firme, enquanto absorvia as palavras que foram ditas. Depois que ele deixou o quarto, Stephanie virou-se para ela, com os olhos vermelhos de tristeza e angústia:

— Autorize a operação, Luíza.

Hesitou. Não sabia o que responder. Gostaria tanto de dizer sim, com certeza, vou autorizar agora. Mas não era verdade. O medo corroía essa decisão, junto com aquela convicção, que aprendera desde cedo na escola católica onde estudara, de que jamais poderia autorizar a morte de outro homem. Mas essa ética agora estava confusa em sua mente, pois a morte surpreendentemente se tornara a porta para a vida.

— Não sei, Stephanie, não sei... — Sentia as palavras escapando de sua boca como se fossem facas.

— Não faça isso comigo. Eu imploro.

— É uma decisão muito difícil, autorizar a eutanásia de meu próprio marido.

— Se Rodrigo não tivesse se casado, a decisão seria minha.

Stephanie levantou-se e deixou o quarto.

* * *

Luíza não conseguia dormir naquela noite. Virava na cama de um lado para o outro, pensando em todos os acontecimentos recentes. Pensava em Stephanie e no sofrimento que estava causando para a mãe, privada de seu próprio filho. Não queria ser a responsável pela sua infelicidade, e sentia-se culpada por causa disso. Mas não poderia autorizar a eutanásia, mesmo com a confiança que depositava no médico, de que faria a cirurgia da melhor forma possível. Parecia tão arriscado, talvez fosse sensato esperar um pouco, para ver se ele melhorava naturalmente, há tantos milagres que acontecem nessa vida, às vezes teria a graça de mais um. Também não gostava muito da ideia do cérebro artifici-

al, por maior que fosse sua satisfação com a nova perna que ganhara. Era incomparável a complexidade de uma perna, conjunto de músculos, pele, ossos e nervos, com a complexidade do cérebro, única massa muscular que parece tão conectada a nossa essência, órgão misterioso que talvez seja a nossa única ligação com o divino, tornando-nos algo mais do que um reles conjunto de órgãos, matéria amorfa e estática, que nasce, cresce, reproduz e morre sem jamais poder questionar-se por quê.

Lembrava então de Carminda, organizando os papéis, olhando-a com profundidade, tentando arrastá-la novamente para a igreja que há tantos anos deixara de frequentar. Estava viva, real, mesmo depois de um derrame que a colocou às portas da morte. Na verdade, Luíza agora tinha consciência disso, Carminda havia efetivamente morrido por causa do derrame. Senão, a cirurgia não poderia ter sido feita. Provavelmente os médicos não contaram isso para ela, ou Carminda preferiu não contar para ninguém. Mas provar o amargo sabor da morte, disso não havia dúvida. E estava viva, anotando no caderninho quantas tortas teriam para o festival.

Quando finalmente adormeceu, foi atormentada pelo mundo dos pesadelos. Viu doutor Henrique vestindo um avental sujo de sangue. O líquido escorria pelo tecido, manchando o chão. Seu rosto, com a barba por fazer, possuía minúsculas gotas de sangue sobre os pelos que começavam a crescer. Em suas mãos havia um serrote afiado e enferrujado, que já tinha sido utilizado em muitas operações ao longo dos anos. Sangue seco prendia-se nas pontas, e Luíza sabia que era uma mistura do sangue de várias pessoas.

Uma garotinha estava deitada na mesa de cirurgia.

Seus olhos arregalavam-se de desespero. Sabia o que ia acontecer, já podia quase sentir a dor em seu braço direito, antecipando o destino do qual não poderia escapar. Tiras de couro velho a prendiam na mesa, envolvendo-a completamente. Ao seu lado, havia uma pequena mesa, onde estavam vários instrumentos cortantes e afiados e o braço de plástico de uma boneca Barbie. A garota gritou, enquanto o médico se aproximava, com o rosto sério e compenetrado, impassível diante da angústia do pequeno ser que sofria diante de si.

Acordou completamente absorvida por essas imagens. Enquanto tomava banho, trocava de roupa, lanchava, as cenas voltavam e voltavam em sua mente, atormentando-a. Sentiu-se melhor apenas quando brincou um pouco com Frank, contagiada pela alegria e pelo carinho do Yorkshire.

Passou o resto do dia se perguntando o que faria ao encontrar Simone. Sentia-se nervosa com aquela situação. O que mais queria era perguntar como ficara seu filho após a cirurgia. Afinal, apenas ver Carminda por alguns minutos não significava muita coisa, por mais forte que fora a impressão de que aquela mulher estava ótima. Mas Simone acompanhava seu filho ao longo de toda a sua vida, com certeza a mãe saberia se ele tornou-se diferente após a operação, ou se era ainda o mesmo garoto. Mas não poderia perguntar isso na frente de Jonatas. Talvez ele nem soubesse que estava com um cérebro artificial... Isso poderia afetar o menino de uma forma que não conseguia imaginar.

Cláudia buscou Luíza de tarde. Foram juntas até a casa de Simone. Era um lugar lindo, com trepadeiras a cair pelas janelas do andar superior, um jardim muito bem projetado saudando os visitantes com flores, as

paredes aparentando terem sido recentemente pintadas de rosa claro, apesar da arquitetura da casa lembrar um estilo mais antigo.

Ela abriu a porta. Era um pouco mais velha do que Luíza, mas tinha a pele tão sedosa e bem cuidada, os cabelos tão macios e brilhantes, que qualquer um diria que era mais nova. Cumprimentou-as com um sorriso alegre e simpático, dando a Luíza a impressão de que aquela mulher deveria ser feliz. Ou, pelo menos, que era uma das afortunadas pessoas que tinham a doce ilusão de terem descoberto a felicidade.

Sentaram-se na sala. O garoto não estava, o que a deixou ao mesmo tempo decepcionada, pois queria tanto vê-lo, e aliviada, pois não acreditava ter a coragem de fazer as perguntas que gostaria com ele bem ali, na sua frente, pronto para escutar o que não deveria ouvir. Simone disse que sentia muito por tudo o que havia acontecido. Luíza, sem saber o quanto Cláudia havia contado, deixou as palavras escaparem de sua boca, carregando toda a angústia que estava presa em sua garganta:

— Simone, doutor Henrique me ofereceu a possibilidade de fazer uma cirurgia para... recuperar o cérebro de Rodrigo.

Ela não respondeu imediatamente, abriu a boca para falar mas depois fechou-a. Parecia não saber o que dizer, talvez estivesse com medo de dizer o que gostaria.

— Conte para Luíza que seu filho fez essa mesma cirurgia há três anos. Talvez poderia falar um pouco sobre como foi o resultado dessa operação. Luíza está meio indecisa sobre o que deveria fazer.

Simone ainda não respondera. Mas não foi o seu si-

lêncio, e sim a palidez que atingiu o seu rosto, que mais demonstrou como estava sendo afetada por aquele assunto que surgia em sua mente como uma rápida e dolorida bofetada. Fechou os olhos com força, segurando as lágrimas que queriam tanto sair. Abriu-os, então, molhados e vermelhos, mas sem uma gota a deixar-lhes em direção à pele, e sorriu, um sorriso tão contraditório que chegava a ser pior do que se tivesse deixado mil lágrimas rolaem pelo seu rosto.

— Meu filho está muito bem. E, por favor, Cláudia, não comente mais sobre esse assunto com ninguém, ok?

— Não apresentou nenhuma mudança de comportamento, caráter ou preferências após a cirurgia? Tenho medo do que pode acontecer com Rodrigo caso autorize que seja operado.

Simone ficou em silêncio novamente. Demorou alguns segundos para finalmente responder:

— Meu filho está bem. E, afinal, nosso comportamento, caráter e gostos estão mudando a cada instante... Que diferença faria?

— Por favor, nos dê mais detalhes. Preciso saber mais sobre a cirurgia.

— Não tenho muito o que falar, se quer mais detalhes procure o médico. Meu filho iria morrer e agora está vivo. O que me importa se apresentar alguma mudança de caráter? O que me importa se mudar o seu comportamento? O que me importa se antes gostava de balas e agora prefere chocolate? Meu filho iria morrer e agora está vivo, pode deixar de ser o mesmo, mas ainda é o meu filho. Não entendo o porquê de suas perguntas, tantas cirurgias por aí deixam sequelas tão terríveis... Mas é sempre muito melhor do que a

morte, não é? Agora, se me dão licença, tenho algumas coisas para fazer. Obrigada pela visita.

— Teria como eu ver o Jonas? Gostaria de conversar um pouco com ele...

— Sinto muito. Ele não está.

— Ele sabe que fez essa cirurgia?

— Não.

— Não vou contar para ele, prometo.

— Sinto muito, Luíza. Não quero que envolva meu filho nisso. Já tivemos problemas suficientes.

Naquela noite, enquanto brincava com Frank, não conseguia deixar de pensar na visita. Ficava se perguntando o que poderia ter acontecido com o filho de Simone, para ela mostrar-se daquela forma com a mera sugestão de que a cirurgia poderia ter alterado a personalidade do garoto. Teria ocorrido algum efeito colateral tão marcante assim? Suficiente talvez para ter se arrependido de sua escolha? Não quis nem deixá-la ver o filho, estaria envergonhada, talvez? Ou simplesmente teria medo do que poderia contar para ele? As perguntas mantinham-se na sua mente, indo e voltando constantemente, enquanto acariciava seu Yorkshire. Ele deu um latido curto e alto, enquanto balançava o rabo. Era interessante como se comportava bem no hospital, enquanto dentro de casa era mais barulhento e brincalhão. Cláudia havia explicado que Frank foi programado para se comportar em certos ambientes, para poder sempre acompanhar o seu dono. Todos os cachorros artificiais já vinham assim de fábrica, há quase cinco anos. Era quase assustador como o animal poderia ser controlado.

Uma possibilidade apavorante cruzou sua mente. Se

o cachorro poderia ser programado daquela forma, o que não seriam capazes de fazer com a mente de Rodrigo? Será que o seu novo marido sempre votaria na direita? Ou não fumaria mais? Ou se tornaria incapaz de quebrar as leis e as regras? Enfim, se comportaria “em certos ambientes”? Como poderia confiar no que estava sendo colocado em seu cérebro? Como poderia confiar que seria realmente Rodrigo quem ela teria de volta?

* * *

O telefone tocou. Eram dez e meia da noite. Quem poderia ser? Quem teria algo tão importante e urgente para ligar naquele horário, quando muitos já estariam dormindo? Luíza considerou ignorar aquela ligação, deixar o barulho perder-se na eternidade, mas poderia ser alguma notícia de Rodrigo. Talvez tivesse melhorado, e agora ligava pedindo para buscá-lo no hospital e levá-lo para casa... Sabia que não era verdade, que estava apenas fantasiando, mas o que somos nós sem as nossas fantasias? Atendeu o telefone. Era Lucas.

— Luíza, você vai aceitar a eutanásia.

— Como?

— Amanhã você irá ao hospital e irá autorizar a eutanásia.

— Lucas, andei pensando sobre isso, estou achando melhor esperar.

— Não, não irá esperar. Meu Deus, Luíza, que tipo de idiota você é? Quer que Rodrigo morra para herdar o dinheiro? Eu pago. O dobro do que receberia. Tenho recursos, você sabe disso. Mas aceite a porcaria da cirurgia. Amanhã. Antes que seja tarde demais.

Ficou vermelha de vergonha e indignação. Abriu a boca para responder, mas não saiu uma palavra. Não sabia quanto tempo ficou assim, parada, tentando dizer alguma coisa, enquanto mil respostas passavam rapidamente pela sua cabeça. Finalmente percebeu os toques curtos e breves que indicavam que a linha havia sido desligada. Colocou vagarosamente o fone no gancho. Como ele poderia pensar algo assim? Que estava interessada no dinheiro? Chegou a oferecer o dobro da herança de Rodrigo... Que tipo de homem era aquele?

Deitou-se, mais tarde, já de camisola, mas ainda pensava na ligação que recebera. Não conseguia controlar aquele sentimento de indignação. Estava triste e ofendida. Pensava em tudo o que poderia ter dito, como parecia fácil agora ter uma boa resposta para dar. Chegou a levantar-se, decidida a ir até o telefone e ligar para Lucas. Mas desistiu. Deitou-se novamente e cobriu-se com o lençol. Finalmente, adormeceu.

* * *

Alguns dias depois, enquanto visitava Rodrigo, uma enfermeira avisou Luíza que doutor Henrique a esperava em seu consultório. Foi até lá imediatamente, perguntando-se o que o médico queria dessa vez. Chegava a ter medo de entrar naquela sala, que de repente parecia em sua memória um lugar tão sinistro. Lembrou-se do pesadelo que tivera, doutor Henrique com o jaleco todo sujo de sangue, enquanto se aproximava da garotinha aterrorizada. Naquele momento, percebeu como aquela menina se parecia com ela quando era mais nova, quando quase se afogara na piscina do sítio.

Entrou no consultório. Sentou-se em frente à mesa, onde estavam empilhados vários artigos e livros. Alguns estavam abertos, podia-se ver as páginas misturando fórmulas matemáticas e fotos médicas de órgãos humanos. Sentiu um calafrio que a deixou arrepiada.

— Já se passaram vários dias e ainda não recebi sua resposta em relação à... situação de Rodrigo. Existe algo que possa fazer para ajudá-la a tomar uma decisão?

— Agradeço a atenção, doutor. Mas acho que não vou querer que ele seja submetido à eutanásia.

O médico encarou-a por um longo momento antes de responder. O olhar pesava sobre Luíza, foi necessária uma grande força de vontade para não desviar os seus próprios olhos.

— Você está consciente de que Rodrigo pode ficar anos em coma? Que pode vir a falecer? Que pode se recuperar anos depois, mas completamente alterado e incapaz? Que tipo de bobagem religiosa a fez tomar essa decisão?

Abaixou os olhos. Não sabia o que dizer. Considerou se não estaria errada, sua escolha que antes parecia tão sábia agora soava como se fosse apenas uma grande estupidez.

— Pense com calma, Luíza. Não quero que se arrependa de sua decisão.

— Se mudar de ideia, doutor, vou te procurar.

— Estarei esperando.

Capítulo 6

O tempo passou. As visitas de Luíza a Rodrigo deixaram de ser diárias e começaram a se espaçar entre os dias da semana. Ainda eram frequentes, mas aconteciam agora duas, três ou quatro vezes a cada semana, e não duravam mais muito tempo. Às vezes eram visitas de meia hora, às vezes de uma hora, mas disso não passava. A vida segue o seu percurso, os desejos e anseios nos forçam a continuar.

Uma noite, enquanto jantava com sua mãe, teve uma notícia que a abalou, quebrando a frágil rotina em que se apoiava naqueles meses. Elena manteve-se em silêncio durante a maior parte do jantar, o que a deixou preocupada. Sua mãe costumava falar muito, mesmo quando não tinha nada a dizer. Aquele silêncio não era natural. Apenas quando estavam quase terminando o jantar, descobriu o seu motivo. Ela finalmente disse as palavras que tanto a perturbavam:

— Luíza, andei pensando... Já estou aqui há bastante tempo e você está bem melhor. Acho que está na hora de voltar para casa.

Não esperava aquela decisão. Estava acostumada a ter sua mãe em casa e, por algum estranho motivo, parecia ter se convencido de que continuaria ali para sempre. A perspectiva de ter que morar sozinha assustava-a. Mas sabia que não havia nada que pudesse fazer. Elena tinha a sua vida, suas amigas, seus afazeres.

— Que dia pretende ir embora?

— Depois de amanhã. Acha muito cedo? Quer que

fique mais um pouco?

— Não. Não é necessário. Não quero prender você aqui.

— Tenho certeza de que tudo vai ficar bem em sua vida, Luíza. Deus olha por você.

— Obrigada, mãe.

Levantou-se e andou rapidamente até o banheiro. Trancou a porta. Olhou para o espelho e só então deixou as lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Ficaria sozinha. Sozinha. Completamente só. Olhava o rosto molhado de lágrimas, os olhos feios e vermelhos e isso apenas dava mais e mais vontade de chorar. Tinha que tomar cuidado apenas para não fazer barulho, para não deixar sua mãe preocupada. Não poderia segurá-la em sua casa, tinha que deixá-la partir. Claro que Elena sentia falta do seu bairro, das suas vizinhas, de poder ir a pé até a igreja... Sabia que tinha que aprender a viver sozinha, tantas pessoas vivem sozinhas nesse mundo e são felizes. Mas a perspectiva da solidão a assustava, por mais força que tentasse encontrar dentro de si. Quando percebeu-se mais calma, lavou bem o rosto e respirou fundo. Deu a descarga no banheiro e voltou até a mesa.

— Posso ficar mais um tempo com você...

— Não. Deve partir depois de amanhã. Já é hora de seguir a sua vida e preciso encontrar a minha.

Elena deixou a casa no dia combinado. Abraçou a filha com força antes de entrar no carro. Luíza desejou que aquele abraço durasse por toda a eternidade, aquele contato com alguém que a amava, alguém em quem podia confiar, alguém que não precisava preocupar-se em agradar, que a aceitaria de qualquer jeito, do jeito que era, a própria Luíza, sem as máscaras da

sociedade. Mas finalmente soltou-a, tinha que soltá-la, e observou o carro desaparecer ao longo da rua. Não chorou enquanto o carro se afastava, mas sentia o seu espírito miserável. Quando finalmente viu-se sozinha em casa, levou Frank até o seu colo e o abraçou.

— É, Frank, agora somos só nós dois. Apenas nós dois. Cuide bem de mim, seu cachorro.

Frank lambeu o rosto de Luíza. Sempre achara nojenta a lambida de um cão, mas naquela hora não foi tão ruim. Não admitiria para si mesma, mas realmente gostara da demonstração de carinho. Era a primeira vez que ele fazia algo assim. Será que compreendia tudo o que estava acontecendo com sua dona? Ou apenas percebera a solidão em sua voz e em seu olhar?

Passou boa parte daquela tarde brincando com Frank, ensinando os truques que eram explicados no manual. Queria que aprendesse a ficar em pé com duas patas. Quando a noite chegou, ele já conseguia se equilibrar por alguns instantes.

Com o passar dos dias, foi sentindo um tédio cada vez mais insuportável. Cuidava da casa, mas isso não era o bastante para ocupar o seu tempo. Possuía alguns robôs que a auxiliavam, tornando o serviço muito fácil e rápido. Brincava com Frank, ensinava-o novos truques, o que servia para distraí-la por horas, mas ainda não era o suficiente. Assistia filmes, lia livros, passeava com Cláudia. Mas a cada dia que passava, ficava mais e mais convencida de que deveria procurar um emprego. Na verdade, há muito tempo queria voltar a trabalhar, mas Rodrigo sempre a desincentivava, dizendo que era bobagem, ele já ganhava dinheiro suficiente, em breve teriam filhos e teria que ficar em casa cuidando deles. Agora, o mundo parecia descorti-

nar-se diante de seus olhos, revelando todas as suas infinitas possibilidades. Sentiu uma grande alegria quando imprimiu a primeira cópia de seu currículo. Não era grande, apenas uma folha, uma única experiência profissional, mas já era um primeiro passo, um passaporte para o novo mundo.

Decidiu iniciar sua nova vida dando aulas de inglês. Não era seu grande sonho, nem o que mais desejara durante a graduação, mas tinha alguma experiência, seria uma forma mais fácil de retornar ao mercado. Além de voltar a praticar o idioma. Futuramente, poderia tentar um trabalho mais interessante como tradutora. O mais importante era iniciar a sua caminhada, rumo a um destino que de repente se abria em sua frente. Enviou o currículo para várias escolas da cidade. Não queria dar aulas particulares, pois precisava pertencer a um grupo, ter colegas de trabalho, ir para um local em horários bem marcados e estabelecidos. Enfim, precisava de uma rotina, de acordar cedo para ir trabalhar, de ter um chefe e um compromisso. Precisava de algo para preencher a sua vida parada e solitária.

Um final de semana, enquanto aguardava uma resposta, Cláudia ligou chamando-a para fazer uma caminhada no parque. Aceitou o convite, sentia-se enfiada naquela casa em pleno domingo. Precisava sair, respirar ar fresco, ver pessoas, conversar com alguém. Era um lindo dia de sol, perfeito para ver os pássaros cantando, os peixes nadando no lago, as árvores balançando com a brisa, a eterna dança de um belo dia de verão. Frank corria alegremente pelo parque, perseguiu borboletas, latia para os outros cachorros, trazia de volta os gravetos que Luíza jogava, ficando em pé com as duas patas para que os retirasse de sua boca.

— Você andou ensinando uns bons truques para o seu cachorro, hein?

— Sim, temos brincado bastante esses dias.

— Nunca tive paciência para treinar os meus Dálmatas... Por mim, já deveriam vir sabendo tudo de fábrica, não sei por que temos que ficar ensinando as coisas. É difícil?

— Não. Na verdade, é bem simples, o manual explica tudo. Demora um certo tempo, é verdade, mas é divertido. Vale a pena.

— Ando tão sufocada com o serviço na agência de viagens... Acabei não me envolvendo muito com isso. O que mais seu cachorro sabe fazer?

— Ficar em pé, sentar, fingir de morto, pegar objetos, trazer o jornal... Nada muito extraordinário, não.

— Nossa, mas já é bastante. Você realmente dedicou-se a seu Yorkshire!

— Não tinha muito o que fazer... Pelo menos me distraí um pouco. As escolas de inglês ainda não me responderam. Preciso tanto trabalhar, ficar em casa está me deixando louca — enquanto falava, pegou o graveto que Frank havia acabado de trazer e atirou-o novamente. Ele pulou, animado, na direção em que o graveto voava. Parecia realmente feliz com o jogo.

— Posso arrumar algo na minha agência, se quiser. Na verdade, estamos precisando de uma atendente...

Um casal passou ao lado delas. Caminhavam de mãos dadas, a moça tinha um corpo esbelto, vestia uma calça de ginástica justa e uma camiseta sem manga, o cabelo loiro preso. O homem estava de bermuda e camiseta, além do boné azul na cabeça. Nas mãos dos dois, viu o anel de noivado. Ah, pobre mu-

lher, pensou, provavelmente estava apaixonada por aquele homem, condenada a querer passar o resto da eternidade ao seu lado, apenas para um dia perdê-lo pelo anjo da morte e ser jogada novamente no grande mar da solidão, mar cuja água era formada pelas lágrimas derramadas pelos homens. Pobre de todos nós, que precisamos de alguém, apenas para um dia nos encontrarmos novamente sozinhos nesse mundo.

— Luíza? Você me escutou?

— Desculpe, eu... Estava distraída.

— Em que estava pensando?

— Nada. Apenas em como é fácil ficar sozinha.

— Não pense nessas coisas. Tente manter um astral mais positivo. Falei que se quiser, posso te arrumar um emprego como atendente na minha agência.

— Não sei se gostaria de trabalhar como atendente...

— Bem, qualquer coisa, é só me procurar.

Continuou olhando o casal, distraída. Agora se beijavam próximo da ponte, embaixo de uma árvore que os abençoava com sua sombra. Naquele momento, a dor de um arrependimento cortou o seu coração. Se tivesse autorizado a eutanásia, talvez pudesse estar abraçando seu marido agora, na sombra daquela linda árvore, agradecendo a todas as bênçãos da natureza. Se tivesse autorizado a eutanásia, talvez agora pudesse estar feliz.

— Contei que estou namorando, Luíza?

— Não, não comentou. Desde quando?

— Já faz quase um mês.

— Que legal, fico feliz por você.

— Um dia vou te apresentar o Pablo, tenho certeza que irá gostar dele.

— Ele faz o quê?

— É jornalista.

Não perguntou mais nada sobre o namorado de Cláudia. Sentiu uma pequena dose de inveja, como era boa a alegria e a excitação dos primeiros dias de um relacionamento, aquela paixão forte que parecia durar para sempre. Preferia não falar mais sobre isso, esquecer dessa vida onde as pessoas saíam, se conheciam, namoravam, casavam, achavam que eram felizes, até o dia de nossa morte, amém.

— A gente deveria voltar a sair à noite, Luíza.

— O quê?

— Só temos saído para caminhar, talvez fosse bom dançar um pouco, conhecer pessoas novas...

— Não, não me sentiria bem.

— Rodrigo já está em coma há mais de seis meses. Não precisa mais ficar se martirizando.

— Não estou me martirizando. Mas não sentiria bem saindo à noite agora, com o meu marido em coma, sozinho no hospital.

— Não estou falando para arrumar um namorado. Apenas para deixar de ficar se prendendo em casa. Uma hora terá que seguir com a sua vida, não pode ficar esperando-o para sempre.

Parou de andar. Olhou fixamente para a amiga.

— Não vou esperá-lo para sempre, Cláudia. Disso tenho certeza. Um dia ele voltará para mim.

— Fico feliz e triste pela sua esperança.

Frank retornou, segurando um graveto na boca, equilibrando-se nas duas patas. Luíza sentou-se na grama, em frente à ponte, pegou o graveto na boca do cachorro e acariciou a sua cabeça. Ele balançou o rabo, feliz, orgulhoso do seu trabalho. Cláudia sentou-se também, ao lado da amiga. Olhava-a com um sentimento que quase se aproximava da pena, enquanto, ao longe, o sol começava a se pôr atrás do rosto de Luíza, despedindo-se com os seus últimos raios de luz.

* * *

Stephanie não conversou mais com Luíza desde o dia em que brigaram. Continuava visitando o filho, mas se por acaso Luíza chegasse enquanto estava lá, levantava-se e ia embora, deixando para ela apenas uma seca despedida. Não conseguia, e também não queria, deixar de culpá-la pelo sofrimento de seu filho, pela oportunidade de resgatá-lo que decidira com tanta crueldade não aceitar, aquela vaca. Não conseguia entender o que podia passar na cabeça de Luíza para recusar algo que aceitaria tão prontamente.

Mas sentia a sua falta. Era alguém com quem poderia compartilhar o seu sofrimento. Lucas nunca mais havia visitado o filho, dedicava-se de corpo e alma aos seus negócios. Dizia que não fazia sentido visitar uma pessoa em coma, afinal, ela jamais iria ficar sabendo da visita. Havia chorado muito nos primeiros dias após o acidente, mas agora já considerava o seu filho morto. Faltava apenas enterrá-lo, mas para ele era apenas uma questão de tempo. Lucas era um homem prático, simplesmente não ficaria se prendendo ao passado por nada nesse mundo. Tinha que se concentrar nas pressões do presente, e ganhar dinheiro. Mas como xinga-

va Luíza, como a culpava por tudo aquilo. Já Stephanie ficava em casa o dia inteiro; tinha, portanto, muito tempo para pensar no que já deixara de ser e nos casos em que não havia mais nada que se pudesse fazer. Um dia sentiu-se tão asfisiada de solidão, que não pôde evitar de visitar Luíza. Precisava da companhia de uma mulher que sofria a mesma perda que ela. Além disso, a convicção de que Luíza estava errada já estava deixando a sua mente, dando lugar a uma série de dúvidas.

Luíza ficou surpresa com a visita. Não esperava que Stephanie desejasse vê-la novamente, muito menos que iria procurá-la com os seus próprios pés. Ela sentou-se na sala, enquanto bebericava o café que Luíza havia servido. Usava uma linda echarpe em volta do pescoço, apesar do dia não estar frio.

— Ainda não entendo a sua decisão. Mas preciso confessar, senti a sua falta.

— Também senti a sua falta, Stephanie. É bom ter você por perto.

Stephanie colocou a xícara de café em cima da mesa e olhou para Luíza, um olhar angustiado e cheio de dúvidas. Parecia aguardar que Luíza dissesse alguma coisa, como se fosse evidente que havia um buraco naquela conversa que deveria preencher. Luíza, porém, não sabia como evitar o silêncio que se seguiu.

— Às vezes me pergunto — prosseguiu Stephanie, finalmente — o que é que nos faz sermos seres vivos.

— Como assim?

— Olho para o seu cachorro, brincando com tanta alegria pela casa, com tanta vida no olhar, e é apenas uma máquina, uma máquina, Luíza! Toda a história dessa cirurgia, também. Um homem sem o seu cére-

bro é o mesmo homem? Um homem com um cérebro artificial é um ser humano ou uma máquina? Onde está o ponto que nos diferencia? O que é que nos faz humanos, neste mundo onde o sangue, o coração, o cérebro e, quem sabe a alma podem ser reconstruídos a nosso bel-prazer?

Luíza tomou um longo gole do seu café. Não sabia o que responder. Algumas das dúvidas que a perseguiam enquanto tentava dormir, ou acordava no meio da noite, jogadas assim na sua cara...

— Não tenho uma resposta para essa pergunta. Também me questiono quem seria esse novo Rodrigo, com esse novo cérebro. Adoro Frank, mas é apenas um cachorro. Não sei como lidar com tudo isso. Mas deve ser a única forma de recuperar sua vida...

— Será? Afinal, para quem é essa cirurgia? Se nos dão um boneco no corpo de Rodrigo e que se comporta como Rodrigo, quem foi salvo, Luíza? Qual vida foi recuperada? A dele ou a nossa?

— Não sei, Stephanie, não sei... Recusei essa operação agora simplesmente porque não quero autorizar a eutanásia. Mas não consigo compreender qual seria o resultado de uma cirurgia como essa. Se ele estivesse à beira da morte, e eu tivesse que escolher entre a operação ou perdê-lo, acho que aceitaria a cirurgia, mesmo que fosse para ficar eternamente condenada a ter um boneco de Rodrigo ao meu lado. Mas às vezes acredito que ele, mesmo com outro cérebro, ainda seria o mesmo. Afinal, sou a mesma Luíza com outra perna, não sou? Por que com o cérebro seria diferente?

— Em algumas noites, quando acordo no meio da madrugada, tenho uma súbita convicção de que ele já abandonou o seu corpo há muito tempo...

Stephanie abaixou a cabeça e deixou as lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Como Luíza sentiu pena daquela mulher, que sofria angústias tão semelhantes às dela própria. Queria poder fazer algo por ela, mas parecia não haver nada que já não teria feito por si mesma há muito tempo.

— Acho que vou comprar um desses cachorros. Lá em casa tem tantos robôs, mas são todos um bando de *workaholics*. Talvez porque foi meu marido quem os escolheu...

— Compre mesmo, tenho certeza de que vai te fazer muito bem. É uma ótima companhia, e tão fácil de cuidar... Não sei o que seria de mim sem Frank.

— É uma pena, não acha, Luíza, que haja tanta dúvida ao fazer o mesmo com seres humanos? Somos animais muito estúpidos, acho que é essa a grande verdade.

* * *

Luíza estava sentada ao lado de Rodrigo. O quarto estava quieto e silencioso, apenas uma brisa passava pela janela de tempos em tempos, mas não fazia o menor barulho. Algumas vezes escutava os passos das enfermeiras do lado de fora ou algum pequeno paciente brincando no quintal, mas era como se todos esses sons viessem de outro lugar, outro universo e não pudessem realmente penetrar na atmosfera do quarto. Sabia que ele havia piorado. O médico ainda não havia dito nada, mas algumas coisas simplesmente não precisam ser ditas. A gente simplesmente sabe. Ainda mais as mulheres, que possuem a famosa intuição feminina, como já deve ter sido mencionado antes neste livro.

— Rodrigo, Rodrigo, o que posso fazer para te ajudar? Por favor, me responda... Quer que autorize a eutanásia?... — Quase implorava, inclinada próxima de seu ouvido, como se isso pudesse ajudá-lo a ouvi-la melhor.

Silêncio.

A brisa entrou novamente, brincando com os cabelos dele.

Silêncio.

Um barulho, finalmente, mas era apenas a porta se abrindo. Jaqueline entrou no quarto.

— Há quanto tempo não te vejo, Luíza. Senti a sua falta. Como está?

— Ele nunca vai acordar, não é mesmo, Jaqueline? Nunca mais vai acordar, eu sei...

— Por que diz isso? Doutor Henrique comentou comigo que já poderia fazer a substituição do cérebro.

— Estou muito insegura, Jaqueline. Não quero autorizar uma eutanásia.

— Mas não é nada demais, depois da cirurgia tudo estará bem. Não é como um caso normal, onde a eutanásia significa o fim de tudo. Nesse caso é apenas como... mais uma etapa do procedimento cirúrgico.

Abaixou os olhos, indecisa. A enfermeira sentou-se e, enquanto colocava no braço de Rodrigo um medidor de pressão, disse:

— Se tem receios de substituir o cérebro dele, o melhor que pode fazer agora é começar a preparar os papéis do divórcio. Não há muita esperança de que saia do coma, e, se sair, será com sérios danos neurológicos. Não quero ser cruel, mas está na hora de seguir a

sua vida. Conhecer pessoas novas. Você é jovem, Luíza, e bonita.

— Obrigada... Mas não quero me divorciar.

Jaqueline não respondeu. Não sabia o que dizer. Como poderia tentar convencê-la de que não seria mais possível Rodrigo voltar a ser o que era? Que o mais provável era a decadência e a morte? Era maldade convencê-la da verdade. Mas, por outro lado, como poderia permitir que guardasse esperanças que jamais poderiam um dia se concretizar? Não seria uma crueldade ainda pior, deixá-la eternamente esperando por um sonho que nunca se realizaria?

O quarto voltou a ficar silencioso, exceto pelo ruído do aparelho que media a pressão de Rodrigo.

* * *

Luíza não preparou os papéis para se divorciar. Quantas vezes a medicina não se enganara? Quantas vezes um paciente praticamente condenado à morte não se recuperou milagrosamente? Não seriam os médicos apenas humanos, sujeitos aos seus próprios erros e às surpresas do destino como qualquer outro mortal? Não, não se divorciaria, juntos na saúde e na doença, agora e na hora de nossa morte. Mas a ideia de aceitar a eutanásia começava a tomar forma, se fosse para Rodrigo morrer, aquela seria uma forma melhor do que qualquer outra. Poderia ser a chave para tê-lo de volta, tais são as contradições desse mundo. Mas seria o mesmo de antes?

Sabia que Simone possuía a chave para essa pergunta. Não podia confiar em Carminda, poderia estar tão satisfeita como teria sido programada para estar.

Ou tão satisfeita como alguém que escapara da morte. Mas Simone, mesmo com todas as emoções da maternidade, havia acompanhado o seu filho antes e depois da operação. Saberia julgar melhor do que ninguém como o cérebro artificial o havia afetado.

Desejava ver e conversar com Jonatas também. O garoto despertava a sua curiosidade, mesmo já tendo conversado com Carminda. Não estava ainda satisfeita, conhecer outra pessoa que havia feito a operação com certeza a ajudaria. Ligou para Cláudia. Ela a informou que Simone levava o seu filho a pé para a aula de natação. Seria um bom momento para encontrá-los.

No dia seguinte, no horário informado por Cláudia, foi até a rua de Simone. Esperava perto da esquina, em um ponto onde poderia rapidamente pegar a outra rua para se esconder, caso fosse necessário. Tinha uma linha de visão direta da casa, via as trepadeiras caindo das janelas, com suas flores amarelas.

Os minutos passavam vagarosamente, preguiçosos, enquanto esperava. Finalmente, a porta se abriu, mãe e filho saíram. Jonatas era um garoto alto para os seus dez anos de idade. Tinha uma aparência saudável: a pele bronzeada, o peso nem grande demais para torná-lo gordo, nem pequeno demais para torná-lo magricela, o cabelo cortado e bem penteado, um sorriso no rosto, vindo da alegria que todas as crianças sempre encontram não se sabe de onde. Puxava a mãe em direção à esquina onde Luíza esperava, ansioso pela aula. Simone estava concentrada, falando com seu filho, talvez estivesse chamando a sua atenção. Não a viu. Quando finalmente desviou os olhos em direção ao caminho que se abria em sua frente, já era tarde demais para recuar. Sorriu.

— Luíza, você por aqui? Tudo bem?

— Sim, tudo ótimo. — Ficaram caladas, por alguns instantes. A situação era bem constrangedora. — É seu filho? — Perguntou, finalmente, olhando para o garoto.

— É... Esse é o Jonatas. Jonatas, essa é Luíza, uma amiga da mamãe.

— Olá, Luíza.

— Olá, Jonatas. É um prazer te conhecer.

Ele se encostou na perna da mãe, encabulado. Observava-o com os olhos atentos, notando cada detalhe, cada movimento, como se tivesse diante de si a chave para toda a sua angústia. Sabia que tinha pouco tempo, em breve os dois retomariam sua caminhada e perderia a oportunidade, maldita bruxa que tinha os cabelos apenas na frente, apenas para poder rir sadicamente ao nos dar as costas. Desesperada, tentava pensar nas perguntas que havia preparado, nas dúvidas que apertavam o seu coração e que achava que poderia perguntar sem causar problemas nem para Simone, nem para o seu filho.

— Aposto que você é um garoto cheio de amigos, Jonatas! — disse, tentando soar alegre e positiva. Acabou saindo forçado e artificial, mas esperava que o garoto não percebesse.

— Tenho muitos colegas na natação e no futebol! — respondeu, rapidamente, quase como se quisesse se livrar das palavras na maior velocidade que sua boca fosse capaz.

— É mesmo? Você pratica os dois esportes?

— Futebol é só no fim de semana, com o pessoal do bairro... Jogo com eles há um tempão, nunca faltei um dia. Parei apenas quando tive que ir pro hospital — A frase começou rápida e empolgada, mas na última

sentença foi diminuindo tanto de velocidade quando de volume, morrendo na boca do garoto talvez pela força que exercia sobre ele, o peso das lembranças sobre os seus ombros.

— Vamos, filho? Não podemos nos atrasar. Até mais, Luíza.

— Tchau! — despediu-se Jonatas, enquanto era puxado pela mãe.

Quando passou próxima de Luíza, Simone falou baixinho em seu ouvido:

— Por favor, não nos procure mais dessa forma. Não quero você questionando o meu filho. Vamos conversar um dia, podemos almoçar juntas durante o intervalo do meu serviço, me ligue. Mas não faça mais isso.

Abaixou os olhos. Um tom avermelhado coloriu o seu rosto.

— O que falou com a moça, mamãe? — Escutou, enquanto eles se afastavam.

— Nada, meu filho... Nada.

Naquela noite, foi muito difícil para Luíza dormir. Virava de um lado para o outro, lembrando do encontro que tivera. Jonatas parecia ser um garoto tão normal, com sua turminha de futebol do bairro, seu comportamento tímido, o carinho que parecia ter com sua mãe. Talvez a medicina realmente já tenha conseguido chegar naquele ponto em que é possível brincar com a linha que separa a vida da morte, e trazer de volta aqueles que já se foram. Talvez pudesse ter Rodrigo de volta. Talvez.

* * *

No dia seguinte, Cláudia visitou Luíza. Quando abriu a porta para a amiga, surpreendeu-se com o homem ao seu lado, segurando sua mão. Era muito bonito e bem vestido, com traços espanhóis, escapava dele uma certa sensualidade. Beijou-a no rosto.

— Eu sou Pablo. É um prazer conhecê-la.

— O prazer é meu.

— Cláudia falou muito bem de você.

Sentaram-se na sala. Frank correu para receber os convidados, latindo alegremente. Pablo sorriu ao ver o Yorkshire, sentou-se no chão e acariciou a sua cabeça. O cachorro latiu e balançou o rabo, feliz. Pareciam muito à vontade um com o outro.

— Muito bonito o seu cachorro, Luíza. É natural ou artificial?

— Esse é artificial... Mas parece tão perfeito.

— Sim, é impressionante o que a humanidade tem sido capaz de fazer. Tenho três cachorros artificiais, e não abro mão.

— É mesmo, querido? — perguntou Cláudia, entrando na conversa. — Não sabia.

— São bem mais práticos. Não sei como algumas pessoas ainda compram os cachorros naturais.

— Ah, devem ter as suas vantagens também — disse Luíza.

— Sim, talvez tenham — respondeu Pablo, um pouco pensativo. — Talvez tenham.

— Não acho. Amo meus Dálmatas. Se comportam tão bem... Os cachorros naturais são mais bravos, mais arredios. Dão um trabalho terrível, ficam doentes, fazem mais sujeira. Não trocaria os meus cachorros

por nada. Acho que os naturais estão fadados a desaparecer.

— Não acha isso um pouco triste, Cláudia? — perguntou Luíza.

— Não, até que não. É a evolução, fazer o quê...

— E se um dia fizerem o mesmo com a gente? Uma produção massiva de seres humanos, *à la Admirável Mundo Novo*? Imagine, a garota está sozinha, sem namorado, entra na loja de conveniência e compra um. Exatamente do jeito que queria. Enquanto durar a bateria.

— Não seja tão pessimista. Você precisa admirar mais as possibilidades que a tecnologia nos oferece, ao invés de ficar brincando de profetizar o fim do mundo.

— Calma, garotas, melhor mudarmos de assunto.

— Luíza, vamos sair para dançar essa semana? — convidou Cláudia.

— Não sei... Ando tão desanimada...

— Vamos, Luíza, tenho certeza de que vai te fazer bem — comentou Pablo.

Conseguiram convencê-la a sair na sexta-feira à noite, para uma casa noturna especializada em bolero. Sempre amara a dança, adorava soltar o corpo, deixando o tempo e o espaço encontrarem-se a cada batida, a cada movimento de seu corpo. Mas, desde o acidente, quando dançara a sua última dança, quando dera o seu último passo, jamais pensou em fazê-lo novamente.

Depois que foram embora, sentou-se no sofá, pensativa. Como desejava aquele homem que há pouco estivera em sua casa... Sentiu-se terrivelmente enver-

gonhada quando percebeu aonde os seus pensamentos a levavam. O que estava acontecendo, meu Deus? Talvez uma simples e infantil inveja da amiga, por estar iniciando um relacionamento, enquanto ela estava presa a uma solidão que parecia eterna. Talvez aquele desejo fosse um simples reflexo dessa solidão. Ou talvez o amor tenha mesmo um fim, pobre sentimento cego que é capaz de suportar tudo, exceto o tempo e a distância.

* * *

— Muito bem, Luíza. O que quer saber?

Almoçavam em um restaurante próximo ao consultório de Simone. O lugar estava vazio, pois já passava das duas horas da tarde.

— Me conte a história de Jonatas... Desde o começo, por favor. Não quero incomodá-la, de forma alguma, mas preciso saber o que aconteceu, para decidir o que fazer.

Simone olhou-a, pensativa, como se estivesse decidindo se deveria ou não contar a sua história. Seu olhar era triste, Luíza não sabia se era pena ou se era uma tristeza ressuscitada pelas lembranças que tão cruelmente era forçada a resgatar.

— Tudo começou há dois anos. Jonatas sentiu tonturas na escola e me ligaram para buscá-lo. Quando cheguei, ele estava na enfermaria, e já havia vomitado. Achei que provavelmente havia comido algo estragado, e dei um remédio de indigestão... Mas no dia seguinte ainda estava zozzo, coitado, como deve ter sofrido durante a noite... Durante o café da manhã sua cabeça caiu sobre a tigela de cereais. Chamei-o, balan-

cei o seu corpo, mas ele não acordava, ele não acordava, Luíza, e comecei a ficar desesperada. Coloquei-o no carro e fui imediatamente para o hospital. — As lágrimas começaram a escorrer por trás de seus óculos. — Jonatas é minha única companhia, o pai dele me abandonou há muito tempo. Era muito importante para mim não perdê-lo.

— No hospital — continuou Simone — fizeram uma tomografia e constataram que meu filho estava com um câncer inoperável no cérebro. Ajoelhei-me no chão, incrédula, desesperada, com as lágrimas a tomarem conta de meu rosto e de meus olhos, ali mesmo, na frente do médico. Mas ele me disse, com a voz mais calma e tranquila do mundo, que ainda havia uma esperança para Jonatas. Contou-me sobre essa cirurgia, que poderia recriar um cérebro para meu filho, mas apenas depois que já estivesse morto. Aceitei na hora, como poderia recusar? Como poderia dizer “não” à oportunidade de salvar a vida de meu próprio filho, de repente jogado às portas da morte? Aceitei, pois não poderia fazer outra coisa. E espero que Deus tenha piedade de minha alma.

— No dia seguinte, durante a noite, meu filho morreu. Poucos minutos depois, estava vivo novamente, me abraçando e pedindo sorvete. Pedindo sorvete de creme, dá para acreditar? O garoto que pouco tempo atrás estava morto. Até hoje soa tão irreal para mim que parece um sonho. Seguimos então nossa vida, e jamais contei nada para ele sobre isso. Acha que simplesmente passou mal, ficou um final de semana no hospital e depois melhorou e foi embora. E agora tenho meu Jonatas de volta, Luíza, meu Jonatas. Ele vai para a aula todas as manhãs, duas vezes por semana para a natação, gosta de ler e de ver filmes, joga fute-

bol e passeia comigo no clube nos finais de semana. Meu Jonatas, Luíza, meu Jonatas de volta. Mas o pior, o que mais me dói, é que no fundo, no fundo, sei que não é o Jonatas.

— Como assim?

— Ele se comporta da mesma forma que sempre se comportou, tem as mesmas qualidades, os mesmos defeitos, o mesmo jeito, parece ser a mesma pessoa, da mesma forma que o seu cachorro parece ser um Yorkshire. Mas o Jonatas morreu, Luíza. Há dois anos. O Jonatas morreu... E não pude nem ter um enterro, para me despedir, para seguir adiante com a minha vida...

— As lágrimas escorriam forte pelo seu rosto. Retirou o óculos e tentou enxugá-las com um guardanapo. Mas não paravam de escorrer. Luíza olhava para ela, sem saber nem o que falar, nem o que fazer.

— Não fique assim, Simone. Claro que ainda é o Jonatas, se ele se comporta da mesma forma. Está apenas crescendo e se desenvolvendo, como qualquer outra criança...

— Você não entende, Luíza — respondeu, em meio às lágrimas. — Ninguém entende... Mas vamos falar de outro assunto agora. Já contei tudo o que você queria saber.

* * *

Era noite de sexta-feira. Luíza estava na casa noturna com Pablo e Cláudia. Sentaram em uma mesa próxima à pista de dança, mas a banda não havia começado a tocar. Era cedo, e o lugar ainda estava vazio.

O casal conversava bastante, mas Luíza mantinha-se quieta e pensativa. Às vezes observava os dois, na-

quele típico comportamento de recém-apaixonados, que quase chegava a ser ridículo; outras vezes pensava em Rodrigo. Doía-lhe a consciência estar ali, saindo sexta-feira à noite, naquele lugar cheio de pessoas procurando uma companhia, enquanto seu marido estava em uma cama no hospital, sozinho e doente. Sentia-se uma péssima esposa. Por outro lado, o que adiantaria passar mais uma sexta-feira em casa, deixando as horas escorrerem sem fazer nada além de permitir o tempo passar? Seria assim tão grave sair para divertir-se um pouco?

À medida que a noite avançava, a casa foi enchendo. Escutava-se constantemente o murmurinho de um grande número de pessoas, o barulho começava a incomodá-la, há tanto tempo não saía para um lugar como aquele. O som das risadas que pipocavam aqui e ali, misturando-se com o barulho de vidro dos copos que batiam sobre a mesa entre um gole e outro, parecia haver tantas pessoas felizes nesse mundo, meu Deus. Tantas pessoas ali, bebendo, sorrindo, falando, beijando ou paquerando alguém. Tantas pessoas vivendo, se relacionando, atirando-se nessa loucura que é buscar a felicidade, perseguir os desejos, fugir da dor, essa busca eterna que nos torna humanos. Olhava aquilo tudo e se sentia tão alienada, tão alheia a esse mundo de que por tanto tempo participara inconscientemente, que começara a sentir-se mal.

A banda começou a tocar. O bolero preencheu o ambiente, os casais subiram na pista de dança, dois para lá, dois para cá, dois para lá, dois para cá, um giro da dama, um passo cruzado do cavalheiro, eu sei que eu vou te amar, por toda a minha vida. Cláudia e Pablo disseram algo? Não escutara direito. Mas viu-os na pista de dança, dois para lá, dois para cá.

Fechou os olhos. A sua última dança. Seu longo vestido vermelho a deslizar pelo salão, o único casal naquela pista. Seu longo vestido vermelho, vermelho cor de sangue. Como dançaram, como se amaram naquele último momento. A chuva, o carro, o *Inverno* de Vivaldi, tudo começou a ressoar na sua mente e seu coração começou a bater tão forte que percebeu que não conseguiria mais ficar ali. Um suor quente escorria pela sua testa.

— Dance comigo.

Alguém falara algo? Parecia ter ouvido alguma coisa, em meio ao som da música e o barulho da multidão. Mas não tinha certeza, as lembranças batiam forte em sua mente, cada detalhe daquela última dança ia se delineando, aparecendo com a perfeição de um filme. Alguém falara algo? Talvez, mas não tinha certeza. A chuva, o relâmpago, a árvore, a árvore...

— Dance comigo — ele pegou em seu ombro. Abriu os olhos, assustada. Era Pablo. Percebeu o cheiro doce do seu perfume.

— Não sei... Não estou sentindo muito bem.

— Por isso mesmo. Dance comigo. Você vai ficar melhor.

— Não sei, Pablo. Não sei se deveria.

Ele puxou-a pelo braço.

— Vamos, não vai fazer mal.

Puxou-a até a pista de dança. Cláudia sentou-se à mesa e sorriu para os dois.

— Cláudia me disse que você dança muito bem — ele falou, enquanto segurava-a com firmeza.

— Acho que vou decepcioná-lo...

— Não acredito.

A música voltou a preencher o ambiente com ritmo e melodia. Luíza e Pablo se movimentavam, dois para lá, dois para cá, nas batidas do bolero que os embalava. Era estranho sentir novamente aquele contato masculino em sua mão, aquela pele quente pressionada contra a sua. Ele passou a dançar ao seu lado, entrando no passo básico do bolero. Ficou mais próximo, ela sentia a respiração quente em seu pescoço. Mantiveram dois passos para trás, dois passos para frente por algum tempo, acostumava-se novamente com o ato de dançar. Já começava a entrar no ritmo, a sentir no corpo a música que pintava o ambiente. Ele levantou a mão e ela girou, em seguida levou-a à sua esquerda, giraram ambos e ele deu mais alguns passos para trás. Já sentia-se mais confortável naqueles velhos passos conhecidos, ele parou e guiou-a com a mão que segurava a sua cintura, enquanto movia-se graciosamente para a direita e para a esquerda, para a direita e para a esquerda, até ele dar novamente um passo para frente e retomar ao passo básico, dois para frente e dois para trás, enquanto a sua respiração quente tocava seu pescoço. Sentia-se tão bem naquele contato, naquele ritmo, na mão que segurava a sua, na mão em sua cintura, que por alguns instantes parecia flutuar, solta no tempo e no espaço, livre do passado e do futuro, da vida e da morte, perdida apenas naquele instante onde nada mais parecia importar, onde nada mais fazia qualquer sentido. Quando terminaram a música, sentiu uma vontade quase insuportável de beijar Pablo, de soltar-se em seus braços, de sentir a vida palpitar novamente em seu peito. Mas agradeceu, simplesmente, com um sorriso leve e gentil nos lábios e voltou para a mesa.

Passou a observar, então, Pablo dançando com Cláudia. Suas pernas tremiam embaixo da mesa, não sabia por quê. Olhava os dois entregues naquele momento, o olhar apaixonado, a cumplicidade revelando-se a cada passo, a cada movimento, o corpo junto nos movimentos da dança. Sentiu-se feliz por eles, esperava que pudessem ter a vida que sempre desejara. Sinceramente.

Naquela noite, enquanto se esforçava para dormir, não conseguia deixar de pensar em Pablo, na música que dançaram juntos. Sentia-se envergonhada com esses pensamentos, como se fosse uma pessoa vil e sem escrúpulos. Sua consciência pesava a ponto de sua cabeça latejar de dor, impedindo-a de entrar no reconfortante mundo dos sonhos.

* * *

Luíza havia acabado de colocar a ração de Frank na tigela e observava o cachorro comer, quando o telefone tocou. Alegrou-se ao ouvir aquele barulho, poderia ser Elena ou Cláudia. Estava sentindo-se solitária naquele sábado à tarde, sem ninguém para lhe fazer companhia exceto o seu cão artificial. Mas toda a alegria foi embora quando escutou a voz quase indiferente que soava do outro lado da linha:

— Luíza, infelizmente o seu marido sofreu complicações ontem à noite. Foi transferido novamente para o CTI.

— Meu Deus!... O que aconteceu?

— O coma aprofundou-se na parte da tarde. Doutor Paulo estava bem preocupado após fazer o exame. À noite, não respirava mais. Foi necessário fazer uma

traqueostomia. Seus batimentos cardíacos também estão fracos, a circulação sanguínea está sendo feita artificialmente. Eu sinto muito. — A última frase foi a única que soara sincera, como se a moça finalmente tivesse desistido do protocolo que a amarrava.

— Ele vai sobreviver?

— Os médicos não sabem precisar. Mas é possível que tenha poucos dias de vida. Você pode visitá-lo no CTI, das duas às cinco horas da tarde.

Continuou olhando para o telefone um longo tempo após ter desligado. Não conseguia acreditar na notícia que havia recebido. De certa forma esperava um dia recebê-la, mais cedo ou mais tarde, mas agora que esse dia finalmente havia chegado percebera que no fundo não acreditava que ele realmente viria. Ao recobrar a ação, decidiu ir imediatamente para o hospital. Já eram quase quatro horas da tarde, mas precisava ver Rodrigo, mesmo que fosse apenas por alguns minutos.

Encontrou Stephanie e Lucas no corredor, voltando do CTI. Assustou-se ao ver Lucas, não conversara com ele desde o dia do telefonema. Ele lançou-lhe um olhar furioso e ao mesmo tempo magoado e triste, que a deixou sem reação. Parou no meio do corredor, perdida. Aquele olhar a machucava, deixando-a desorientada.

Tentou sorrir quando se aproximaram. Stephanie devolveu o sorriso, mas Lucas continuava olhando-a fixamente, sem esboçar o menor indício de que vira seu cumprimento. Finalmente falou, quando já estava perto demais para ignorá-la:

— Não sei como você pode fazer isso com meu filho, sua puta.

Abriu a boca, surpresa. O vermelho subiu em seu rosto, a cor do sangue, a cor da vergonha. Não esperava uma expressão de tanta raiva. Sabia que Lucas discordava de suas opções, mas não que a odiava tanto assim por causa delas.

— Você não imagina como tenho vontade de dar um soco no meio de sua cara. Como permite, meu filho morrendo no CTI, quando bastaria autorizar a cirurgia para que melhore? Como pode ser tão burra? E não vai te custar nada, nada, o seguro paga tudo! Quem dera que Rodrigo jamais tivesse se casado.

— Me desculpe, eu...

— Não peça desculpas. Desculpas não me adiantam nada. Você tem é que autorizar a porcaria da cirurgia, só isso. Você é um desses idiotas antitecnologia? Viva o verde? Vamos deixar todo mundo apodrecer até a morte, para podermos viver de forma natural? É isso, é? Não entendo que tipo de besteiras guarda essa sua cabeça, para poder agir de forma tão estúpida e ridícula.

Stephanie colocou a mão no ombro do marido. Disse, com a voz mais suave que conseguiu:

— Deixe ela em paz, querido...

— Deixá-la em paz? Essa moça está permitindo que o nosso filho morra, Stephanie! A última coisa que quero é que tenha paz! Você acha que Rodrigo vai aguentar muito tempo, Luíza? Daqui a pouco terá um cadáver para visitar no cemitério e não um paciente em coma para ver no hospital. Espero que amargue esse arrependimento o resto da vida, que ele cresça tanto dentro de você ao ponto de deixá-la sem nenhuma outra opção que não seja se matar. Eu te desprezo, Luíza.

O casal afastou-se, deixando-a novamente sozinha no corredor. Encostou-se na parede, sentindo as lágrimas quentes descerem pelo rosto. Tudo girava, os pensamentos desconexos iam e voltavam, iam e voltavam, fazendo a cabeça arder. O coma aprofundou-se, aprofundou-se, traqueostomia, amargar arrependimento o resto da vida, matando Rodrigo, matando, Jonatas, Jonatas era o mesmo?, teria que se divorciar de Rodrigo, sua puta, deixando Rodrigo morrer, Rodrigo morrer, amargar arrependimento o resto da vida, o vestido vermelho, o bolero, a chuva, o carro, a morte.

Uma enfermeira que passava por ali perguntou se estava tudo bem. Respondeu, não sabia como, não sabia de onde tirara forças para falar, que esforço colocar uma palavra depois da outra, que estava tudo bem, tudo ótimo, tudo excelente, enquanto as lágrimas não paravam de escorrer. Tudo bem, tudo ótimo. Frank aproximou-se e encostou em sua perna, aquecendo-a com seu corpo, talvez soubesse como ela sofria. Lambeu a pele de Luíza, fazendo-a arrepiar-se.

Foi até o banheiro e lavou o rosto. Como era bom o contato da água fria, despertando todos os seus sentidos. Olhou-se no espelho, os olhos vermelhos, a pele pálida. Um pensamento forte atravessou a sua mente: “estou deixando Rodrigo morrer”. Não a abandonava, por mais que tentasse levar o louco rumo de sua consciência para outro lugar. Estou deixando Rodrigo morrer, estou deixando Rodrigo morrer, apenas essa ideia forte, enquanto se olhava no espelho, sentindo-se como uma das piores pessoas do mundo. Lembrou-se do dia em que o encontrara no bar, tomando um copo de uísque, sozinho no balcão. Como o desejara naquela noite... Mas naquele momento, queria que jamais tivesse se levantado e conversado com ele. Que jamais

tivesse anotado o seu telefone em um guardanapo ou que ele o tivesse perdido em algum lugar ao invés de ligar para ela. Talvez agora Rodrigo estivesse feliz, casado com alguma mulher maravilhosa e esperando o seu primeiro filho. Não teria embarcado com ela por aquela estrada que os levou à destruição. Mas não, havia ligado, procurou-a quando Luíza via a vida escorrer em tediosas noites de solidão. Ele havia ligado e agora o deixava morrer.

Saiu do banheiro quando sentiu-se um pouco melhor. Continuou o seu caminho em direção ao CTI. Como era assustador aproximar-se do Centro de Terapia Intensiva, onde tantos pacientes esperavam desesperados as cruéis decisões que o destino preparara para suas vidas. Entrar naquele lugar, no meio daquelas pessoas que tanto sofriam, foi extremamente difícil. Mas o pior foi aproximar-se da cama onde Rodrigo sobrevivia graças aos aparelhos que substituíam as principais funções de seu corpo: a respiração e a circulação. Sua mente, já cansada, mal pôde suportar a visão que se escancarava diante de seus olhos: o buraco na garganta, por onde passava o tubo que levava o oxigênio. Já incapaz de respirar por si mesmo, estava agora mutilado para poder respirar artificialmente. Outro tubo levava a alimentação para o seu corpo, outro compunha a circulação sanguínea. Em tão pouco tempo, tudo mudara tanto. Aproximou-se e viu a pele seca e quebradiça, algumas feridas nos braços e nas pernas. No lençol havia uma pequena mancha de sangue, vinda não se sabe de onde. Mas o pior era o cheiro, aquele cheiro de podridão que só podia indicar o prenúncio de uma morte.

Capítulo 7

Luíza estava nervosa. Queria muito aquela vaga, precisava preencher novamente os seus dias, superar aquela eterna rotina dentro de casa. Passou o dia anterior quase todo preparando a aula experimental, mas mesmo assim não se sentia confiante. Fazia muito tempo que não assumia o papel de professora.

Entrou na sala. Um homem e uma mulher, elegantemente vestidos, a cumprimentaram. A mulher usava óculos, e constantemente os ajustava nos olhos, empurrando-os com apenas um dedo. Apresentaram-se como coordenadores do curso de inglês. Na frente da mulher havia um bloco de anotações, em sua mão uma caneta vermelha. Luíza sabia que seu destino seria decidido pelas palavras que aquela caneta escrevesse.

Começou a aula. O tema era simples, a diferença entre o *“simple past”* e o *“present perfect”*, além de discussões e um exercício de interpretação de texto. Ia bem, a caneta vermelha escreveu *“didática razoável”*, o que era um elogio comparado com o que havia escrito para alguns dos outros candidatos. Mas aquela movimentação da caneta, sem ter o privilégio que possuíamos de saber o que está escrito, deixava-a ainda mais nervosa. Começou a suar, molhando a blusa.

O texto proposto para interpretação era sobre acidentes de carro. Bebida e acidente de carro. Quando ia começar a discutir as perguntas, lembrou-se de algo, algo que havia escondido tão bem de si mesma durante todo esse tempo, mas que de alguma forma sempre esteve lá, esperando a melhor hora para asfixá-la com

suas garras.

“— Você dirige, querida? — Os olhos dele vermelhos devido ao álcool.

— Não sei... Estou tão cansada — mentiu.”

Rodrigo sabia que estava bêbado demais para dirigir. Mas ela se recusara a assumir o seu lugar, recusara-se a dirigir naquela estrada, à noite, enquanto o céu prometia uma tempestade. Teve medo de não conseguir dirigir direito e... sofrer um acidente. E por causa disso, por causa dela, a morte mostrara os seus cruéis dentes sedentos de sangue. Era tudo sua culpa. Por que não dirigira? Uma ação tão simples, pegar a chave de um carro e dirigir, mas tudo se alterou porque vacilara em agir. Um único erro, e todos os sonhos se esfacelaram. Era tudo sua culpa.

Você dirige, querida? Os olhos vermelhos devido ao álcool. O olho vermelho, o vestido vermelho, o sangue vermelho. Não sei, estou tão cansada. Mentira. Mentira, estou tão cansada, tão cansada, mentira, mentira, estou tão cansada, não aguento mais!!! O sangue vermelho, o olho vermelho, você dirige, querida? Estou tão cansada...

Quando deu por si, estava no meio da rua, e chovia. Sentia frio e os carros que passavam atiravam poças d'água, molhando-a ainda mais com aquela água suja e contaminada. Como viera parar ali? Onde estava? Como voltaria para casa? Escurecia, meu Deus, a entrevista havia sido na hora do almoço... A entrevista... O que havia feito na entrevista? Lembrava-se que iria começar a discussão do texto e...

Um ônibus passou, jogando furiosamente água em seu rosto. Os olhos arderam. Esfregou-os com força, onde estava? Como viera parar ali? Andou até o pas-

seio, cambaleante. Entrou debaixo da marquise de uma loja e encostou-se na parede. Fechou os olhos, o barulho dos carros se movimentando velozmente pela rua, a água caindo com força sobre o chão, as pessoas andando e conversando em meio à tempestade, tudo aquilo a envolvia, enquanto ela, zozza e perdida, tentava se encontrar. Você dirige, querida? Não, estou muito cansada. Estou muito cansada. Estou muito cansada.

Precisava ir para casa. Já era noite, o movimento diminuía, prostitutas começavam a aparecer aqui e ali. Chamou um táxi e voltou para o conforto e a solidão de seu lar. Abriu a porta da casa vazia, tirou a roupa no banheiro e entrou em uma ducha fria, que parecia acordar cada poro de seu corpo, ativando as conexões neuronais que, em uma grande rede de energia elétrica, acordavam a massa muscular que era o seu cérebro. Pobres de nós, seres humanos, às vezes parece que não somos nada além dessa massa que nos faz carne. Haveria algo além, algo que acordava dentro de Luíza à medida que sua mente despertava devido ao frio da água que batia em seu corpo? Ou algo que jamais adormecera, mesmo quando Luíza andara inconsciente pela cidade, como o animal que era?

Naquela noite, dormiu com o sentimento de culpa preso em sua garganta, quase sufocando-a.

* * *

Já era quase meio-dia, mas Luíza não havia ainda se levantado. A cortina escurecia o quarto, onde estava deitada, pensativa, com os olhos abertos. Ao longo da semana havia recebido mais cartas chamando-a para entrevistas, mas não sentia mais vontade de ir. O sen-

timento de culpa a machucava, lembrava-se das palavras de Lucas e sofria ainda mais. Mas o pior, o que mais doía mesmo, era aquela visão de Rodrigo sobrevivendo completamente à custa das máquinas, um tubo entrava pela sua garganta levando o oxigênio, um tubo levava o sangue de seu próprio corpo, com o impulso que o coração não podia mais dar, que tipo de vida era aquela? Era uma vida que sumia aos poucos, como a última luz que deixa o dia no pôr do sol, a última gota de orvalho que ainda sobrevive antes do cair da noite.

Tocaram a campainha. Como sentia preguiça de atender... Levantar-se da cama, caminhar até a porta, e, pior, ter que atuar novamente no jogo das relações sociais, parecia um esforço incomensurável. Queria paz, buscava-a no silêncio e na solidão. Mas não a encontrava. Estava definhando naquela semana parada e monótona, em que perdera a vontade de fazer qualquer coisa.

Tocaram a campainha. Levantou-se, zozna, a realidade rodava ao seu redor. Caminhou até a porta: era Cláudia. Por um instante, sentiu pena que Pablo não tivesse vindo também, assim somos nós seres humanos, mas afastou rapidamente esse pensamento.

— Você está de camisola! Não me diga que estava na cama!...

Não sabia o que responder. Abaixou os olhos, envergonhada.

— Estava melhorando, Luíza, o que aconteceu?

— Rodrigo está no CTI, estou me sentindo tão culpada... Tantas coisas girando em minha cabeça, de repente sinto que perdi a vontade de tudo.

Frank aproximou-se vagarosamente. Cláudia olhou-o

assustada.

— Meu Deus, como Frank está magro! Você está cuidando dele?

— Acho que sim, não me olhe dessa forma, Cláudia, eu adoro o Frank. Não me julgue, tenho cuidado bem dele, mas nesses dias me perdi novamente.

Cláudia abaixou e acariciou o cachorro. Ele latiu, feliz, mas foi um latido fraco. Ela levantou-se e pegou a ração na cozinha. Frank devorou a comida. Estava faminto.

— Não deixe Frank sofrer, Luíza.

— Eu sei, me desculpe. Não tive cabeça nem para mim mesma esses dias. Me desculpe.

— Você tem que trabalhar. Vá para uma dessas malditas entrevistas e mostre que é a melhor professora que eles jamais poderiam pensar em contratar. Volte a viver, Luíza, parece que é você quem está em coma.

Cláudia brincou um pouco com Frank depois que ele havia terminado de comer. Parecia mais alegre agora, corria de um lado para o outro. Luíza apenas observava, tentando reencontrar o espírito perdido em algum lugar dentro de si mesma.

— Sabe de uma coisa? — disse Cláudia, finalmente, com o tom de alguém que fala algo que queria dizer há muito tempo. — Acho que deveria divorciar de Rodrigo. Você precisa se libertar.

— Nossa, Cláudia, não teria coragem. Nos amávamos tanto... Divorciar seria jogar fora toda a esperança que me resta, não sei se conseguiria viver sem ela.

— Mas não pode mais ficar esperando, Luíza. Já chega. É hora de seguir em frente. Você precisa arrumar outra pessoa.

Luíza suspirou.

— Não sei se haverá outra pessoa.

— Tenho certeza de que haverá outra pessoa. Você vai encontrar um homem maravilhoso, vai casar novamente, vai ter filhos... Será uma linda menina, os cabelos loiros como os seus, e os olhos verdes. O menino será mais bagunceiro, terá o cabelo castanho, mas os mesmos olhos verdes. E eles vão brincar ao seu redor, vão chorar, e é você quem vai cuidar deles, quem vai alimentá-los, quem vai criá-los em uma família feliz e saudável. Você merece.

Luíza já podia imaginar a pequena menina em seu colo, o bebê lindo com os grandes olhos verdes, olhando para ela com toda a curiosidade do mundo. Podia vê-la chorando de fome, enquanto dava o seu peito cheio de leite e amor. Engraçado, o menino ela não conseguia ver, mas a menina apareceu em sua mente com uma força tamanha que parecia mais uma recordação do que um sonho.

Depois que Cláudia foi embora, colocou Frank no colo, abraçando-o com força, e pediu perdão, perdão por ter se esquecido dele naqueles dias em que não conseguia lembrar de nada além de sua própria dor. O cachorro assustou-se, se não fosse artificial provavelmente teria latido com raiva ou até mesmo arriscado uma mordida, mas Frank jamais poderia fazer algo semelhante. Ao contrário, depois que o susto passou, latiu feliz e lambeu o rosto de Luíza, quase como se entendesse tudo o que ela havia dito e concedesse todo o seu perdão.

O telefone tocou. Soltou Frank de seu colo, mas o cachorro não se afastou. Acompanhou-a enquanto ela caminhava até a sala. Atendeu o telefone, Elena esta-

va do outro lado da linha.

— Luíza, liguei tantas, tantas vezes e você não atendeu. Estava preocupada.

— Estou bem, mãe, não precisa se preocupar. Tive apenas uma semana difícil.

— Acho melhor voltar a passar um tempo com você. Talvez mais um mês, ou dois. Precisa de companhia. Me sinto mal, tão distante quando precisa tanto de mim. Jamais deveria ter saído daí, jamais.

Sua mente inundou-se de lembranças, como sentia falta da companhia da mãe todos os dias a seu dispor, sempre pronta para cuidar dela, para enxugar as lágrimas de seu rosto, para conversar quando se sentia solitária, para visitar Rodrigo junto com ela. Seu coração ardeu por um pouco mais daquela companhia. Mas também lembrava-se de como passava os dias na cama, enquanto Elena cuidava de todos os afazeres necessários da casa, respondia os telefonemas, preparava a comida. Não, não poderia dar um passo para trás, voltar a ser a pequena mulher dolorida e solitária que precisava constantemente do cuidado e do carinho de sua mãe. Sempre precisaria de seu carinho, mas já era hora de dispensar o seu cuidado e andar com suas próprias pernas pelos caminhos que o destino havia preparado, mesmo aqueles escuros e tenebrosos que pareciam descortinar-se diante de seus olhos. Foi com o coração palpitando em sua mão que respondeu as palavras que tanto arderam em sua garganta para serem ditas.

— Não, mamãe, obrigada. Preciso... aprender a me virar sozinha agora.

Elena abriu a boca para responder. Mas antes que as palavras pudessem saltar de sua boca, percebeu

que não seriam as que deveriam ser ditas, as que a filha precisava escutar.

— Você tem razão — essas três palavras doíam tanto para serem ditas pela boca de Elena quanto para serem escutadas pelo ouvido de Luíza. — Você tem razão. Que Deus te abençoe, minha filha. Que Deus te abençoe e tenha piedade de sua alma.

Que Deus te abençoe e tenha piedade de sua alma. Essas palavras reverberavam em seu ouvido, davam voltas em sua mente como se houvesse ali algum mistério não resolvido, uma esfinge a ser decifrada. Talvez a pergunta seja: Que Deus? Onde estaria, ali naquele mundo tão cheio de sofrimento, que Deus, que não parou o carro, que não impediu a batida, que não realizou o milagre tão prometido? Que Deus? Mas não, essa não era a pergunta, pois sabia que de uma forma ou de outra Deus estava ali, mas sua felicidade às vezes parece ser muito diferente da nossa. Talvez a pergunta mais correta seja: Que alma? Era isso que Luíza precisava se perguntar há tanto tempo, mas não deixou espaço em sua mente já tão tumultuada. Que alma, que alma seria essa, onde estaria, o que seria além dessa ideia tão abstrata que todo mundo parece acreditar mas não consegue definir? Que alma seria essa, a nossa personalidade e os nossos sentimentos não estariam em nosso cérebro, mero músculo feito de carne e neurônios? Onde entraria para nos tornar humanos, onde se alojaria, para que serve afinal, além de ser algo para Deus poder dar as graças de sua piedade? Que alma?

Caminhou rapidamente até a igreja de seu bairro, cheia de dúvidas explodindo em sua cabeça. Sim, ali estava a chave para todos os seus problemas, diante de seus olhos, e precisava decifrar o mistério para não

ser devorada. Entrou na igreja, com o coração batendo forte no peito, ajoelhou-se diante do altar e, de olhos fechados e as mãos em direção aos céus, deixou sair uma longa oração. Pediu a Deus uma resposta, a resposta para tudo, a resposta para o que somos, perguntou a Deus o sentido de sua vida, o porquê da morte, para que viemos e para onde vamos, e, principalmente, o que é essa alma afinal, para que serve e, meu Deus, ela faria alguma falta? Perguntou a Deus todas as perguntas que ardem no coração de todos os homens, todas as perguntas que nos fazemos quando acordamos no meio da noite com medo da morte que parece nos espreitar atrás da porta, embaixo da cama, por baixo do próprio lençol onde dormimos, dentro de nosso peito, olhando para nós com seus olhos vermelhos zombeteiros e os dentes afiados e agudos. Perguntou a Deus tudo, tudo, tudo, e ficou muito tempo ali na igreja, de olhos fechados, implorando pelas respostas.

Mas as respostas não vieram.

* * *

Luíza chegou na escola de inglês. Faltavam cinco minutos para a entrevista. Parou na entrada, observando a casa além do caminho gramado. Era um lugar bonito, gostaria de trabalhar ali. Entrou. Uma mocinha estava na recepção e indicou a sala onde deveria ir.

Uma mulher de meia-idade estava lá. Algo emanava dela, era uma daquelas pessoas que vemos e não temos outra opção além de nos sentirmos imediatamente atraídos. Talvez seja a bondade que parecia estar explícita em seus olhos. Talvez seja o seu jeito meigo e as palavras educadas. Em suas mãos também havia

uma caneta, e Luíza desejava que fosse tão bondosa quanto sua dona parecia ser. Conversaram um pouco, ela se apresentou como dona da escola de inglês e fez algumas perguntas, por que se interessava em dar aulas, o que pensava de suas experiências anteriores, qual nível gostaria de ensinar, além de outras questões que não valeria a pena colocar neste livro. Finalmente, disse que poderia começar a aula experimental.

E Luíza começou. A aula escorria de sua boca, toda aquela explicação gramatical, a diferença entre o “*simple past*” e o “*present perfect*”, como se pudesse realmente existir dois diferentes tipos de passado, o passado é simplesmente aquilo que deveria ter acabado, mas adora estender-se até o presente, esticando os seus longuíssimos dedos de ácido, que grande bobagem é classificá-lo em grupos.

O texto a ser discutido na aula era sobre animais de estimação. Um tema muito mais tranquilo do que aquele que teve de enfrentar em sua última entrevista, carregado de lembranças. Mesmo assim, quando entrava nessa parte, o suor começou a escorrer pelo seu rosto, novamente aquela lembrança forte, você dirige querida?, ah não, estou tão cansada... O vestido vermelho, vermelho de sangue, a curva, a árvore, a chuva, tudo ia surgindo novamente diante de seus olhos, sua culpa, tudo sua culpa, foi percebendo que não daria conta, simplesmente não daria conta, ia explodir ali mesmo, dentro daquela sala, na frente daquela mulher.

- Quer fazer uma pausa, minha querida?
- Como?
- Você está ficando meio nervosa. Vá tomar um

pouco de água, querida, acalme-se um pouco. Está indo bem, está indo muito bem. Não se preocupe. Vá tomar um pouco de água, respire fundo e depois volte aqui para terminarmos.

Saiu da sala. Naquele momento, teve a convicção de que Deus existia. Ou, pelo menos, alguns anjos pareciam estar espalhados pelo mundo. O líquido frio descia pela sua garganta seca e quente. Ah, que prazer, sentir a água apagar o fogo que crescia em sua alma, sentir as mãos tornarem-se novamente firmes e seguras. Quando voltou à sala para terminar a entrevista era outra Luíza, ou melhor, era a Luíza, a única Luíza, a Luíza que há muito tempo se perdera.

Essa Luíza conseguiu a vaga. Essa Luíza iria começar a trabalhar na semana seguinte. Essa Luíza já estava dando os primeiros passos em direção a sua nova vida.

* * *

Luíza flutuava. Embaixo, um grande campo gramado, uma grama verde, tão verde como jamais havia visto. O sol nascia no horizonte, enquanto flutuava, passando rapidamente por aquele grande gramado, que parecia não ter fim. Uma árvore surgiu no meio do campo, uma cerejeira em plena primavera, a estender para o mundo os seus galhos cheios de flores. O perfume a envolveu, um perfume doce que a fez sentir-se ainda mais leve, quase sonolenta. Subitamente, viu os seres que a haviam perseguido com tanta fúria em uma fria noite de inverno, mas agora, naquela altura, pareciam pequenos, insignificantes, incapazes de fazerem mal. Eram apenas três. Demônios peludos, com garras afiadas feitas de marfim e dentes sujos de san-

gue. Mas à medida que o sol subia, iam sumindo, sumindo, quase como se fossem apenas mais uma daquelas ilusões noturnas, medos terríveis que nos assaltam durante a noite apenas para podermos rir deles durante o dia. Não queimaram, não gritaram, não sangraram. Simplesmente desapareceram, viraram o nada que sempre foram, o vazio que vive apenas no mundo dos sonhos. Uma alegria intensa a envolveu, uma alegria tão forte que de repente não poderia mais ficar ali voando, tinha que descer, pisar na grama fofa, na terra molhada de chuva. Quando pisou descalça na doce grama que acariciava os seus pés, fazendo cócegas, percebeu que uma mulher velha se aproximava, com uma veste branca rasgada, muito comprida, solta no corpo, balançando com o vento. A mulher entregou um bebê para Luíza e era uma menina linda, de cabelos loiros e olhos verdes grandes e curiosos. Chamaria-se Mariana, disso tinha certeza.

* * *

Luíza segurava a mão fria de Rodrigo. O barulho do monitor cardíaco ressoava em seu ouvido, marcando cada instante com uma batida fraca do coração, forçando a sua atenção ao tempo que passava vagarosamente. Era estranho vê-lo respirando por aquele buraco na garganta, fruto da traqueostomia. Ver as batidas de seu coração monitoradas e controladas e aquela sensação de que bastaria desligar uma máquina para que cessassem por completo. Sua respiração, seu sistema cardíaco, tudo dependia daquelas máquinas que o sustentavam. Que vida era aquela? Se realmente existia uma alma, será que já não havia deixado o corpo de Rodrigo há muito tempo? Talvez desde o instante do acidente, quando a sua vida passou a rumar em

direção a uma escuridão sem fim.

Os olhos, que antigamente tinham aqueles movimentos que a enchiam de esperança, agora tinham toda a estaticidade da morte. Isso a deixava terrivelmente assustada. Segurou a mão de Rodrigo, viu se não havia ninguém por perto, e, com a mão direita, pinicou com força a pele entre o polegar e o indicador. Não se movimentou. A mão continuou ali, parada, estática, morta. Desesperada, com as lágrimas querendo sair de seus olhos, apertava a pele com tanta força que um filete de sangue escorreu e caiu no lençol. Soltou a mão, assustada, profundamente arrependida. Ela caiu sobre a cama com um baque surdo, como um galho que se desprendia de uma árvore velha para se encontrar indubitavelmente com o chão.

Abaixou a cabeça, colocou as mãos no rosto e deixou-se chorar. Ele estava morrendo. Não precisava de ninguém para avisá-la. Estava estampado em seu rosto, estava escrito no ar daquele quarto fúnebre.

Doutor Henrique aproximou-se, mas ela não notou a sua presença. Estava completamente absorvida naquela certeza insuportável da morte. Ele ficou parado, respeitando o silêncio por alguns instantes, antes de falar:

— Luíza — a voz calma e neutra. Ela virou o rosto em sua direção, o rosto molhado de lágrimas. — Luíza, o cérebro de Rodrigo está morrendo. Eu sinto muito.

Ficaram em silêncio, doutor Henrique respeitava as lágrimas que agora escorriam com fúria pelo rosto da pobre mulher. Mas tinha que continuar.

— Hoje de manhã foi diagnosticada morte cerebral, mas o hospital prefere esperar vinte e quatro horas antes de dar o diagnóstico final.

Olhava para Rodrigo, a imagem embaçada pelos seus olhos molhados, mas via os tubos entrando e saindo do corpo, a pele cheia de feridas, o buraco horrível na garganta. Já não era mais o homem que conhecera, o homem por quem se apaixonara. Era uma aproximação daquele homem, uma risada sarcástica de Deus.

— Luíza — continuou o médico —, me escute com atenção. Ainda podemos fazer a cirurgia de recuperação cerebral, ainda há essa esperança para salvá-lo. Terminadas as vinte e quatro horas, ele será declarado legalmente morto. Poderemos, então, substituir o cérebro por um artificial, sem a necessidade de uma eutanásia. Porém, terminadas as vinte e quatro horas, também teremos que remover os equipamentos que o sustentam agora, e ele mergulhará na morte em um ponto além de nosso alcance. Você terá, portanto, que decidir até amanhã.

Olhava fixamente para o médico, digerindo todas as palavras que foram ditas. Sentia-se cansada, cansada demais para tomar qualquer decisão. Em menos de vinte e quatro horas Rodrigo estaria morto, em menos de vinte e quatro horas mergulharia no reino escuro da morte em um ponto além de qualquer esperança de salvação. Em menos de vinte e quatro horas deveria resolver todo o mistério da vida, todas as perguntas que as religiões tentam responder há milênios, para poder fazer a melhor escolha. Em menos de vinte e quatro horas deveria decidir se há ou não uma alma, se a vida está ou não em nosso cérebro, se é possível retornar para ela após um breve instante no sombrio reino dos mortos. Em menos de vinte e quatro horas.

Não era tempo suficiente.

* * *

Luíza saiu do hospital e andou, cambaleante, até o metrô. Olhou a porta da estação, aquele vai e vem alucinante, tantas pessoas, sorrindo, respirando, amando, andando, pensando, odiando, conversando, chorando, seguindo o ritmo frenético de suas vidas, aquela procura louca por aquilo que gostamos de chamar de felicidade. Tantas pessoas, tantos desejos, tantas vidas.

Não entrou na estação. Continuou caminhando, caminhando sem rumo pelas ruas da cidade, em direção a um lugar qualquer. O que é a vida, afinal, senão esse eterno caminhar em direção ao nada? Andava, andava vagarosamente, enquanto sua mente corria, corria alucinada por uma série de ideias, uma série de medos, uma série de decisões, uma série de imagens desesperadas e sem sentido. Seu primeiro intuito foi ligar para Cláudia e para Elena, aquelas mulheres que amava tanto e nas quais poderia confiar para auxiliá-la e orientá-la. Mas desistiu da ideia. Sabia que estava em um momento em que a decisão deveria ser sua, apenas sua, e não adiantariam todas as opiniões do mundo, por mais bem intencionadas que pudessem ser. Estava em um ponto onde não havia certo e errado, não havia bem e mal, não havia um procedimento correto e respeitável que pudesse seguir ou que poderia escutar da boca de alguém. Não havia na bíblia um só versículo para orientá-la, não havia no bom-senso uma atitude esperada, não havia em seu coração uma intuição que a guiasse. Estava sozinha, sozinha e abandonada diante de uma decisão que crescia e crescia diante de seus olhos, se tornava cada vez mais forte, um dragão vermelho com a pele de fogo, enquanto se sentia cada vez mais fraca frente ao seu poder.

Sua mente inundou-se com as palavras de Lucas. Sua puta, você está deixando o nosso filho morrer. Amargar o arrependimento o resto da vida. Seria estúpido hesitar diante de uma opção que com certeza o traria de volta? Era assim tão imbecil tremer diante da possibilidade de uma vida sustentada por um cérebro artificial, após um rápido e breve mergulho na morte? Lembrou-se de Carminda, com seu olhar forte e profundo, sua mente eficiente que rapidamente organizava a pilha de papéis, mesmo com todos os seus noventa anos. Ela estava viva, viva, graças ao milagre daquela cirurgia, talvez um presente de Deus para o homem finalmente superar tudo o que teve que aguentar depois de ter sido expulso do jardim de prazeres onde nascera. Mas foi então perseguida pela imagem de Simone, Simone chorando em sua frente, por trás dos óculos de vidro. Jonatas morreu há dois anos, e eu não pude nem ter um enterro para me despedir. Eram palavras fortes, e tão estranhas quando se via aquele menino saudável, caminhando feliz para a aula de natação, puxando o braço da mãe, como tantos garotos que existem por aí...

Como Frank. Como Frank, que late, come e bebe, igual a um cachorro qualquer. Que a recebe quando chega em casa, que balança o rabo, que a segue, que pede para passear. Como Frank, que parece um cachorro qualquer. Mas Frank não late dentro dos hospitais. Frank jamais rosnou para Luíza. Frank pode ser desligado retirando uma bateria. Frank come, late, bebe, dorme, mas pode ser desligado retirando uma bateria. Porém, meu Deus, como aquele cachorro era importante, como precisava dele, como, de repente, já não sabia por que, já o amava...

Quem seria salvo com essa cirurgia, afinal? Rodrigo

ou Luíza? Essa era a pergunta que um dia Stephanie a fizera, ah!, Stephanie, pobre e afortunada Stephanie, pobre por não poder tomar a decisão que agora estava em suas mãos e afortunada por não poder tomar a decisão que pesava tanto em seus ombros. Quem seria salvo com essa cirurgia, afinal? Rodrigo ou Stephanie? Rodrigo ou Luíza? Rodrigo ou Lucas? Não tinha uma resposta para essa pergunta no dia em que fora feita, e não tinha uma resposta para essa pergunta agora. Sabia apenas que sentia uma imensa falta dele.

Começou a chover. Não trouxera uma sombrinha e rapidamente ficou com o corpo encharcado. O sol se punha no horizonte e o vento soprava frio naquele início de noite, fazendo-a se arrepiar. Lembrava-se daquele dia em que se perdera pela cidade, dominada pela culpa e pelo medo, andando na chuva até o anoitecer. Esse parecia ser um dia muito semelhante, mas dessa vez estava consciente. Muito consciente. Podia não estar prestando atenção no mundo à sua volta, nas pessoas que passavam correndo ao seu lado para abrigarem-se da chuva, nos homens e nas mulheres que andavam apressados com suas sombrinhas e seus guarda-chuvas, mas estava muito consciente em seu mundo interno, refletindo intensamente, ponderando tudo o que poderia em relação à decisão imensa que tinha diante de si, e que deveria resolver em menos de vinte e quatro horas.

* * *

Luíza foi para o hospital logo de manhã. Precisava estar ao lado de Rodrigo quando... quando acontecesse. Precisava vê-lo, tocá-lo, cheirá-lo, senti-lo. Sentou-se na cama ao seu lado. Ficou horas admirando-o, fi-

xando-o em sua mente, como se ali pudesse guardá-lo por toda a eternidade. Como se ali ele pudesse encontrar um lugar para viver.

Doutor Henrique se aproximou. Doutor Henrique se aproximou como se fosse a própria morte, com o seu capuz preto e a foice enferrujada, dizendo com uma voz fúnebre e tenebrosa que já estava na hora. Naquele momento, quase se arrependeu de sua decisão. Quase se atirou no chão de joelhos e gritou “sim, sim, sim”, com toda a força de seus pulmões, “sim, sim”, como naquele dia, em frente ao altar, quando o padre perguntou se aceitava Rodrigo como seu esposo e tinha apenas uma resposta nos lábios. Mas naquele dia, naquele dia de outono, não seria essa a palavra que diria.

— Luíza, você aceitará que Rodrigo faça a cirurgia?

Lá estava. Aquele momento que decidiria todo o resto de sua vida, diante de si. Sua voz tremia enquanto soltava as palavras ácidas de sua resposta, mas os olhos estavam secos e resolutos.

— Não. Eu não quero.

Doutor Henrique olhou-a por um longo momento, um olhar cheio de tristeza e pena. Luíza quase chegou a pensar que o médico iria deixar uma lágrima escorrer pelos seus olhos.

— Em todos esses anos, Luíza, em todos esses anos de profissão, você é a única que recusou.

Não respondeu. Que mais havia para ser respondido? O que mais poderia ser dito? Dissera “não”, recusara aquela oportunidade final, e agora só restava aguentar em silêncio as consequências. Suas relações com o doutor Henrique já estavam praticamente extinguidas, já se tornavam parte de um passado que ja-

mais poderia esquecer.

— Vou ter que desligar os aparelhos agora — o médico hesitou. — Eu... Eu não quero fazer isso na sua frente.

Assentiu. Levantou-se, aproximou-se de Rodrigo e beijou-o na testa. Passou a mão em seu cabelo e susurrou que o amava. Em seguida, virou as costas e saiu do CTI. Apenas quando fechou a porta, deixou uma lágrima, uma única lágrima solitária, sair de seu olho esquerdo e espatifar-se no chão.

* * *

O cemitério não estava cheio. Apenas Luíza e sua mãe, Cláudia e Pablo, Frank e os pais de Rodrigo, além de alguns colegas de trabalho e antigos amigos da faculdade. O escritório de advocacia mandara uma bonita coroa de flores, que estava exposta em frente ao caixão. As pessoas conversavam baixinho. Volta e meia Luíza respondia aos desejos de pêsames de alguém que acabara de chegar, ou sorria depois de algum comentário dizendo que foi melhor assim, com certeza agora ele estava em um lugar melhor.

Lucas não dissera uma palavra quando chegara ao cemitério. Quando, por algum estranho acaso, seus olhos cruzavam com os de Lucas, ele simplesmente os desviava, fingindo que jamais a havia visto ali. Luíza havia morrido para ele, não desejava o menor contato com aquela mulher. Talvez fosse melhor assim. Mas Stephanie sofria com isso, realmente se importava com ela. Se arriscaria a dizer que até mesmo a compreendia.

Luíza saiu da sala onde o corpo era velado para res-

pirar um pouco de ar puro. Frank a seguia logo atrás, silencioso, com todo o seu respeito. Olhou para as colinas do cemitério, gramadas e arborizadas. Os longos campos gramados lembraram-na de alguns dos sonhos que tivera ao longo daquele ano. O local era belíssimo, as árvores espalhadas pelas colinas, farfalhando devido ao vento suave que tocava suas folhas, as que caíam das cerejeiras criavam tapetes vermelhos nos grandes e verdes campos. As rosas, as margaridas e os jasmims, espalhados aqui e ali, o lago próximo à capela, onde carpas nadavam. Era um lugar muito agradável, estranhamente agradável por se tratar de um cemitério.

Cláudia aproximou-se, tocou em seu ombro. Não disse nada. Apenas manteve sua presença, aquela forte presença amiga de que tanto precisava. Algumas vezes as palavras são completamente desnecessárias. Não conseguem dizer muita coisa.

Stephanie foi até elas e deu um forte e longo abraço em Luíza. Prometeu que sempre que precisasse de algo, poderia ligar para ela, que faria o que estivesse em seu alcance, como se fosse um pedido de sua própria filha.

Todos voltaram para dentro da sala, onde Elena fez a última oração. Pediu para juntarem as mãos, rezou o “Pai Nosso” com a voz trêmula. Em seguida dedicou um pequeno discurso a Rodrigo, onde enalteceu todas as suas qualidades, toda a competência e honestidade, todo o amor que dedicara à esposa. Luíza aproximou-se e chorou em cima de seu rosto, molhando-o com suas lágrimas. Sabia que estaria vendo-o pela última vez.

O caixão foi fechado e levado ao alto de uma colina, ao lado de uma cerejeira. Finalmente poderia descan-

sar em paz. Luíza chorou muito durante o enterro, chorou muito à medida que o caixão descia e afastava-se de sua visão. Enquanto isso, as folhas vermelhas da cerejeira caíam sobre a grama e o sol se punha no horizonte, despedindo-se do dia com seus últimos raios de luz.

Visite a página do autor
www.leandromarcolino.com.br